



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS

CURSOS LIVRES

MÓDULO III

DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

DA INFÂNCIA À CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE

COMPREENDER O
DESENVOLVIMENTO
É COMPREENDER A
FORMAÇÃO DO SUJEITO.



COMPREENDER
O DESENVOLVIMENTO
É COMPREENDER A
FORMAÇÃO DO SUJEITO.





FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS
— CURSOS LIVRES —



MÓDULO III — DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

VOLUME III — FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

CAPÍTULO 1 — FASES DO DESENVOLVIMENTO

INTRODUÇÃO AO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E À SEXUALIDADE INFANTIL

Epígrafe

A infância não desaparece quando o indivíduo cresce; ela permanece inscrita em sua vida psíquica.



Objetivos do capítulo

Ao final deste capítulo, o estudante deverá ser capaz de:

- compreender o conceito psicanalítico de desenvolvimento psíquico;
- reconhecer a importância da infância na constituição do sujeito;
- diferenciar desenvolvimento biológico, psicológico e psicosssexual;
- compreender o conceito freudiano de sexualidade infantil;
- identificar as fases oral, anal, fálica, de latência e genital;
- relacionar cada fase às respectivas zonas erógenas e formas de satisfação;
- compreender os conceitos de libido, fixação e regressão;
- analisar a influência das experiências infantis na personalidade adulta;
- reconhecer que as fases não são compartimentos rígidos ou completamente isolados;
- aplicar os conceitos estudados à compreensão psicanalítica de situações clínicas.



1. O que é desenvolvimento psíquico?

O desenvolvimento psíquico corresponde ao processo por meio do qual o indivíduo constitui sua vida mental, sua identidade, suas formas de estabelecer vínculos e seus modos particulares de lidar com desejos, frustrações, conflitos e exigências da realidade. Esse desenvolvimento começa nos primeiros momentos da vida e continua, com diferentes transformações, durante toda a existência.

Na perspectiva psicanalítica, a criança não nasce com uma personalidade completamente formada. Ela possui disposições biológicas, necessidades corporais e possibilidades relacionais, mas sua organização psíquica será construída progressivamente. Essa construção ocorre no encontro entre o corpo da criança, suas experiências afetivas, as pessoas que cuidam dela, as regras da cultura e as maneiras pelas quais suas necessidades são satisfeitas ou frustradas.

O desenvolvimento psíquico não deve ser compreendido apenas como amadurecimento biológico. O crescimento do corpo é importante, mas não explica sozinho a constituição da subjetividade. Duas crianças com idades semelhantes podem apresentar maneiras muito diferentes de reagir a uma separação, lidar com limites, buscar atenção ou demonstrar afeto. Essas diferenças revelam que cada pessoa constrói uma história psíquica singular.

Para a Psicanálise, as experiências infantis deixam marcas. Isso não significa que o destino de uma pessoa esteja definitivamente determinado pelos acontecimentos da infância. Significa que as primeiras experiências participam da formação de modelos internos de relacionamento, satisfação, proteção, perda, confiança e defesa.

O desenvolvimento psíquico é, portanto, resultado da interação entre diferentes fatores:

- constituição biológica;
- experiências corporais;
- relações familiares;
- qualidade dos cuidados recebidos;
- presença ou ausência de proteção;
- experiências de satisfação e frustração;
- processos de identificação;
- normas sociais e culturais;
- conflitos inconscientes;
- elaboração das perdas e separações.



A criança não recebe passivamente todas essas experiências. Ela também interpreta, fantasia, deseja e reage. Um mesmo acontecimento pode adquirir significados diferentes para crianças distintas. Por essa razão, a Psicanálise procura compreender não apenas o que aconteceu objetivamente, mas principalmente como o sujeito vivenciou e registrou determinada experiência.

2. Desenvolvimento biológico e desenvolvimento psíquico

O desenvolvimento biológico diz respeito às transformações físicas do organismo: crescimento, maturação neurológica, desenvolvimento motor, alterações hormonais e aquisição de capacidades corporais. O desenvolvimento psíquico refere-se à formação das emoções, dos vínculos, das fantasias, dos desejos, das defesas e da personalidade.

Essas dimensões estão relacionadas, mas não são idênticas. O corpo participa ativamente da constituição do psiquismo. Fome, dor, frio, prazer, sono, contato físico e excitação são experiências corporais que recebem significados psicológicos dentro das relações estabelecidas com as pessoas responsáveis pelos cuidados da criança.

Quando um bebê sente fome, por exemplo, ele vivencia uma tensão corporal. Inicialmente, não consegue compreender a origem dessa tensão nem agir sozinho para eliminá-la. Necessita da presença de outra pessoa. Quando é alimentado, não recebe apenas leite: recebe contato, calor, voz, cheiro, acolhimento e proteção.

A repetição dessas experiências contribui para a formação dos primeiros registros de satisfação. O bebê começa a associar determinadas sensações à presença de alguém que reduz sua tensão. A alimentação transforma-se, assim, em uma experiência simultaneamente biológica, afetiva e relacional.

A ausência, a demora ou a irregularidade dos cuidados também produzem efeitos. Entretanto, não se deve concluir que toda frustração seja prejudicial. Uma frustração moderada e adequada à capacidade da criança pode contribuir para a diferenciação entre desejo e realidade. O problema surge quando a frustração é excessiva, imprevisível ou acompanhada de abandono emocional.

O desenvolvimento saudável não depende de uma satisfação absoluta. Nenhum cuidador consegue atender imediatamente a todas as necessidades da criança. O desenvolvimento acontece justamente na alternância entre presença e ausência, satisfação e espera, prazer e frustração.



3. A importância da infância para a Psicanálise

Uma das contribuições mais importantes da Psicanálise foi demonstrar que a infância possui uma vida psíquica complexa. Antes de Freud, era comum imaginar a criança como um ser inocente, passivo e praticamente desprovido de conflitos internos. Freud rompeu com essa visão ao afirmar que a criança possui desejos, fantasias, curiosidades, conflitos e diferentes formas de obtenção de prazer.

A infância passou a ser compreendida como um período decisivo na formação do psiquismo. É nesse período que se organizam os primeiros vínculos, as primeiras identificações e os primeiros modos de enfrentar a angústia.

Durante a infância, a criança aprende, progressivamente, que não pode obter satisfação imediata para todos os seus desejos. Ela entra em contato com limites, proibições e expectativas. Precisa reconhecer a existência de outras pessoas, aceitar separações e construir recursos internos para suportar a ausência.

Essas experiências participam da passagem do princípio do prazer para uma relação mais elaborada com o princípio da realidade.

O princípio do prazer corresponde à tendência do aparelho psíquico de buscar satisfação e evitar o desprazer. O princípio da realidade não elimina essa busca, mas ensina o indivíduo a adiar, modificar ou substituir determinadas formas de satisfação.

Uma criança pequena deseja que suas necessidades sejam atendidas imediatamente. Com o desenvolvimento, aprende a esperar, negociar, representar mentalmente o objeto ausente e buscar formas socialmente possíveis de satisfação. Esse processo é indispensável à vida coletiva.

A infância não permanece registrada apenas como lembrança consciente. Muitas experiências são inscritas de maneira inconsciente. O adulto pode não recordar determinados acontecimentos, mas ainda apresentar formas de sentir, desejar ou reagir relacionadas às suas experiências iniciais.

Por isso, na clínica psicanalítica, comportamentos atuais podem revelar aspectos de conflitos muito antigos. Uma dificuldade de separação, uma necessidade intensa de aprovação ou uma reação desproporcional à frustração pode estar relacionada a modos infantis de organização psíquica que continuam atuando na vida adulta.

4. O conceito de sexualidade infantil

O conceito de sexualidade infantil provocou intensa resistência quando foi apresentado por Freud. Parte dessa resistência surgiu porque a palavra sexualidade



era entendida exclusivamente como atividade genital adulta. Freud empregou o termo em um sentido muito mais amplo.

Na Psicanálise, sexualidade diz respeito às diferentes formas pelas quais o corpo pode produzir prazer, satisfação e investimento afetivo. A sexualidade infantil não corresponde à sexualidade adulta em tamanho reduzido. Ela possui características próprias e manifesta-se nas relações da criança com seu corpo, com os cuidadores e com os objetos de satisfação.

O bebê encontra prazer na sucção, mesmo quando não está sendo alimentado. A criança pode obter satisfação no controle dos esfíncteres, na retenção, na expulsão, na exploração corporal, na curiosidade e no movimento. Essas experiências demonstram que o corpo infantil possui diferentes regiões capazes de produzir prazer.

Freud denominou essas regiões de **zonas erógenas**. Uma zona erógena é uma parte do corpo que pode tornar-se fonte privilegiada de excitação e satisfação em determinado momento do desenvolvimento.

Nas fases iniciais, a satisfação encontra-se organizada principalmente em torno de uma zona corporal. Posteriormente, as diferentes fontes de prazer tendem a integrar-se sob a primazia da organização genital. Esse percurso não é completamente linear. Experiências anteriores permanecem presentes e podem reaparecer em determinadas circunstâncias.

Reconhecer a sexualidade infantil não significa sexualizar indevidamente a infância. Significa compreender que o corpo infantil produz prazer e participa da formação psíquica desde o início da vida.

5. O conceito de libido

Freud utilizou o termo **libido** para designar a energia relacionada às pulsões sexuais e aos investimentos afetivos. A libido pode ser direcionada ao próprio corpo, a outras pessoas, a atividades, ideias e objetos.

No início da vida, grande parte da libido encontra-se voltada para o próprio corpo. Progressivamente, ela passa a ser investida em objetos externos, especialmente nas pessoas responsáveis pelos cuidados da criança.

Em Psicanálise, a palavra objeto não significa apenas uma coisa material. O objeto pode ser uma pessoa, uma parte do corpo, uma representação mental ou qualquer elemento no qual a pulsão busca satisfação.



A mãe, o pai ou outro cuidador podem tornar-se objetos de investimento libidinal porque estão associados à satisfação, à proteção e ao prazer. Mais tarde, outros objetos serão incluídos na vida afetiva do sujeito.

A libido não permanece distribuída de forma permanente. Ela pode deslocar-se, retirar-se de um objeto e ser investida em outro. Uma pessoa pode direcionar grande quantidade de energia psíquica para uma relação, um projeto profissional, uma produção artística ou uma atividade intelectual.

Esse deslocamento ajuda a compreender fenômenos como paixão, luto, criação e sublimação.

6. A organização das fases do desenvolvimento psicosssexual

Freud descreveu o desenvolvimento psicosssexual por meio de fases. Cada fase recebe o nome da zona corporal que ocupa uma posição predominante na organização da satisfação.

As fases são:

1. fase oral;
2. fase anal;
3. fase fálica;
4. período de latência;
5. fase genital.

Essas fases não devem ser interpretadas como etapas rígidas, delimitadas por datas absolutamente precisas. As idades indicadas são aproximadas. O desenvolvimento varia conforme a constituição da criança, suas relações, sua cultura e suas experiências.

A passagem para uma nova fase não elimina completamente a anterior. Elementos das organizações precedentes continuam presentes na personalidade. O adulto ainda utiliza a boca para obter prazer, continua lidando com questões de controle e pode manifestar curiosidades e conflitos relacionados à sexualidade.

O desenvolvimento não ocorre pela substituição total de uma fase por outra, mas por integração, transformação e reorganização.

7. A fase oral

A fase oral corresponde, aproximadamente, ao primeiro ano e meio de vida. Nesse período, a boca constitui a principal zona de obtenção de prazer.



A alimentação é uma atividade essencial à sobrevivência, mas a experiência oral ultrapassa a necessidade de nutrição. O bebê encontra satisfação na sucção, no contato dos lábios, na ingestão e na exploração dos objetos com a boca.

É comum que bebês levem as mãos, brinquedos e outros objetos à boca. Esse comportamento não deve ser compreendido apenas como uma tentativa de alimentação. A boca funciona como importante instrumento de exploração do mundo.

7.1 A experiência da amamentação

A amamentação constitui uma experiência complexa. Nela estão presentes:

- redução da fome;
- contato corporal;
- sensação de calor;
- reconhecimento da voz;
- percepção do cheiro;
- experiência de acolhimento;
- prazer produzido pela sucção.

O seio, a mamadeira ou outro recurso de alimentação não representa apenas uma fonte de alimento. Ele participa da primeira relação significativa entre necessidade corporal e satisfação psíquica.

O bebê ainda não possui uma representação plenamente organizada de quem cuida dele. Inicialmente, percebe experiências fragmentadas: a voz, o cheiro, o toque e a presença que alivia o desconforto. A integração dessas experiências contribui para a formação das primeiras representações de objeto.

7.2 Incorporação e identificação

A dinâmica oral envolve a ideia de colocar algo dentro do corpo. A incorporação constitui um modelo primitivo de relação: possuir o objeto por meio de sua introdução no interior de si.

Posteriormente, esse modelo corporal poderá participar de processos psicológicos mais complexos. O indivíduo pode desejar incorporar qualidades de alguém admirado, tomando essa pessoa como modelo.

Essa apropriação simbólica participa do processo de identificação. A criança assimila características, valores e comportamentos das pessoas com as quais mantém vínculos significativos.

7.3 Dependência e confiança



Durante a fase oral, o bebê depende intensamente dos cuidadores. Não consegue alimentar-se, locomover-se ou proteger-se sozinho. A qualidade dos cuidados influencia a formação de sentimentos básicos de confiança e segurança.

Cuidados suficientemente constantes favorecem a construção de uma expectativa de que o desconforto poderá ser reduzido e de que a ausência não representa necessariamente abandono definitivo.

Isso não exige perfeição. O cuidador pode falhar, demorar ou interpretar incorretamente algumas necessidades. O aspecto decisivo é a existência de uma experiência geral de cuidado, continuidade e reparação.

7.4 Manifestações orais na vida adulta

Aspectos da organização oral podem permanecer na vida adulta. Comer, beber, fumar, falar, beijar e roer unhas são atividades relacionadas à região oral.

Não se deve considerar toda atividade oral como sinal de problema psicológico. A boca continua sendo uma zona de prazer durante toda a vida. A interpretação clínica depende da intensidade, da função e do contexto do comportamento.

Em situações de ansiedade, algumas pessoas aumentam o consumo de alimentos, bebidas ou cigarros. Nesses casos, a atividade oral pode estar funcionando como tentativa de reduzir uma tensão emocional.

8. A fase anal

A fase anal ocorre, aproximadamente, entre um ano e meio e três anos de idade. Nesse período, a região anal e os processos de retenção e expulsão assumem importância especial.

A criança desenvolve maior controle muscular e começa a participar ativamente do treinamento esfinteriano. Descobre que pode reter ou liberar as fezes e que suas ações provocam reações nos adultos.

Essa conquista produz uma nova experiência de autonomia. A criança percebe que possui algum controle sobre o próprio corpo e sobre aspectos de sua relação com os cuidadores.

8.1 Controle e autonomia

Durante a fase oral, a criança encontra-se em uma posição de grande dependência. Na fase anal, passa a experimentar o poder de decidir, ainda que de maneira limitada.



Ela pode atender ao pedido dos adultos ou recusá-lo. Pode reter, expulsar, cooperar ou resistir. O controle dos esfíncteres transforma-se em um campo de negociação entre a criança e as exigências do ambiente.

Expressões como “sim”, “não”, “meu” e “eu faço” tornam-se frequentes. A criança começa a afirmar sua vontade e a testar os limites impostos pelos adultos.

8.2 Retenção e expulsão

Freud relacionou a fase anal a duas tendências fundamentais:

- retenção;
- expulsão.

A retenção envolve guardar, controlar e manter. A expulsão envolve liberar, eliminar e entregar. Essas experiências corporais podem fornecer modelos para formas posteriores de comportamento.

Características como organização, economia, teimosia, controle e apego podem apresentar relações simbólicas com aspectos retentivos. Desordem, agressividade, desperdício ou prazer em provocar podem associar-se a aspectos expulsivos.

Essas relações não devem ser aplicadas de forma mecânica. Uma pessoa organizada não possui, necessariamente, uma fixação anal. A interpretação exige compreensão da história do sujeito e da função psíquica de seus comportamentos.

8.3 O treinamento esfinteriano

A maneira como os cuidadores conduzem o treinamento esfinteriano pode exercer influência sobre a experiência infantil de autonomia.

Uma condução extremamente rígida, humilhante ou punitiva pode transformar o controle corporal em fonte de vergonha e conflito. Por outro lado, a ausência completa de orientação também pode dificultar a construção de limites.

O processo tende a ser mais saudável quando respeita o ritmo da criança, reconhece suas conquistas e introduz gradualmente as expectativas sociais.

A criança precisa perceber que pode desenvolver controle sem perder o afeto dos cuidadores. Precisa aprender que existem regras, mas que seus erros não a tornam indigna de amor.



9. A fase fálica

A fase fálica ocorre, aproximadamente, entre três e cinco ou seis anos. Nesse período, a atenção da criança volta-se intensamente para os órgãos genitais, para as diferenças corporais e para as relações familiares.

A criança demonstra curiosidade sobre o próprio corpo e o corpo das outras pessoas. Pode fazer perguntas sobre nascimento, gravidez e diferenças anatômicas.

Essa curiosidade constitui parte do desenvolvimento. A maneira como os adultos respondem pode favorecer uma relação mais saudável com o corpo ou produzir vergonha e culpa excessivas.

9.1 A descoberta das diferenças corporais

A percepção das diferenças anatômicas provoca perguntas e teorias. Como a criança ainda não possui conhecimentos científicos suficientes, constrói explicações próprias.

Freud denominou essas explicações de **teorias sexuais infantis**. Elas representam tentativas de compreender temas como nascimento, reprodução e diferença entre os sexos.

Essas teorias revelam que a criança participa ativamente da construção de conhecimentos. Ela observa, pergunta, fantasia e interpreta.

9.2 O lugar do falo

Na teoria freudiana, o termo falo não deve ser reduzido ao órgão anatômico masculino. Ele assume uma função simbólica relacionada ao poder, ao valor, à presença e àquilo que se imagina capaz de completar o outro.

A organização fálica envolve questões relativas a possuir, perder ou representar aquilo que é valorizado. Essas questões terão importância na formação das identificações e na organização do Complexo de Édipo.

O estudo detalhado do Complexo de Édipo será realizado no segundo capítulo da apostila.

9.3 Identificação e relações familiares

Durante a fase fálica, intensificam-se os vínculos afetivos com as figuras parentais. A criança deseja ocupar um lugar especial no desejo dos cuidadores e pode apresentar ciúme ou rivalidade.



Ao mesmo tempo, identifica-se com essas figuras, incorporando aspectos de seus comportamentos, valores e formas de se relacionar.

O processo de identificação será fundamental para a formação da personalidade e para a constituição do Superego.

10. O período de latência

O período de latência inicia-se, aproximadamente, por volta dos seis anos e estende-se até a puberdade.

Nesse período, as manifestações diretamente ligadas à sexualidade infantil tornam-se menos evidentes. Parte da energia psíquica é direcionada para a aprendizagem, as amizades, os jogos, as habilidades e a participação em grupos.

A palavra latência não significa ausência completa de sexualidade. Significa que determinadas manifestações encontram-se parcialmente recalcadas, reorganizadas ou canalizadas para outras atividades.

10.1 A entrada no universo escolar

O ingresso na escola amplia significativamente o mundo social da criança. Ela passa a conviver com professores, colegas, regras coletivas e diferentes formas de autoridade.

A aprendizagem exige concentração, adiamento da satisfação e capacidade de suportar erros. A criança precisa reconhecer que nem sempre será a primeira, a melhor ou o centro das atenções.

As experiências escolares podem fortalecer a autoestima, a cooperação e o sentimento de competência. Também podem despertar rivalidades, inseguranças e medo do fracasso.

10.2 Sublimação

A sublimação é o processo pelo qual a energia pulsional é direcionada para atividades socialmente valorizadas, como estudo, arte, esporte, ciência, trabalho e participação comunitária.

No período de latência, a sublimação assume especial importância. A curiosidade infantil pode transformar-se em interesse pelo conhecimento. A energia corporal pode ser direcionada para atividades esportivas. Fantasias e conflitos podem encontrar expressão em desenhos, histórias e brincadeiras.

A sublimação não elimina a pulsão. Ela oferece novos destinos para sua energia.



10.3 Socialização e formação de grupos

A criança amplia seus investimentos afetivos para além do núcleo familiar. As amizades tornam-se mais importantes, e a participação em grupos favorece a construção de identidade social.

Nesse contexto, aprende a cooperar, competir, compartilhar, respeitar regras e enfrentar rejeições. Essas experiências contribuem para o desenvolvimento emocional.

11. A fase genital

A fase genital inicia-se com a puberdade e acompanha a adolescência e a vida adulta. As transformações corporais e hormonais reorganizam a sexualidade.

As pulsões parciais, anteriormente organizadas em torno de diferentes zonas erógenas, tendem a integrar-se sob a primazia genital. O interesse amoroso direciona-se de maneira mais intensa para objetos externos.

Entretanto, atingir a fase genital não significa alcançar automaticamente plena maturidade emocional. O desenvolvimento psíquico continua, e os conflitos das fases anteriores permanecem capazes de influenciar as relações atuais.

11.1 Puberdade e reorganização psíquica

A puberdade transforma o corpo e exige uma reorganização da imagem que o adolescente possui de si mesmo. O sujeito precisa elaborar a perda do corpo infantil e adaptar-se a novas capacidades e expectativas.

Esse processo pode produzir insegurança, vergonha, ansiedade e oscilação emocional. O adolescente busca autonomia, mas ainda necessita de proteção e reconhecimento.

11.2 Escolha de objeto

Na adolescência, intensifica-se a escolha de objetos amorosos externos ao núcleo familiar. O sujeito procura novas formas de vínculo, intimidade e reconhecimento.

As escolhas amorosas não são determinadas exclusivamente pela aparência ou pela vontade consciente. Elas também recebem influência das experiências infantis, das identificações e dos modelos internos de relacionamento.



11.3 Maturidade afetiva

Na perspectiva psicanalítica, a maturidade afetiva não corresponde à ausência de conflitos. Uma pessoa madura também sente ciúme, medo, raiva e insegurança.

A maturidade envolve maior capacidade para:

- reconhecer a realidade do outro;
- suportar frustrações;
- estabelecer relações de reciprocidade;
- diferenciar desejo e realidade;
- assumir responsabilidade pelas próprias escolhas;
- lidar com ambivalências;
- elaborar perdas;
- amar sem exigir a completa anulação do outro.

12. Fixação

A fixação ocorre quando determinada quantidade de energia libidinal permanece especialmente ligada a uma fase, objeto ou forma de satisfação.

Todas as pessoas conservam elementos das fases anteriores. A fixação torna-se clinicamente relevante quando limita a flexibilidade do sujeito ou faz com que ele dependa excessivamente de uma forma específica de satisfação.

Uma fixação oral pode aparecer na busca intensa por dependência, acolhimento ou satisfação através da boca. Uma fixação anal pode manifestar-se por controle excessivo, rigidez ou dificuldade de desprendimento. Uma fixação fálica pode relacionar-se à necessidade intensa de reconhecimento, competição ou confirmação do próprio valor.

Essas relações são hipóteses interpretativas, não diagnósticos automáticos.

13. Regressão

A regressão corresponde ao retorno a formas anteriores de funcionamento psíquico. Pode ocorrer diante de conflitos, frustrações, perdas ou situações de intensa ansiedade.

Uma pessoa adulta, ao enfrentar uma situação difícil, pode apresentar comportamentos mais dependentes, impulsivos ou infantis. Isso não significa que tenha literalmente retornado à infância. Significa que recorreu a modos antigos de organização psíquica.



A regressão pode ser temporária e até mesmo necessária. Durante uma doença, por exemplo, uma pessoa pode precisar receber mais cuidado e proteção.

Ela se torna problemática quando impede o enfrentamento da realidade ou se transforma na principal forma de reação aos conflitos.

14. As fases não são rótulos de personalidade

Um dos erros mais comuns no estudo das fases do desenvolvimento é transformar os conceitos em rótulos.

Não é adequado afirmar que toda pessoa que fuma possui fixação oral ou que toda pessoa organizada apresenta personalidade anal. Um comportamento pode possuir múltiplas causas e diferentes significados.

A interpretação psicanalítica considera:

- a história do sujeito;
- o contexto em que o comportamento aparece;
- os afetos envolvidos;
- a intensidade e a frequência;
- as fantasias associadas;
- a função defensiva;
- os vínculos atuais;
- a maneira singular como o sujeito descreve sua experiência.

Os conceitos psicanalíticos devem ampliar a compreensão, não reduzir a pessoa a uma classificação rígida.

15. Aplicação à prática psicanalítica

O conhecimento das fases do desenvolvimento ajuda o psicanalista a formular hipóteses sobre a organização psíquica do paciente. Essas hipóteses não são apresentadas como verdades definitivas, mas construídas e revisadas ao longo do processo analítico.

Durante a escuta clínica, podem aparecer temas relacionados à dependência, ao controle, à rivalidade, à vergonha, ao medo de abandono ou à dificuldade de separação.

O analista procura compreender:

- como o paciente estabelece vínculos;
- o que espera das outras pessoas;
- como reage às frustrações;



- quais formas de satisfação procura;
- como enfrenta perdas e separações;
- quais defesas utiliza;
- que padrões se repetem em sua vida.

A relação transferencial pode atualizar aspectos dessas experiências. O paciente pode vivenciar o analista como alguém que alimenta, abandona, controla, julga, protege ou frustra.

A análise dessas repetições permite que modos antigos de relação sejam reconhecidos e elaborados.



Resumo do capítulo

O desenvolvimento psíquico é o processo de constituição da vida mental, da personalidade e das formas de relacionamento. Ele resulta da interação entre corpo, experiências afetivas, vínculos familiares, cultura, satisfação e frustração.

Freud demonstrou que a infância possui uma vida psíquica complexa e que a sexualidade está presente desde os primeiros anos, entendida como busca corporal de prazer e satisfação.

O desenvolvimento psicosssexual foi organizado em fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital. Cada fase possui uma zona erógena predominante e apresenta conflitos específicos.

As fases não desaparecem completamente. Seus elementos são integrados à personalidade e podem reaparecer por meio de fixações e regressões.

O conhecimento dessas fases auxilia a compreensão clínica, desde que não seja utilizado de maneira rígida ou classificatória.



Glossário

Desenvolvimento psíquico: processo de formação e transformação da vida mental.

Libido: energia relacionada às pulsões sexuais e aos investimentos afetivos.

Objeto: pessoa, parte do corpo, representação ou elemento por meio do qual a pulsão busca satisfação.

Zona erógena: região corporal capaz de produzir excitação e prazer.

Fase oral: etapa em que a boca constitui a principal zona de satisfação.

Fase anal: etapa relacionada ao controle dos esfíncteres, à retenção e à expulsão.

Fase fálica: etapa marcada pela atenção aos genitais, pelas diferenças corporais e pelas relações edípicas.

Latência: período de relativa diminuição das manifestações sexuais evidentes e de maior investimento na aprendizagem e na socialização.

Fase genital: organização da sexualidade que se intensifica com a puberdade.

Fixação: permanência significativa da libido em uma fase ou forma anterior de satisfação.

Regressão: retorno temporário ou persistente a formas anteriores de funcionamento psíquico.

Identificação: processo pelo qual o sujeito assimila características de outra pessoa.

Sublimação: direcionamento da energia pulsional para atividades socialmente valorizadas.



Atividades de aprendizagem

1. Explique o conceito psicanalítico de desenvolvimento psíquico.
2. Diferencie desenvolvimento biológico e desenvolvimento psíquico.
3. Por que a infância ocupa um lugar central na teoria psicanalítica?
4. O que Freud compreendia por sexualidade infantil?
5. Explique o conceito de libido.
6. O que é uma zona erógena?
7. Quais são as cinco fases do desenvolvimento psicosssexual?
8. Quais experiências caracterizam a fase oral?
9. Como a alimentação participa da formação dos primeiros vínculos?
10. Qual é a relação entre a fase anal e a autonomia?
11. Explique as tendências de retenção e expulsão.
12. Por que o treinamento esfinteriano pode ter importância psíquica?
13. Quais são as principais características da fase fálica?
14. O que são teorias sexuais infantis?
15. Por que o período de latência não significa ausência de sexualidade?
16. Explique a importância da sublimação durante a latência.
17. Quais transformações psíquicas acompanham a puberdade?
18. O que é fixação?
19. O que é regressão?
20. Por que as fases do desenvolvimento não devem ser utilizadas como rótulos?



Questões para reflexão

1. Como as primeiras experiências de cuidado podem influenciar as relações estabelecidas na vida adulta?
2. De que maneira satisfação e frustração participam conjuntamente do desenvolvimento?
3. Toda manifestação oral na vida adulta deve ser interpretada como fixação? Justifique.
4. Como as exigências familiares e culturais interferem no desenvolvimento psicosssexual?
5. Qual é a importância de respeitar a singularidade do sujeito na interpretação psicanalítica?



Proposta de estudo de caso

Um paciente adulto relata sentir intensa angústia sempre que uma pessoa demora a responder às suas mensagens. Nessas situações, acredita imediatamente que será abandonado. Para aliviar a ansiedade, costuma comer compulsivamente e procurar várias pessoas ao mesmo tempo, exigindo atenção e confirmação de afeto.

Com base no capítulo, responda:

1. Quais elementos da fase oral podem auxiliar na compreensão do caso?
2. Como a dependência afetiva aparece no relato?
3. O comportamento alimentar deve ser interpretado isoladamente? Por quê?
4. Qual pode ser a função psíquica da busca constante por atenção?
5. Como o analista poderia investigar essas questões sem impor uma interpretação precipitada?



Leitura complementar sugerida

- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.
- FREUD, Sigmund. *A organização genital infantil*.
- FREUD, Sigmund. *A dissolução do Complexo de Édipo*.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*.
- NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*.
- ZIMERMAN, David E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*.



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS
— CURSOS LIVRES —



MÓDULO III — DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

VOLUME III — FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

CAPÍTULO 2 — COMPLEXO DE ÉDIPO

Epígrafe

O Complexo de Édipo representa um momento decisivo no qual a criança precisa reconhecer que não ocupa, sozinha, o centro do desejo das pessoas que ama.



Objetivos do capítulo

Ao final deste capítulo, o estudante deverá ser capaz de:

- compreender a origem e o significado do conceito de Complexo de Édipo;
- identificar o mito grego que inspirou Freud;
- reconhecer o lugar do Complexo de Édipo na teoria psicanalítica;
- diferenciar o Édipo positivo, negativo e completo;
- compreender os vínculos de amor, rivalidade, ciúme e identificação;
- analisar a função da interdição e dos limites;
- compreender a relação entre o Édipo e a constituição do Superego;
- reconhecer a importância da triangulação psíquica;
- diferenciar função materna, função paterna e pessoas concretas;
- compreender as particularidades do Édipo em diferentes configurações familiares;
- analisar as contribuições de Freud, Klein e Lacan;
- reconhecer as críticas contemporâneas ao modelo edípico clássico;
- relacionar o Complexo de Édipo à formação da personalidade;
- aplicar os conceitos à escuta psicanalítica sem interpretações rígidas.



1. O que é o Complexo de Édipo?

O Complexo de Édipo é um conjunto organizado de desejos amorosos, sentimentos hostis, fantasias, identificações e conflitos que a criança vivencia em relação às figuras parentais ou às pessoas que exercem funções fundamentais em sua vida.

Em sua formulação clássica, a criança dirige um investimento amoroso mais intenso a uma das figuras parentais e experimenta a outra como rival. Entretanto, essa descrição não deve ser compreendida como um esquema simples, rígido ou necessariamente consciente. A vida afetiva infantil é ambivalente e pode envolver amor, admiração, ciúme, hostilidade, medo e desejo de identificação em relação às mesmas pessoas.

O Complexo de Édipo ocupa uma posição central na teoria freudiana porque participa da organização da sexualidade, das identificações, das interdições e da formação do Superego. Por meio de sua elaboração, a criança começa a reconhecer que existem relações das quais ela não é o centro absoluto.

A criança precisa aceitar que as pessoas que ama possuem desejos, interesses e vínculos que não dependem exclusivamente dela. Essa descoberta pode provocar ciúme e frustração, mas também favorece o desenvolvimento da autonomia e o reconhecimento da alteridade.

O termo **complexo** indica que não se trata de um único sentimento. O Édipo reúne diferentes representações e afetos ligados entre si. A criança pode amar uma figura parental e, ao mesmo tempo, desejar afastá-la; pode sentir rivalidade e, simultaneamente, querer parecer-se com ela.

Essa ambivalência não constitui, por si só, uma doença. Ela faz parte da complexidade do desenvolvimento psíquico.

2. A origem do nome: o mito de Édipo

Freud tomou o nome do conceito da tragédia grega de Édipo, conhecida principalmente por meio da obra *Édipo Rei*, de Sófocles.

Segundo o mito, Laio, rei de Tebas, recebeu a profecia de que seria morto pelo próprio filho. Para impedir que isso acontecesse, ordenou que o recém-nascido fosse abandonado. A criança, porém, sobreviveu e foi criada por outra família, recebendo o nome de Édipo.



Já adulto, Édipo soube de uma profecia segundo a qual mataria o pai e se casaria com a mãe. Como acreditava que seus pais adotivos fossem seus pais biológicos, decidiu afastar-se deles para evitar o destino anunciado.

Durante sua viagem, encontrou um homem em uma estrada. Após um conflito, matou-o, sem saber que aquele homem era Laio, seu verdadeiro pai.

Mais tarde, Édipo chegou a Tebas e solucionou o enigma da Esfinge, libertando a cidade. Como recompensa, tornou-se rei e casou-se com Jocasta, a rainha viúva, sem saber que ela era sua mãe.

Quando a verdade foi revelada, Jocasta tirou a própria vida e Édipo feriu os próprios olhos, condenando-se à cegueira e ao exílio.

Freud não utilizou o mito para afirmar que toda pessoa realizará literalmente os atos de Édipo. O mito foi empregado como representação dramática de desejos, rivalidades e proibições presentes, de formas diversas, na vida psíquica.

É importante observar que Édipo não sabia que havia matado o pai e se casado com a mãe. A tragédia está relacionada ao desconhecimento. Esse aspecto foi particularmente significativo para Freud, cuja teoria demonstra que o sujeito nem sempre conhece as forças inconscientes que influenciam suas escolhas.

3. A descoberta freudiana do conflito edípico

Freud começou a formular o conflito edípico durante seu processo de autoanálise, no final do século XIX. Ao examinar seus sonhos, recordações e sentimentos infantis, percebeu a existência de uma ligação afetiva intensa com a mãe e de sentimentos de rivalidade em relação ao pai.

Ele encontrou no mito de Édipo uma representação para essa configuração afetiva. Posteriormente, desenvolveu o conceito em diferentes obras, relacionando-o à sexualidade infantil, à formação da consciência moral, à identificação e à organização da personalidade.

O Complexo de Édipo não foi apresentado por Freud de uma só vez em uma teoria completamente acabada. O conceito sofreu transformações ao longo de sua obra.

Em seus primeiros desenvolvimentos, Freud enfatizou o desejo amoroso dirigido à figura parental do sexo oposto e a rivalidade em relação à figura do mesmo sexo. Mais tarde, reconheceu que a situação era mais complexa e que a criança podia dirigir amor e hostilidade a ambas as figuras parentais.

Essa elaboração levou à distinção entre Édipo positivo, Édipo negativo e Édipo completo.



4. O Complexo de Édipo e a fase fálica

Na teoria freudiana, o Complexo de Édipo atinge sua expressão mais evidente durante a fase fálica, aproximadamente entre os três e os cinco ou seis anos.

Nesse período, a criança demonstra maior curiosidade acerca do corpo, das diferenças anatômicas, do nascimento e das relações entre os adultos. Ela deseja compreender de onde vêm os bebês, por que os corpos são diferentes e qual é seu lugar dentro da família.

Ao mesmo tempo, intensificam-se os investimentos afetivos dirigidos às figuras parentais. A criança pode desejar exclusividade, sentir ciúme e tentar interferir na relação existente entre os adultos.

Expressões como “quando eu crescer, vou me casar com a mamãe” ou “o papai é meu” podem manifestar fantasias relacionadas a esse momento. Essas falas não devem ser interpretadas com o mesmo significado que teriam na sexualidade adulta.

A criança utiliza os recursos psíquicos e linguísticos de que dispõe para expressar seu desejo de ocupar um lugar privilegiado. Ela quer ser escolhida, admirada e reconhecida pelas pessoas das quais depende afetivamente.

O conflito surge porque esse desejo encontra limites. A criança percebe que não pode possuir inteiramente a figura amada nem eliminar a existência das demais relações.

5. O desejo de exclusividade

Nos primeiros anos, a criança depende intensamente das pessoas responsáveis por seus cuidados. Essas pessoas oferecem alimento, proteção, contato e reconhecimento. Por isso, tornam-se objetos fundamentais de investimento afetivo.

A criança pode desejar que a atenção dessas figuras se volte exclusivamente para ela. A presença de outra pessoa, como um dos pais, um irmão ou qualquer vínculo importante do cuidador, pode ser experimentada como ameaça.

O desejo de exclusividade aparece em diferentes comportamentos:

- tentativa de interromper conversas entre adultos;
- ciúme diante da atenção oferecida a um irmão;
- insistência em dormir com os cuidadores;
- recusa em aceitar momentos de separação;
- competição pelo afeto de uma figura parental;
- desejo de ocupar o lugar de outro membro da família;



- necessidade de ser constantemente confirmada como favorita.

Essas manifestações devem ser compreendidas dentro do processo de desenvolvimento. Elas não demonstram necessariamente uma patologia.

A criança precisa construir, gradualmente, a capacidade de compartilhar o amor e a atenção. Precisa descobrir que a existência de outros vínculos não significa, obrigatoriamente, que ela será abandonada.

6. Amor, rivalidade e ambivalência

A experiência edípica é marcada pela ambivalência. Esse conceito corresponde à presença simultânea de sentimentos opostos dirigidos à mesma pessoa.

A criança pode amar profundamente o pai e, ao mesmo tempo, sentir ciúme dele. Pode admirar a mãe e desejar afastá-la em determinados momentos. Pode rivalizar com uma figura parental e, simultaneamente, querer tornar-se semelhante a ela.

A ambivalência não desaparece completamente na vida adulta. É possível amar alguém e sentir raiva dessa pessoa; desejar proximidade e, ao mesmo tempo, temer a dependência; admirar e invejar.

Durante a experiência edípica, a criança começa a lidar com essa complexidade. A figura rival não é apenas um obstáculo. Ela também pode ser uma pessoa amada, protetora e tomada como modelo.

Essa situação produz um conflito: como afastar alguém de quem também se depende e a quem se ama? Uma das saídas possíveis será a identificação.

Em lugar de tentar eliminar o rival, a criança passa a assimilar algumas de suas características. Desse modo, a rivalidade pode transformar-se parcialmente em admiração e identificação.

7. Édipo positivo

O Complexo de Édipo positivo corresponde à formulação mais conhecida da teoria freudiana.

Nessa configuração, a criança dirige seus desejos amorosos predominantemente à figura parental do sexo oposto e vivencia a figura do mesmo sexo como rival.

No modelo clássico referente ao menino, ele dirige seu investimento amoroso à mãe e percebe o pai como obstáculo à realização de seu desejo de exclusividade. Ao mesmo tempo, ama e admira o pai, o que torna o conflito ambivalente.



Na descrição clássica referente à menina, o investimento amoroso volta-se predominantemente ao pai, enquanto a mãe pode ser vivenciada como rival.

Essas formulações pertencem ao contexto histórico da obra de Freud. Não devem ser aplicadas como regras universais ou como padrões obrigatórios de desenvolvimento.

A experiência edípica pode assumir diversas formas, dependendo dos vínculos, das identificações, da organização familiar e da história singular da criança.

8. Édipo negativo

No Complexo de Édipo negativo, a direção predominante dos investimentos aparece invertida em relação ao modelo positivo.

A criança pode dirigir sentimentos amorosos mais intensos à figura parental do mesmo sexo e experimentar a figura do sexo oposto como rival.

Freud reconheceu que os investimentos afetivos não seguem uma única direção. Uma criança pode desejar proximidade, reconhecimento e exclusividade de qualquer uma das figuras parentais.

O conceito de Édipo negativo ampliou a compreensão freudiana, demonstrando que a sexualidade e as identificações infantis são mais complexas do que uma simples divisão baseada no sexo das figuras envolvidas.

A designação “negativo” não significa ruim, patológico ou moralmente inadequado. O termo indica apenas uma configuração inversa àquela denominada positiva.

9. Complexo de Édipo completo

Freud passou a afirmar que, em sua forma completa, o Complexo de Édipo reúne tendências positivas e negativas.

A criança pode amar e rivalizar com ambas as figuras parentais. Pode desejar possuir uma delas, ser amada pela outra, afastar uma, identificar-se com ambas e ocupar diferentes posições em suas fantasias.

O Complexo de Édipo completo envolve:

- amor por uma figura parental;
- hostilidade em relação à figura percebida como rival;
- amor pela figura inicialmente vivenciada como rival;
- rivalidade com a figura inicialmente desejada;
- desejo de possuir;



- desejo de ser amado;
- medo de perder o amor;
- processos de identificação com ambas as figuras.

Essa formulação demonstra que o psiquismo não se organiza segundo divisões absolutamente simples. A criança pode assumir diferentes posições afetivas, e os investimentos podem variar ao longo do desenvolvimento.

10. A triangulação psíquica

O Complexo de Édipo introduz a criança em uma estrutura triangular. A relação deixa de ser imaginada apenas como uma unidade formada pela criança e por seu cuidador principal.

A triangulação ocorre quando a criança reconhece a existência de um terceiro elemento que limita a ilusão de exclusividade.

Esse terceiro não precisa ser, necessariamente, o pai biológico. Pode ser representado por:

- outro cuidador;
- um companheiro ou uma companheira;
- irmãos;
- o trabalho;
- as regras familiares;
- a cultura;
- a linguagem;
- os interesses próprios do cuidador;
- qualquer elemento que demonstre que o desejo do outro não pertence completamente à criança.

A triangulação ajuda a criança a perceber que o cuidador possui uma vida própria. Essa descoberta é frustrante, mas estruturante.

Quando a criança reconhece a existência do terceiro, começa a compreender que as relações possuem limites e que nenhuma pessoa pode satisfazer integralmente todos os desejos de outra.

Essa compreensão participa da formação da autonomia, da capacidade de esperar e da possibilidade de construir relações fora do núcleo familiar.



11. Função materna

Na Psicanálise, a expressão **função materna** não se refere exclusivamente à mãe biológica ou a uma mulher. Trata-se da função de cuidado, acolhimento, proteção e interpretação das necessidades iniciais da criança.

A pessoa que exerce essa função ajuda a organizar as experiências corporais e emocionais do bebê. Ela procura compreender o choro, oferece alimento, reduz desconfortos e nomeia aquilo que está acontecendo.

Ao dizer “você está com fome”, “está com sono” ou “assustou-se com o barulho”, o cuidador atribui significados às experiências da criança. Esse processo contribui para a construção do psiquismo.

A função materna envolve proximidade, mas não deve aprisionar a criança em uma relação de dependência absoluta. Progressivamente, o cuidador precisa permitir separações e reconhecer a criança como um sujeito distinto.

A presença de falhas moderadas também participa desse desenvolvimento. Ao esperar por um curto período ou aceitar que o cuidador se ocupe de outra atividade, a criança começa a desenvolver recursos internos para suportar a ausência.

12. Função paterna

A expressão **função paterna** também não deve ser limitada ao pai biológico ou a um homem. Ela designa a função que introduz a diferença, o limite e a separação na relação entre a criança e o cuidador principal.

A função paterna demonstra que a criança não é o único objeto de interesse do cuidador. Ela introduz a existência de outras pessoas, desejos, regras e responsabilidades.

Essa função contribui para que a criança:

- reconheça limites;
- suporte a frustração;
- aceite a existência de terceiros;
- abandone a fantasia de exclusividade;
- diferencie desejo e realidade;
- compreenda que existem regras coletivas;
- desenvolva maior autonomia;
- amplie seus vínculos para além do ambiente familiar.



Função materna e função paterna não estão necessariamente vinculadas ao sexo ou ao gênero de quem as exerce. Uma mesma pessoa pode desempenhar aspectos de ambas as funções, e diferentes pessoas podem compartilhá-las.

O aspecto essencial é que existam cuidado e limite, acolhimento e separação, proximidade e abertura para o mundo.

13. A interdição do incesto

Um elemento central do Complexo de Édipo é a interdição do incesto. Essa interdição estabelece que determinados vínculos familiares não podem transformar-se em relações conjugais ou sexuais.

Para a criança, a interdição representa um limite ao desejo de ocupar o lugar de parceiro exclusivo de uma figura parental.

Essa proibição não depende apenas de uma fala explícita. Ela está presente na organização das posições familiares, nas regras culturais e na maneira como os adultos estabelecem limites.

A interdição do incesto possui uma função estruturante porque diferencia lugares e gerações. Ela ajuda a organizar as posições de criança, cuidador, pai, mãe, filho, filha e demais relações familiares.

Quando essas fronteiras são respeitadas, a criança pode permanecer em seu lugar geracional sem ser responsabilizada por necessidades emocionais ou conjugais dos adultos.

É inadequado transformar a criança em confidente de conflitos conjugais, substituta emocional de um companheiro ou responsável pela estabilidade afetiva de um cuidador. Essas situações confundem posições e podem produzir sobrecarga psíquica.

A interdição permite que a criança desloque seus investimentos para outras pessoas e construa, futuramente, relações fora do núcleo familiar.

14. A lei e o limite

Na Psicanálise, a palavra **lei** não se refere apenas à legislação do Estado. Ela também representa o conjunto de limites simbólicos que torna possível a convivência.

A criança inicialmente deseja satisfação imediata. Com o desenvolvimento, aprende que nem tudo pode ser realizado no momento e da maneira desejada.



O limite não tem apenas uma função repressiva. Ele também organiza, protege e possibilita a vida coletiva.

Uma criança sem qualquer limite pode sentir-se desamparada, pois ainda não possui recursos internos suficientes para regular todos os seus impulsos. A presença de adultos capazes de estabelecer regras coerentes oferece referência e segurança.

Entretanto, o limite não deve ser confundido com violência, humilhação ou autoritarismo. Um limite estruturante:

- é adequado à idade;
- possui finalidade compreensível;
- mantém certa coerência;
- não ameaça o amor;
- respeita a dignidade da criança;
- permite diálogo;
- reconhece sentimentos;
- diferencia desejo de ação.

A criança pode sentir raiva diante de um limite. O objetivo não é impedir toda frustração, mas ajudá-la a descobrir que pode sentir raiva sem destruir o vínculo.

15. A ameaça de castração na teoria freudiana

Na formulação clássica de Freud, o menino, durante o conflito edípico, deseja ocupar o lugar do pai junto à mãe. Ao perceber a impossibilidade desse desejo, passa a temer uma punição.

Freud denominou esse medo de **angústia de castração**. No modelo freudiano, o medo de perder o órgão genital contribuiria para que o menino abandonasse seus desejos edípicos.

O conceito não deve ser reduzido a uma ameaça concreta ou literal. Em sentido mais amplo, a castração representa o reconhecimento de um limite: o sujeito não pode possuir tudo, ocupar todos os lugares ou ser o único objeto do desejo do outro.

A castração simbólica corresponde à aceitação da incompletude. A criança precisa reconhecer que:

- não é onipotente;
- não pode satisfazer todos os desejos;
- não possui completamente o outro;
- não pode eliminar todos os rivais;
- depende de regras e relações;



- precisa renunciar a certas formas de satisfação.

Esse reconhecimento é doloroso, mas indispensável à vida psíquica e social.

16. O Édipo na menina segundo Freud

A explicação freudiana do desenvolvimento edípico feminino foi uma das partes mais discutidas e criticadas de sua teoria.

Freud propôs que a menina inicialmente manteria um forte vínculo com a mãe. Ao perceber as diferenças anatômicas, afastar-se-ia parcialmente dela e dirigiria seu investimento amoroso ao pai.

Essa formulação foi associada por Freud ao conceito de “inveja do pênis”. Segundo ele, a menina interpretaria a ausência do órgão masculino como uma falta e buscaria compensações simbólicas.

Essa explicação recebeu críticas importantes por tomar o corpo masculino como referência central e tratar a diferença feminina a partir da ideia de ausência.

Diversas psicanalistas, como Karen Horney, Melanie Klein e outras autoras posteriores, questionaram essa perspectiva e desenvolveram explicações alternativas.

Atualmente, é importante estudar o conceito dentro do contexto histórico em que foi produzido, sem transformá-lo em verdade universal. A sexualidade feminina não pode ser definida apenas em relação a um modelo masculino.

A compreensão contemporânea considera a diversidade das experiências corporais, afetivas, familiares, culturais e identificatórias.

17. Dissolução e elaboração do Complexo de Édipo

Freud utilizou a expressão **dissolução do Complexo de Édipo** para descrever o processo pelo qual a criança renuncia aos desejos de exclusividade em relação às figuras parentais.

Essa renúncia não significa que todos os sentimentos desapareçam. As experiências edípicas deixam marcas na personalidade, nas identificações e nas escolhas futuras.

A criança percebe que não poderá substituir completamente uma figura parental nem possuir exclusivamente a outra. Diante dessa impossibilidade, parte dos investimentos amorosos é transformada.



Um dos principais destinos desses investimentos é a identificação. Em vez de apenas desejar possuir uma figura, a criança procura assimilar algumas de suas características.

A dissolução do Édipo favorece:

- a interiorização dos limites;
- a formação do Superego;
- o fortalecimento das identificações;
- a entrada no período de latência;
- a ampliação dos vínculos sociais;
- o investimento na aprendizagem;
- a abertura para escolhas amorosas futuras.

Tal dissolução nunca é absoluta. Conflitos edípicos podem ser reativados na adolescência, nas relações amorosas, na experiência da parentalidade e em situações de rivalidade.

Por isso, alguns autores preferem falar em **elaboração** do Complexo de Édipo. O sujeito não apaga o conflito, mas encontra maneiras de organizá-lo e integrá-lo à personalidade.

18. Édipo e formação do Superego

A formação do Superego está intimamente relacionada à elaboração do Complexo de Édipo.

O Superego é a instância psíquica ligada às proibições, aos ideais, à consciência moral e à autoavaliação. Ele se forma por meio da interiorização de regras, limites e identificações.

Durante a experiência edípica, a criança encontra obstáculos à realização de seus desejos. As proibições inicialmente apresentadas pelos adultos passam, gradualmente, a ser interiorizadas.

A criança começa a desenvolver uma autoridade interna capaz de avaliar suas ações e pensamentos. Já não obedece apenas porque um adulto está presente, mas porque certas normas passaram a fazer parte de sua organização psíquica.

O Superego contém tanto aspectos proibitivos quanto ideais. Ele diz “você não pode”, mas também apresenta modelos de como o sujeito acredita que deveria ser.

Um Superego equilibrado contribui para responsabilidade, consideração pelo outro e capacidade de reconhecer limites. Um Superego excessivamente rígido pode produzir culpa intensa, vergonha e autocobrança.



Por outro lado, fragilidades na interiorização dos limites podem dificultar o controle dos impulsos e a responsabilidade pelas próprias ações.

19. Identificação e formação da identidade

A identificação é um processo fundamental na formação da personalidade. Por meio dela, o sujeito assimila características, valores, gestos, crenças e maneiras de se relacionar observadas em outras pessoas.

Durante o Complexo de Édipo, a identificação oferece uma saída para a rivalidade. A criança pode abandonar parcialmente a tentativa de eliminar o rival e passar a tomá-lo como referência.

Essa assimilação não é uma cópia perfeita. A criança seleciona, transforma e combina características de diferentes pessoas.

A identidade resulta de múltiplas identificações:

- figuras parentais;
- irmãos;
- avós;
- professores;
- líderes;
- amigos;
- personagens;
- grupos culturais;
- modelos religiosos e sociais.

A formação da identidade não termina com a infância. Novas identificações são construídas durante toda a vida.

O Édipo participa desse processo porque obriga a criança a reorganizar a pergunta: “Quem sou eu para essas pessoas e quem desejo tornar-me?”

20. Complexo de Édipo e escolha amorosa

As primeiras relações afetivas participam da formação de modelos internos de vínculo. A criança constrói expectativas sobre amor, proteção, abandono, reconhecimento, autoridade e cuidado.

Esses modelos podem influenciar escolhas amorosas futuras. Uma pessoa pode procurar parceiros que apresentem características semelhantes às de figuras importantes da infância ou que representem o oposto delas.



Essa influência não deve ser entendida como repetição literal. O sujeito não escolhe necessariamente alguém idêntico ao pai, à mãe ou ao cuidador.

A repetição pode ocorrer em aspectos mais sutis:

- necessidade de aprovação;
- medo de abandono;
- atração por pessoas indisponíveis;
- competição constante;
- desejo de ser resgatado;
- tentativa de controlar o outro;
- busca de proteção;
- dificuldade de aceitar a autonomia do parceiro.

Na análise, procura-se compreender o significado singular dessas repetições, e não encaixá-las automaticamente em um modelo.

21. Rivalidade entre irmãos

A presença de irmãos pode intensificar conflitos relacionados à exclusividade, ao ciúme e à competição pelo amor dos cuidadores.

O nascimento de um irmão pode ser experimentado como perda de posição. A criança percebe que precisa compartilhar atenção, tempo, objetos e espaço.

Ela pode apresentar comportamentos regressivos, como voltar a falar de maneira infantil, solicitar ajuda para tarefas que já realizava ou aumentar a dependência.

Essas manifestações podem representar tentativas de recuperar o cuidado anteriormente recebido.

Entretanto, a relação entre irmãos não é formada apenas por rivalidade. Ela também pode envolver amor, proteção, cumplicidade, identificação e aprendizagem.

Os adultos podem contribuir para uma elaboração mais saudável quando:

- reconhecem os sentimentos da criança;
- evitam comparações constantes;
- não estabelecem um favorito;
- reservam momentos individuais;
- não obrigam demonstrações artificiais de afeto;
- ensinam maneiras de resolver conflitos;
- respeitam as diferenças entre os filhos.

A criança precisa aprender que compartilhar o amor não significa perdê-lo.



22. Diferentes configurações familiares

A formulação clássica do Complexo de Édipo foi construída com base no modelo familiar europeu do final do século XIX, formado por pai, mãe e filhos.

As famílias contemporâneas apresentam diferentes configurações:

- famílias monoparentais;
- famílias reconstituídas;
- famílias adotivas;
- famílias extensas;
- famílias com cuidadores do mesmo sexo;
- crianças criadas por avós;
- famílias com guarda compartilhada;
- redes comunitárias de cuidado.

A teoria psicanalítica não deve considerar apenas a presença física de um homem e de uma mulher. O aspecto essencial é a existência de funções de cuidado, limite, diferenciação e abertura para outros vínculos.

Uma criança criada por apenas um cuidador pode encontrar a dimensão do terceiro nas regras, na escola, nos parentes, nas amizades, no trabalho do cuidador e nos demais vínculos sociais.

Do mesmo modo, a simples presença física de duas figuras parentais não garante que as funções psíquicas sejam exercidas de maneira adequada.

O analista precisa compreender a organização real e simbólica de cada família, sem impor um modelo único.

23. A contribuição de Melanie Klein

Melanie Klein realizou importantes reformulações na compreensão do Complexo de Édipo.

Para ela, as relações edípicas começam mais cedo do que Freud havia proposto. Klein situou formas iniciais do conflito já nos primeiros anos de vida, relacionadas às fantasias da criança sobre o corpo materno e sobre a relação entre os pais.

Em sua teoria, o bebê possui uma vida fantasmática intensa. Ele constrói representações dos objetos a partir de experiências de satisfação e frustração.

Klein destacou a presença precoce de amor, ódio, inveja, culpa e desejo de reparação. A criança pode fantasiar ataques aos objetos amados e depois temer tê-los danificado.



A elaboração dessas fantasias favorece a capacidade de reconhecer que o objeto amado e o objeto odiado são a mesma pessoa. Essa integração contribui para o desenvolvimento emocional.

A perspectiva kleiniana ampliou o estudo do Édipo ao relacioná-lo às ansiedades primitivas, às fantasias inconscientes e à formação do mundo interno.

24. A contribuição de Jacques Lacan

Jacques Lacan reinterpreto o Complexo de Édipo destacando sua dimensão simbólica.

Para Lacan, o Édipo não se limita às relações concretas entre pai, mãe e criança. Ele envolve a entrada do sujeito na linguagem, na lei e na cultura.

A função paterna introduz uma separação na relação imaginária entre a criança e a figura cuidadora. Essa intervenção indica que o desejo do cuidador está submetido a algo além da criança.

Lacan denominou essa função simbólica de **Nome-do-Pai**. O termo representa a lei que impede a fusão completa e introduz o sujeito em uma ordem de diferenças e regras.

A criança precisa perceber que não é capaz de completar totalmente o outro. Esse reconhecimento abre espaço para o desejo.

Se nenhuma pessoa possui tudo aquilo que deseja, o sujeito continuará buscando, criando vínculos, produzindo sentidos e investindo em novos objetos.

A leitura lacaniana desloca o Édipo de uma narrativa exclusivamente familiar para uma operação estrutural relacionada à linguagem e à cultura.

25. O Édipo como encontro com a falta

Uma das principais consequências da experiência edípica é o reconhecimento da falta.

A criança inicialmente pode fantasiar que seria capaz de satisfazer completamente o cuidador ou de receber dele uma satisfação total. O terceiro elemento rompe essa ilusão.

A falta não significa apenas perda ou defeito. Ela representa a impossibilidade de completude absoluta.



Nenhuma relação humana elimina inteiramente a solidão, a frustração ou o desejo. Nenhuma pessoa pode ocupar todos os lugares na vida de outra.

Aceitar a falta permite:

- reconhecer a autonomia do outro;
- abandonar a exigência de satisfação absoluta;
- construir relações de reciprocidade;
- tolerar separações;
- criar novos interesses;
- direcionar desejos para o mundo;
- desenvolver projetos;
- elaborar perdas.

A dificuldade de aceitar a falta pode aparecer, na vida adulta, como exigência de exclusividade, ciúme intenso, controle ou incapacidade de suportar frustrações.

26. Reativação do Édipo na adolescência

A puberdade produz transformações corporais e reativa conflitos relacionados à sexualidade, à identidade e às figuras parentais.

O adolescente precisa construir maior autonomia e dirigir seus investimentos afetivos para além da família. Esse movimento pode ser acompanhado por conflitos, distanciamento, idealização e crítica aos pais.

Para separar-se psicologicamente, o adolescente pode precisar questionar as figuras parentais anteriormente idealizadas. Ele percebe que os pais possuem limitações, contradições e falhas.

Essa descoberta pode provocar decepção, mas também favorece uma relação mais realista.

As escolhas amorosas da adolescência contribuem para o deslocamento dos investimentos afetivos. O adolescente busca reconhecimento em outros grupos e experimenta novas formas de intimidade.

Nesse período, conflitos edípicos podem aparecer por meio de:

- ciúme;
- competição;
- necessidade de aprovação;
- confronto com autoridades;
- idealização de outras famílias;
- vergonha dos pais;



- medo de crescer;
- dificuldade de estabelecer autonomia.

A reativação não significa retorno completo à infância. Trata-se de uma reorganização dos conflitos diante das novas possibilidades do corpo e da vida social.

27. O Édipo na vida adulta

Aspectos edípicos continuam presentes na vida adulta, especialmente em relações que envolvem amor, rivalidade, poder, autoridade e reconhecimento.

Esses conflitos podem aparecer:

- na competição profissional;
- na relação com chefes;
- no ciúme amoroso;
- na disputa entre irmãos;
- na necessidade de ser o favorito;
- na dificuldade de aceitar limites;
- no medo de superar os pais;
- na busca por aprovação;
- na relação com instituições;
- na experiência de tornar-se pai ou mãe.

Uma pessoa pode sentir culpa ao alcançar sucesso superior ao de uma figura parental, como se sua realização representasse uma vitória proibida.

Outra pode buscar continuamente a aprovação de pessoas que ocupam posições de autoridade, repetindo a expectativa de reconhecimento anteriormente dirigida aos cuidadores.

Na clínica, essas repetições são analisadas a partir da história singular do paciente.

28. O Complexo de Édipo e a transferência

A transferência é o processo pelo qual sentimentos, expectativas e padrões construídos em relações anteriores são atualizados na relação com o analista.

O paciente pode vivenciar o analista como figura de autoridade, cuidador, rival, juiz, protetor ou pessoa a ser seduzida.

Conflitos edípicos podem manifestar-se quando o paciente:

- deseja ser o paciente preferido;



- sente ciúme de outros pacientes;
- busca aprovação constante;
- compete intelectualmente com o analista;
- teme ser abandonado;
- tenta desafiar a autoridade;
- idealiza ou desvaloriza o analista;
- interpreta limites como rejeição;
- deseja ocupar um lugar exclusivo.

O analista não deve responder a essas manifestações de forma pessoal ou moralizante. Precisa escutar o significado da repetição.

A relação analítica oferece a possibilidade de reconhecer padrões antigos em um contexto no qual eles podem ser pensados e elaborados.

29. Conflitos edípicos e sintomas

Conflitos relacionados à experiência edípica podem participar da formação de sintomas, mas não devem ser considerados sua única causa.

Entre as manifestações possíveis estão:

- ciúme excessivo;
- rivalidade intensa;
- culpa diante do prazer;
- medo de punição;
- dificuldade com figuras de autoridade;
- necessidade de exclusividade;
- repetição de triângulos amorosos;
- dificuldade de separação;
- idealização dos cuidadores;
- medo de ultrapassar figuras parentais;
- autocobrança moral;
- dificuldade de assumir a vida adulta.

Um sintoma possui múltiplas determinações. Isso significa que pode estar relacionado a diferentes experiências, fantasias, defesas e acontecimentos atuais.

A interpretação precisa ser construída a partir da associação livre e da história do sujeito. Não se deve afirmar precipitadamente que determinado comportamento “é causado pelo Édipo”.

30. Quando a elaboração encontra dificuldades



A elaboração do Complexo de Édipo pode encontrar dificuldades quando os limites familiares são confusos, excessivamente rígidos ou inexistentes.

Algumas situações capazes de produzir conflitos incluem:

- ausência de diferenciação entre gerações;
- transformação da criança em confidente dos adultos;
- competição de um cuidador com a criança;
- exigência de que a criança escolha entre os responsáveis;
- utilização da criança em conflitos conjugais;
- proibição de construir vínculos externos;
- ameaça de abandono diante da autonomia;
- excesso de controle;
- exposição da criança à intimidade dos adultos;
- dificuldade dos cuidadores em aceitar seu crescimento.

Nessas circunstâncias, a criança pode sentir-se responsável pelo bem-estar dos adultos ou acreditar que sua autonomia provocará sofrimento e abandono.

A função da análise não é encontrar culpados, mas compreender como essas experiências foram registradas e quais recursos podem ser desenvolvidos para sua elaboração.

31. Críticas contemporâneas ao conceito

O Complexo de Édipo continua influente, mas também é objeto de críticas e revisões.

Uma das críticas refere-se ao caráter patriarcal de algumas formulações freudianas. O modelo clássico foi construído em uma sociedade que atribuía posições desiguais a homens e mulheres.

Outra crítica aponta o risco de tratar a família heterossexual formada por pai, mãe e filhos como padrão universal.

Também se questiona a centralidade atribuída à anatomia na explicação das diferenças psíquicas.

Abordagens contemporâneas consideram:

- diversidade de gênero;
- diversidade das orientações afetivas;
- diferentes configurações familiares;
- influência das condições sociais;
- transformações históricas da parentalidade;



- múltiplas formas de cuidado;
- importância das relações para além da família nuclear.

Essas críticas não exigem o abandono completo do conceito. Elas convidam a separar suas contribuições estruturais de formulações excessivamente presas ao contexto histórico de Freud.

A principal contribuição do Édipo permanece na compreensão de que a criança precisa lidar com desejo, rivalidade, limite, diferença, identificação e impossibilidade de exclusividade absoluta.

32. Cuidados na utilização clínica do conceito

O Complexo de Édipo não deve ser utilizado como explicação automática para todos os conflitos.

Na prática clínica, é necessário evitar:

- interpretações precoces;
- moralização dos desejos;
- aplicação de modelos rígidos;
- pressuposição de uma família ideal;
- redução da identidade sexual ao Édipo;
- culpabilização dos cuidadores;
- desprezo pelas condições sociais;
- uso de conceitos como rótulos;
- invasão da intimidade do paciente;
- apresentação da interpretação como verdade absoluta.

O analista formula hipóteses, observa repetições e acompanha as associações do paciente. Uma interpretação só possui valor quando se relaciona ao material apresentado e pode produzir elaboração.

O conceito deve funcionar como instrumento de escuta, não como resposta pronta.

33. Complexo de Édipo e educação

O conhecimento do Complexo de Édipo também pode contribuir para a compreensão de situações escolares.

A entrada na escola amplia o universo da criança e apresenta novas figuras de autoridade. Professores podem receber investimentos afetivos anteriormente dirigidos aos cuidadores.

A criança pode:



- buscar exclusividade do professor;
- competir pela atenção;
- sentir ciúme dos colegas;
- idealizar a autoridade;
- desafiar regras;
- desejar reconhecimento;
- reagir intensamente a correções;
- identificar-se com educadores.

O professor não exerce a função de analista, mas pode reconhecer que alguns comportamentos possuem dimensões afetivas além da aprendizagem.

Uma postura educativa adequada combina acolhimento e limite. O professor reconhece a criança, mas não estabelece relações de favoritismo ou exclusividade.

A escola ajuda a ampliar os investimentos da criança, permitindo que ela direcione sua curiosidade, criatividade e energia para o conhecimento e para a convivência social.

34. Complexo de Édipo e formação da personalidade

A elaboração do conflito edípico participa diretamente da formação da personalidade porque influencia:

- as identificações;
- a consciência moral;
- a relação com autoridades;
- a maneira de lidar com limites;
- a capacidade de aceitar terceiros;
- os modelos de vínculo amoroso;
- a tolerância à frustração;
- a relação com a rivalidade;
- a construção dos ideais;
- a organização do desejo.

Uma elaboração suficientemente favorável não elimina conflitos. Ela permite maior flexibilidade para lidar com eles.

O sujeito pode desejar ser reconhecido sem precisar destruir rivais, amar sem exigir posse total, respeitar limites sem perder sua iniciativa e construir autonomia sem vivenciar toda separação como abandono.

O próximo capítulo aprofundará a formação da personalidade, examinando a participação do Id, Ego e Superego, das identificações, dos vínculos e das experiências sociais.



Resumo do capítulo

O Complexo de Édipo é um conjunto de desejos, sentimentos, fantasias e identificações vivenciados pela criança em relação às figuras fundamentais de sua vida.

Freud inspirou-se no mito de Édipo para representar conflitos ligados ao amor, à rivalidade e ao desconhecimento das motivações inconscientes.

O conflito edípico torna-se mais evidente durante a fase fálica. A criança deseja ocupar um lugar privilegiado e precisa reconhecer que não possui exclusivamente as pessoas que ama.

O Édipo pode ser positivo, negativo ou completo. Em sua forma completa, envolve amor e hostilidade dirigidos a ambas as figuras parentais.

A triangulação introduz um terceiro elemento que rompe a ilusão de exclusividade. As funções materna e paterna representam operações de cuidado, limite e separação, não estando necessariamente vinculadas ao sexo ou ao parentesco biológico.

A interdição do incesto diferencia lugares e gerações. A castração simbólica representa o reconhecimento de que o sujeito não pode possuir tudo nem completar inteiramente o outro.

A elaboração do Édipo favorece a formação do Superego, as identificações, a entrada no período de latência e a ampliação dos vínculos sociais.

Melanie Klein destacou formas precoces do conflito edípico. Lacan ressaltou sua dimensão simbólica, relacionando-o à linguagem, à lei e à falta.

O conceito precisa ser utilizado com cuidado, considerando as diferentes organizações familiares e evitando interpretações rígidas, universalizantes ou moralizantes.



Glossário

Complexo de Édipo: conjunto de desejos, rivalidades, fantasias e identificações relacionados às figuras parentais.

Édipo positivo: configuração em que o investimento amoroso predominante se dirige à figura parental do sexo oposto e a rivalidade à figura do mesmo sexo.

Édipo negativo: configuração inversa ao Édipo positivo, sem que o termo indique algo ruim ou patológico.

Édipo completo: coexistência de tendências positivas e negativas, com amor e rivalidade dirigidos a ambas as figuras.

Ambivalência: presença simultânea de sentimentos opostos em relação à mesma pessoa.

Triangulação: reconhecimento de uma terceira pessoa, relação, regra ou interesse que rompe a fantasia de exclusividade.

Função materna: função psíquica de cuidado, acolhimento e interpretação das necessidades da criança.

Função paterna: função que introduz limite, diferença, separação e abertura para o mundo social.

Interdição do incesto: proibição estruturante que diferencia os lugares e as gerações dentro da família.

Castração simbólica: reconhecimento da incompletude e dos limites impostos ao desejo.

Identificação: processo pelo qual o sujeito assimila características de outras pessoas.

Superego: instância psíquica relacionada à consciência moral, às proibições e aos ideais.

Dissolução do Édipo: renúncia parcial aos desejos edípicos e transformação dos investimentos em identificações.

Elaboração: processo de reconhecer, integrar e transformar conflitos psíquicos.



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS
— CURSOS LIVRES —



Nome-do-Pai: conceito lacaniano relacionado à função simbólica que introduz a lei e a separação.

Transferência: atualização, na relação analítica, de sentimentos e padrões construídos em relações anteriores.



Atividades de aprendizagem

1. Defina o Complexo de Édipo.
2. Por que Freud escolheu o mito de Édipo para nomear o conceito?
3. Em qual fase do desenvolvimento o conflito edípico se torna mais evidente?
4. Explique o desejo infantil de exclusividade.
5. O que significa ambivalência?
6. Diferencie o Édipo positivo e o Édipo negativo.
7. O termo “negativo” indica uma condição patológica? Justifique.
8. O que Freud denominou Complexo de Édipo completo?
9. Explique o conceito de triangulação psíquica.
10. Por que o terceiro elemento não precisa ser necessariamente o pai biológico?
11. O que se compreende por função materna?
12. O que se compreende por função paterna?
13. Qual é a importância da interdição do incesto?
14. Como a interdição ajuda a diferenciar as gerações?
15. Diferencie limite estruturante e autoritarismo.
16. Explique o conceito de castração simbólica.
17. Por que as formulações freudianas sobre o Édipo feminino receberam críticas?
18. O que acontece com os investimentos afetivos durante a elaboração do Édipo?
19. Qual é a relação entre o Complexo de Édipo e a formação do Superego?
20. Como a identificação oferece uma saída para a rivalidade?
21. De que maneira o Édipo pode influenciar escolhas amorosas futuras?
22. Como a relação entre irmãos participa dos conflitos de exclusividade?
23. O Complexo de Édipo depende de uma família formada por pai, mãe e filhos? Explique.
24. Qual foi a contribuição de Melanie Klein?
25. Qual foi a contribuição de Jacques Lacan?
26. O que significa afirmar que o Édipo introduz o sujeito na experiência da falta?
27. Como conflitos edípicos podem ser reativados na adolescência?
28. Dê três exemplos de manifestações edípicas na vida adulta.
29. Como esses conflitos podem aparecer na transferência?
30. Quais cuidados o analista deve adotar ao utilizar o conceito?



Questões para reflexão

1. Por que reconhecer a existência de outros vínculos é importante para a autonomia da criança?
2. É possível estabelecer limites sem ameaçar o vínculo afetivo? Explique.
3. Como uma família pode diferenciar os lugares de adultos e crianças?
4. De que maneira o ciúme infantil pode ser acolhido sem reforçar a exigência de exclusividade?
5. Por que a existência de diferentes configurações familiares exige uma revisão do modelo edípico clássico?
6. Como a escola pode ajudar a criança a ampliar seus investimentos afetivos e sociais?
7. De que maneira a busca por aprovação de figuras de autoridade pode estar relacionada a experiências infantis?
8. Qual é a diferença entre utilizar o Édipo como hipótese de compreensão e utilizá-lo como rótulo?



Proposta de estudo de caso

Carlos, de 38 anos, relata conflitos frequentes em seus relacionamentos. Quando sua companheira conversa com amigos ou realiza atividades sem sua presença, ele sente-se rejeitado e acredita que deixou de ser importante. Costuma exigir que ela escolha entre o relacionamento e as demais pessoas de sua vida.

No trabalho, Carlos compete intensamente com os colegas pela aprovação do diretor. Quando outra pessoa é elogiada, sente raiva e tenta demonstrar que é superior. Apesar disso, admira o diretor e procura imitar sua forma de falar e de se vestir.

Durante a análise, Carlos incomoda-se ao pensar que o analista atende outros pacientes. Frequentemente pergunta se é considerado um paciente interessante e tenta prolongar as sessões.

Com base no conteúdo estudado, responda:

1. Como o desejo de exclusividade aparece nas relações de Carlos?
2. Quais elementos indicam dificuldade de aceitar a presença de um terceiro?
3. Como amor, rivalidade e identificação aparecem na relação com o diretor?
4. Que aspectos do conflito edípico podem estar sendo atualizados na relação com o analista?
5. Por que o analista não deve afirmar imediatamente que todos os comportamentos de Carlos são causados pelo Complexo de Édipo?
6. Como os limites da sessão podem participar do trabalho analítico?
7. Qual pode ser a relação entre a busca de aprovação e a necessidade de ocupar um lugar privilegiado?
8. Que aspectos da história familiar de Carlos precisariam ser investigados?



Proposta de atividade em grupo

Divida a turma em quatro grupos. Cada grupo deverá estudar uma das seguintes temáticas:

- Grupo 1 — O mito de Édipo e sua utilização por Freud;
- Grupo 2 — Édipo positivo, negativo e completo;
- Grupo 3 — Função materna, função paterna e triangulação;
- Grupo 4 — Críticas contemporâneas e diferentes configurações familiares.

Cada grupo deverá preparar uma apresentação contendo:

1. definição dos principais conceitos;
2. exemplo de aplicação;
3. erro comum de interpretação;
4. relação com a prática psicanalítica;
5. pergunta para debate com a turma.



Atividade de análise conceitual

Leia as afirmações e explique por que estão corretas ou incorretas.

1. O Complexo de Édipo é um desejo consciente de cometer os mesmos atos de Édipo.
2. A criança pode amar e rivalizar com a mesma figura parental.
3. O Édipo negativo representa uma forma moralmente inadequada de desenvolvimento.
4. A função paterna só pode ser exercida pelo pai biológico.
5. A interdição do incesto ajuda a diferenciar lugares e gerações.
6. Elaborar o Complexo de Édipo significa eliminar completamente os sentimentos infantis.
7. O Superego relaciona-se à interiorização de limites e ideais.
8. Toda família precisa reproduzir o modelo tradicional para favorecer o desenvolvimento psíquico.
9. A transferência pode atualizar desejos de exclusividade e rivalidade.
10. O conceito de Édipo deve ser utilizado como hipótese clínica, e não como explicação automática.



Sugestão para o Trabalho 2

Tema

A importância do Complexo de Édipo para a constituição do sujeito

Orientações

O estudante deverá elaborar um texto acadêmico abordando:

- conceito de Complexo de Édipo;
- mito utilizado por Freud;
- Édipo positivo, negativo e completo;
- triangulação psíquica;
- função materna e função paterna;
- interdição do incesto;
- formação do Superego;
- identificação;
- contribuições de Melanie Klein ou Jacques Lacan;
- aplicação do conceito às famílias contemporâneas;
- cuidados éticos na interpretação clínica.

O trabalho deverá conter introdução, desenvolvimento, conclusão e referências bibliográficas.



Leitura complementar sugerida

- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*.
- FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*.
- FREUD, Sigmund. *A organização genital infantil*.
- FREUD, Sigmund. *A dissolução do Complexo de Édipo*.
- FREUD, Sigmund. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*.
- KLEIN, Melanie. *A Psicanálise de crianças*.
- LACAN, Jacques. *As formações do inconsciente*.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*.
- NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*.



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS
— CURSOS LIVRES —



MÓDULO III – DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

VOLUME III — FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

CAPÍTULO 3 — A formação da personalidade na perspectiva psicanalítica



1. Conceito de personalidade

A personalidade corresponde ao conjunto relativamente organizado de características psíquicas, afetivas e comportamentais por meio das quais uma pessoa percebe o mundo, estabelece vínculos, enfrenta conflitos e expressa seus desejos.

Ela não nasce pronta nem permanece completamente imutável. Sua formação ocorre ao longo do desenvolvimento, mediante a interação entre disposições individuais, experiências infantis, relações familiares, condições sociais, cultura e acontecimentos vivenciados pelo sujeito.

Na perspectiva psicanalítica, a personalidade não se limita aos comportamentos observáveis. Ela também inclui processos inconscientes, fantasias, desejos, conflitos, identificações e mecanismos de defesa.

Duas pessoas podem apresentar comportamentos semelhantes por razões psíquicas diferentes. Da mesma maneira, um mesmo conflito pode produzir manifestações distintas em cada indivíduo.

Compreender a personalidade exige, portanto, investigar a história singular do sujeito e os significados que ele atribuiu às próprias experiências.

2. Personalidade e singularidade

Cada pessoa organiza suas experiências de maneira particular. Mesmo irmãos criados na mesma família não possuem uma história psíquica idêntica.

A posição ocupada entre os irmãos, o momento vivido pela família durante o nascimento, as expectativas dos cuidadores, as identificações e a qualidade dos vínculos contribuem para experiências diferentes.

A singularidade também está relacionada às fantasias inconscientes. Um acontecimento não produz os mesmos efeitos em todas as pessoas porque sua importância depende do modo como foi interpretado e integrado à história individual.

Uma separação temporária pode ser vivenciada por uma criança como oportunidade de autonomia. Para outra, pode representar ameaça de abandono. O acontecimento externo pode ser semelhante, mas seu significado psíquico será diferente.

A Psicanálise procura compreender essa singularidade. Ela evita reduzir o sujeito a classificações rígidas ou explicar sua personalidade somente por acontecimentos externos.



3. A contribuição de Freud

Sigmund Freud transformou a compreensão da personalidade ao demonstrar que o comportamento humano não é orientado exclusivamente pela consciência.

Para Freud, grande parte da vida psíquica é inconsciente. Pensamentos, desejos, lembranças e conflitos podem influenciar as ações sem que o sujeito reconheça claramente sua presença.

A personalidade forma-se por meio da interação entre diferentes forças psíquicas. O sujeito deseja, encontra limites, experimenta frustrações, desenvolve defesas e procura conciliar suas necessidades com as exigências da realidade.

Freud apresentou dois modelos principais de organização do aparelho psíquico:

- a primeira tópica, formada por Consciente, Pré-consciente e Inconsciente;
- a segunda tópica, constituída por Id, Ego e Superego.

Esses modelos não representam regiões físicas do cérebro. São construções teóricas utilizadas para compreender diferentes funções e processos mentais.

4. A primeira tópica freudiana

Na primeira tópica, Freud dividiu o aparelho psíquico em três sistemas: Consciente, Pré-consciente e Inconsciente.

O Consciente reúne os conteúdos dos quais o sujeito possui percepção no momento presente. Inclui pensamentos, sensações, sentimentos e informações percebidas diretamente.

O Pré-consciente contém lembranças e conhecimentos que não estão presentes na consciência, mas podem ser recuperados com relativa facilidade. Um nome, uma data ou uma experiência antiga podem tornar-se conscientes quando a pessoa dirige sua atenção para eles.

O Inconsciente reúne conteúdos afastados da consciência por entrarem em conflito com proibições, valores ou exigências internas. Esses conteúdos não desaparecem. Continuam atuando por meio de sonhos, sintomas, atos falhos, fantasias e repetições.

A personalidade não pode ser compreendida apenas por aquilo que a pessoa declara conscientemente sobre si. Também é necessário considerar contradições, esquecimentos, escolhas repetidas e manifestações involuntárias.



5. A segunda tópica freudiana

Na segunda tópica, Freud apresentou as instâncias denominadas Id, Ego e Superego.

Essas instâncias não funcionam de maneira completamente separada. Elas mantêm relações dinâmicas, estabelecem conflitos e influenciam conjuntamente o comportamento.

O Id representa a fonte das pulsões e busca satisfação. O Ego procura considerar a realidade e organizar respostas possíveis. O Superego apresenta proibições, ideais e exigências morais.

A personalidade resulta, em parte, da maneira como essas instâncias se relacionam. Quando existe algum equilíbrio, o sujeito consegue reconhecer seus desejos, considerar os limites e tomar decisões adequadas à realidade.

Quando os conflitos se tornam muito intensos, podem surgir ansiedade, culpa, sintomas ou comportamentos impulsivos.

6. O Id

O Id constitui a dimensão mais primitiva da personalidade. Está presente desde o início da vida e reúne impulsos, necessidades e desejos.

Seu funcionamento é predominantemente inconsciente e orientado pelo princípio do prazer. Isso significa que busca reduzir tensões e alcançar satisfação imediata.

O bebê sente fome, frio ou desconforto e deseja que essas tensões sejam eliminadas rapidamente. Ele ainda não possui condições para compreender espera, regras ou disponibilidade do cuidador.

O Id não considera valores morais, convenções sociais ou consequências futuras. Sua lógica é marcada pela urgência do desejo.

Na vida adulta, o Id continua presente. Ele manifesta-se em desejos, fantasias, impulsos agressivos, necessidades corporais e busca de prazer.

O desenvolvimento saudável não exige a eliminação do Id. As pulsões constituem importantes fontes de energia para o amor, a criatividade, o trabalho e a realização de projetos.

7. O princípio do prazer



O princípio do prazer corresponde à tendência do aparelho psíquico de evitar desprazer e buscar satisfação.

No início da vida, essa tendência predomina. A criança pequena apresenta pouca capacidade de esperar e deseja que suas necessidades sejam atendidas imediatamente.

Com o desenvolvimento, ela descobre que a realidade não oferece satisfação completa nem instantânea. O cuidador pode demorar, o objeto desejado pode estar indisponível e determinadas ações podem ser proibidas.

A aprendizagem da espera não elimina o princípio do prazer. Ela introduz maneiras mais complexas de alcançar satisfação.

O sujeito aprende a adiar um prazer imediato em favor de um benefício posterior. Pode suportar o esforço dos estudos para alcançar uma profissão ou aceitar frustrações necessárias à manutenção de um relacionamento.

A capacidade de adiar a satisfação participa da formação do Ego e da adaptação à vida social.

8. O Ego

O Ego desenvolve-se a partir do contato com a realidade e das necessidades de organização do psiquismo.

Sua função é mediar as exigências do Id, as proibições do Superego e as condições do mundo externo.

O Ego avalia possibilidades, antecipa consequências, estabelece prioridades e procura formas aceitáveis de satisfação.

Uma pessoa pode sentir raiva e desejar agredir alguém. O Ego reconhece esse impulso, considera as consequências e procura outra forma de expressão, como conversar, afastar-se ou elaborar o sentimento.

Entre as principais funções do Ego estão:

- percepção da realidade;
- controle dos movimentos voluntários;
- planejamento;
- tomada de decisões;
- tolerância à frustração;
- regulação dos impulsos;
- organização das lembranças;



- utilização dos mecanismos de defesa;
- construção de relações;
- integração da identidade.

Um Ego fortalecido não significa ausência de conflitos. Significa maior capacidade de reconhecê-los, suportá-los e elaborar respostas adequadas.

9. O princípio da realidade

O Ego atua principalmente de acordo com o princípio da realidade.

Esse princípio não rejeita o prazer. Ele procura alcançá-lo de maneira compatível com as condições reais.

A criança aprende que nem todos os desejos podem ser satisfeitos imediatamente. Precisa considerar a existência de outras pessoas, as regras, os perigos e as limitações do ambiente.

O princípio da realidade permite:

- esperar;
- negociar;
- planejar;
- avaliar consequências;
- renunciar temporariamente;
- escolher entre alternativas;
- respeitar limites;
- procurar formas socialmente aceitáveis de satisfação.

Uma pessoa orientada exclusivamente pela satisfação imediata pode apresentar dificuldades para cumprir compromissos, manter relacionamentos ou controlar impulsos.

Por outro lado, uma renúncia excessiva ao prazer pode tornar a existência rígida e empobrecida. O desenvolvimento saudável exige equilíbrio entre desejo e realidade.

10. O Superego

O Superego é a instância relacionada às normas, proibições, exigências morais e ideais.

Sua formação ocorre mediante a interiorização de limites, valores e modelos apresentados pelas figuras significativas e pela cultura.



Inicialmente, a criança obedece porque teme perder o amor, receber uma punição ou desapontar os cuidadores. Gradualmente, algumas regras passam a fazer parte de sua organização interna.

O Superego avalia pensamentos, sentimentos e ações. Pode produzir orgulho quando o sujeito aproxima-se de seus ideais ou culpa quando acredita ter violado uma norma.

Entre suas funções estão:

- representar proibições interiorizadas;
- orientar a consciência moral;
- estabelecer ideais;
- avaliar comportamentos;
- produzir sentimentos de culpa;
- incentivar a busca de aperfeiçoamento;
- participar do autocontrole.

O Superego não deve ser confundido com a consciência em sentido geral. Grande parte de seu funcionamento também pode permanecer inconsciente.

11. Consciência moral e Ideal do Ego

O Superego apresenta dois aspectos importantes: a consciência moral e o Ideal do Ego.

A consciência moral está relacionada às proibições. Ela indica aquilo que o sujeito considera errado, inadequado ou proibido.

O Ideal do Ego reúne modelos de perfeição e expectativas sobre aquilo que a pessoa acredita que deveria ser.

Esses ideais podem estar relacionados a valores familiares, religiosos, profissionais, culturais e sociais.

Uma pessoa pode desejar ser excelente profissional, cuidadora dedicada, líder respeitado ou exemplo moral. Esses modelos podem estimular o crescimento e a responsabilidade.

Entretanto, ideais impossíveis podem produzir sofrimento. O sujeito sente que nunca é suficientemente bom, mesmo quando apresenta realizações importantes.

Uma personalidade mais flexível permite reconhecer os ideais sem transformar cada falha em prova de indignidade.



12. O Superego rígido

Um Superego excessivamente rígido estabelece exigências severas e produz intensa autocobrança.

A pessoa pode sentir culpa não somente por suas ações, mas também por pensamentos, fantasias e desejos que nunca foram realizados.

Entre as manifestações possíveis encontram-se:

- perfeccionismo;
- medo constante de errar;
- dificuldade de descansar;
- sentimento de indignidade;
- vergonha excessiva;
- necessidade de punição;
- impossibilidade de reconhecer conquistas;
- intolerância com as próprias limitações;
- críticas severas dirigidas a si e aos outros.

A rigidez moral não representa necessariamente maturidade. Em algumas situações, ela revela dificuldade de integrar desejos, limitações e contradições.

O trabalho analítico pode ajudar o sujeito a compreender a origem dessas exigências e construir uma relação menos punitiva consigo mesmo.

13. Conflitos entre Id, Ego e Superego

A vida psíquica envolve conflitos permanentes.

O Id exige satisfação. O Superego apresenta limites e ideais. O Ego procura encontrar uma solução que considere as duas instâncias e a realidade.

Uma pessoa pode desejar abandonar suas responsabilidades e descansar. Ao mesmo tempo, pode sentir culpa por imaginar que está sendo improdutivo. O Ego precisa avaliar as necessidades reais e estabelecer algum equilíbrio.

Quando o Ego não consegue administrar as exigências, surge ansiedade. Para reduzir essa tensão, ele pode utilizar mecanismos de defesa.

Os conflitos não são sinais automáticos de doença. Eles fazem parte da condição humana.

O sofrimento intensifica-se quando o sujeito perde a flexibilidade e passa a responder aos conflitos sempre da mesma maneira.



14. O papel das experiências infantis

A infância ocupa uma posição central na teoria psicanalítica porque constitui o período em que se estabelecem os primeiros vínculos, as primeiras formas de satisfação e os modelos iniciais de relacionamento.

O bebê depende dos cuidadores para sobreviver. As experiências de cuidado, presença, ausência, frustração e proteção deixam marcas na organização psíquica.

Isso não significa que toda dificuldade adulta tenha uma causa simples localizada na infância. Também não significa que os primeiros anos determinem de maneira absoluta todo o futuro.

As experiências posteriores podem confirmar, modificar ou transformar padrões anteriores.

A importância da infância está relacionada à intensidade dos vínculos e à dependência da criança. Nesse período, ela ainda possui poucos recursos para compreender o que acontece e depende do ambiente para organizar suas experiências.

15. Os primeiros vínculos afetivos

As primeiras relações oferecem à criança modelos sobre o funcionamento dos vínculos.

Por meio delas, a criança começa a construir expectativas:

- o outro estará disponível quando eu precisar?
- minhas necessidades serão reconhecidas?
- posso demonstrar sentimentos?
- serei abandonado quando cometer erros?
- preciso agradar para receber amor?
- os limites são seguros ou ameaçadores?
- posso confiar nas pessoas?

Essas expectativas não são formuladas conscientemente pelo bebê. Elas se constituem por meio da repetição das experiências.

Na vida adulta, podem influenciar amizades, relações amorosas, vínculos profissionais e a própria relação terapêutica.

16. A importância do ambiente

O desenvolvimento psíquico acontece na relação entre a criança e o ambiente.



Um ambiente suficientemente estável oferece cuidados, proteção, limites e oportunidades de exploração.

A criança não precisa de cuidadores perfeitos. Precisa de pessoas capazes de reconhecer suas necessidades, reparar falhas e sustentar vínculos suficientemente seguros.

Falhas moderadas ajudam no desenvolvimento porque introduzem frustrações que podem ser suportadas e elaboradas.

Entretanto, falhas excessivas, imprevisibilidade, negligência, violência ou ausência de proteção podem ultrapassar a capacidade de elaboração da criança.

A influência do ambiente não elimina as características individuais. Cada sujeito responde de maneira singular às condições que encontra.

17. A contribuição de Donald Winnicott

Donald Winnicott destacou a importância do ambiente e das primeiras relações para a formação da personalidade.

Ele utilizou a expressão **mãe suficientemente boa** para descrever o cuidador que se adapta intensamente às necessidades do bebê no início da vida e, gradualmente, permite experiências de separação.

A expressão não se refere à perfeição nem exclusivamente à mãe biológica. Representa uma função de cuidado exercida por alguém disponível para atender às necessidades iniciais da criança.

No começo, o cuidador oferece uma adaptação elevada. Com o desenvolvimento, pequenas falhas permitem que a criança descubra que o mundo não está completamente submetido aos seus desejos.

Quando essas falhas ocorrem de maneira gradual e suportável, favorecem a autonomia e o contato com a realidade.

18. Holding ou sustentação

Winnicott denominou **holding** o conjunto de cuidados físicos e emocionais que oferece sustentação ao bebê.

O holding inclui segurar, proteger, alimentar, aquecer, manter rotinas e responder aos estados emocionais da criança.



Essa sustentação permite que o bebê desenvolva uma sensação inicial de continuidade da existência.

Quando o ambiente é previsível, a criança pode relaxar e utilizar sua energia para crescer, brincar e explorar.

Quando o ambiente é excessivamente instável, ela pode permanecer em estado de alerta, tentando prever perigos e proteger-se.

Na vida adulta, a necessidade de sustentação pode aparecer na procura por vínculos confiáveis, ambientes seguros e relações nas quais seja possível demonstrar vulnerabilidade.

19. Verdadeiro Self e falso Self

Winnicott utilizou os conceitos de **verdadeiro Self** e **falso Self** para compreender diferentes formas de organização da personalidade.

O verdadeiro Self relaciona-se à espontaneidade, à criatividade e à sensação de estar realmente vivo.

Ele se desenvolve quando o ambiente reconhece os gestos espontâneos da criança e permite que ela expresse necessidades e sentimentos.

O falso Self organiza-se como uma adaptação às expectativas externas. Em algum grau, essa adaptação é necessária à convivência social.

O problema aparece quando a pessoa precisa esconder de maneira constante seus sentimentos para preservar os vínculos.

Ela pode tornar-se excessivamente obediente, eficiente ou agradável, mas experimentar vazio e falta de autenticidade.

O falso Self não corresponde simplesmente à mentira. Pode representar uma defesa construída para proteger aspectos mais vulneráveis da personalidade.

20. Identificação

A identificação é um dos principais processos envolvidos na formação da personalidade.

Por meio dela, a pessoa assimila características de outras pessoas e transforma essas características de acordo com sua própria organização.

A identificação pode envolver:



- valores;
- crenças;
- gestos;
- maneiras de falar;
- atitudes;
- formas de demonstrar afeto;
- modelos profissionais;
- posições morais;
- maneiras de enfrentar conflitos.

As figuras parentais constituem importantes referências, mas não são as únicas. Professores, amigos, líderes, personagens, grupos culturais e modelos religiosos também podem participar desse processo.

A personalidade resulta de múltiplas identificações, e não da reprodução integral de uma única pessoa.

21. Identificação primária e secundária

A identificação primária corresponde a uma forma inicial de ligação com as figuras fundamentais da infância.

Ela ocorre antes de a criança estabelecer uma diferenciação clara entre si e o outro.

As identificações secundárias desenvolvem-se posteriormente e estão relacionadas à assimilação de características específicas de pessoas importantes.

Uma criança pode desejar falar como seu professor, vestir-se como um irmão ou reproduzir os gestos de um cuidador.

Com o desenvolvimento, essas características são reorganizadas e combinadas. O sujeito não se torna uma cópia dos modelos, mas constrói uma identidade singular.

22. Identificação com o agressor

A identificação com o agressor ocorre quando a pessoa assimila características de alguém que representa ameaça, medo ou autoridade.

Ao identificar-se com quem ameaça, o sujeito procura reduzir a sensação de desamparo e experimentar alguma forma de poder.

Uma criança submetida a tratamento autoritário pode reproduzir esse comportamento com colegas menores ou com brinquedos.



Na vida adulta, alguém que foi humilhado pode passar a humilhar outras pessoas quando ocupa uma posição de autoridade.

Esse processo não acontece necessariamente de maneira consciente.

Reconhecer a identificação com o agressor permite interromper repetições e construir outras formas de relacionamento.

23. A participação do Complexo de Édipo

O Complexo de Édipo contribui para a formação da personalidade por meio das experiências de amor, rivalidade, limite e identificação.

A criança precisa reconhecer que não pode ocupar todos os lugares nem possuir exclusivamente as pessoas que ama.

Diante da impossibilidade de eliminar o rival, pode identificar-se com ele e assimilar algumas de suas características.

A elaboração do Édipo participa da formação do Superego e da interiorização das regras.

Também contribui para a diferenciação entre gerações, para a aceitação de terceiros e para a ampliação dos vínculos sociais.

As marcas edípicas podem aparecer posteriormente na relação com autoridades, parceiros amorosos, colegas e instituições.

24. Narcisismo e formação da personalidade

O narcisismo relaciona-se ao investimento de energia psíquica no próprio Eu.

Em seu desenvolvimento inicial, a criança precisa sentir que é valorizada, reconhecida e digna de amor.

Um narcisismo suficientemente organizado contribui para:

- autoestima;
- confiança;
- capacidade de estabelecer limites;
- valorização das próprias conquistas;
- tolerância às críticas;
- reconhecimento das próprias necessidades;
- preservação da identidade nos relacionamentos.



O problema não está na existência do narcisismo, mas em suas formas rígidas ou frágeis.

Uma pessoa pode apresentar aparente superioridade enquanto depende intensamente da aprovação externa. Outra pode desvalorizar-se continuamente e acreditar que não merece reconhecimento.

25. Narcisismo primário e secundário

Freud utilizou a expressão **narcisismo primário** para descrever um momento inicial em que a energia psíquica encontra-se investida predominantemente no próprio sujeito.

Com o desenvolvimento, parte desse investimento é direcionada a outras pessoas e objetos.

No narcisismo secundário, a energia anteriormente investida no mundo externo retorna ao Ego.

Esse movimento pode ocorrer em situações de doença, perda, frustração ou retraimento.

O sujeito precisa manter algum investimento em si para preservar sua identidade. Contudo, a capacidade de amar exige que também possa investir em outras pessoas sem sentir que perderá completamente a si mesmo.

26. Autoestima

A autoestima corresponde à maneira como a pessoa avalia e valoriza a si mesma.

Ela é influenciada pelas experiências de reconhecimento, pelas identificações, pelos ideais e pela relação com o Superego.

Quando o Ideal do Ego é excessivamente elevado, a pessoa pode considerar-se insuficiente, mesmo quando apresenta resultados positivos.

Uma autoestima relativamente estável permite reconhecer qualidades e limitações sem transformar cada erro em destruição da própria identidade.

A autoestima saudável não significa acreditar-se superior. Ela envolve reconhecer o próprio valor e também admitir a importância e a autonomia das outras pessoas.

27. Frustração e amadurecimento

A frustração ocorre quando um desejo não pode ser realizado da maneira esperada.



Ela participa inevitavelmente da formação da personalidade porque nenhuma pessoa recebe satisfação completa.

Frustrações moderadas podem favorecer:

- capacidade de esperar;
- criatividade;
- busca de alternativas;
- tolerância às perdas;
- diferenciação entre desejo e realidade;
- desenvolvimento da autonomia;
- consideração pelas necessidades dos outros.

A ausência completa de limites impede que a criança desenvolva recursos para lidar com obstáculos.

Entretanto, frustrações intensas, repetidas ou acompanhadas de abandono podem produzir sofrimento e insegurança.

O aspecto fundamental não é eliminar toda frustração, mas oferecer condições para que ela possa ser compreendida e elaborada.

28. Ansiedade e formação da personalidade

A ansiedade funciona como um sinal de perigo para o Ego.

Freud distinguiu diferentes formas de ansiedade:

- ansiedade realística, relacionada a perigos externos;
- ansiedade neurótica, ligada ao medo de que impulsos do Id escapem ao controle;
- ansiedade moral, relacionada ao medo da condenação do Superego.

Diante da ansiedade, o Ego mobiliza recursos para proteger o equilíbrio psíquico.

Quando a ansiedade pode ser reconhecida e elaborada, ela ajuda o sujeito a identificar riscos e preparar respostas.

Quando se torna intensa ou constante, pode limitar decisões, relacionamentos e atividades.

Os modos habituais de enfrentar a ansiedade tornam-se componentes importantes da personalidade.

29. Mecanismos de defesa



Os mecanismos de defesa são operações utilizadas pelo Ego para reduzir a ansiedade e lidar com conflitos internos ou externos.

Eles atuam frequentemente de maneira inconsciente.

Entre os principais mecanismos encontram-se:

- repressão;
- negação;
- projeção;
- deslocamento;
- racionalização;
- regressão;
- formação reativa;
- isolamento;
- identificação;
- sublimação.

Os mecanismos de defesa não são necessariamente patológicos. Todos os indivíduos os utilizam.

O problema surge quando uma defesa se torna rígida, excessiva e impede o contato com a realidade.

O próximo volume aprofundará o estudo dos mecanismos de defesa e suas manifestações.

30. Repetição e personalidade

O sujeito tende a repetir padrões construídos em relações anteriores.

Uma pessoa que precisou conquistar constantemente a atenção dos cuidadores pode repetir essa busca em relações amorosas ou profissionais.

Alguém que aprendeu a esconder seus sentimentos para evitar conflitos pode continuar fazendo isso mesmo quando encontra pessoas disponíveis para escutá-lo.

A repetição oferece uma sensação de familiaridade, ainda que produza sofrimento.

Na Psicanálise, procura-se compreender o significado dessas repetições e as fantasias que as sustentam.

A consciência de um padrão não garante sua transformação imediata. A elaboração exige tempo, novas experiências e construção de outras possibilidades de resposta.



31. Compulsão à repetição

Freud denominou **compulsão à repetição** a tendência de atualizar experiências e conflitos sem que o sujeito reconheça claramente aquilo que está repetindo.

A pessoa pode escolher parceiros semelhantes, envolver-se nos mesmos conflitos ou recriar situações de rejeição.

Não se trata de uma decisão consciente de sofrer.

A repetição pode representar uma tentativa de dominar psiquicamente uma experiência que não foi elaborada.

O sujeito recria a situação como se procurasse encontrar um resultado diferente. Entretanto, sem compreender o padrão, pode produzir novamente as mesmas consequências.

A análise permite que aquilo que era apenas repetido possa ser recordado, representado e elaborado.

32. Temperamento, caráter e personalidade

Os termos temperamento, caráter e personalidade apresentam significados relacionados, mas não idênticos.

O temperamento refere-se a disposições emocionais e comportamentais que podem apresentar componentes biológicos. Algumas crianças demonstram maior atividade, sensibilidade ou facilidade de adaptação desde os primeiros períodos da vida.

O caráter corresponde aos modos relativamente estáveis de agir, reagir e relacionar-se, construídos ao longo das experiências.

A personalidade constitui uma organização mais ampla, incluindo temperamento, caráter, identidade, conflitos, defesas, valores, desejos e formas de vínculo.

Nenhuma dessas dimensões deve ser considerada absolutamente imutável. O desenvolvimento, as relações e o trabalho terapêutico podem produzir transformações.

33. Caráter na teoria psicanalítica

Na teoria psicanalítica, o caráter corresponde aos modos relativamente estáveis pelos quais o Ego administra os impulsos, as exigências do Superego e a realidade.

Determinados traços podem representar soluções construídas diante de conflitos infantis.



Uma pessoa excessivamente controladora pode ter organizado sua personalidade em torno da necessidade de evitar imprevisibilidade.

Outra pode utilizar a submissão como forma de preservar os vínculos e reduzir o medo de rejeição.

Um traço de caráter pode oferecer proteção e, simultaneamente, limitar a vida.

O objetivo clínico não é eliminar toda característica pessoal, mas ampliar a flexibilidade do sujeito.

34. Corpo e formação da personalidade

A experiência corporal participa da formação da identidade desde o início da vida.

O bebê percebe sensações de prazer, dor, fome, saciedade, calor e contato antes de possuir palavras para nomeá-las.

O modo como o corpo é cuidado, tocado e reconhecido influencia a maneira como o sujeito se relacionará consigo mesmo.

Durante o desenvolvimento, transformações corporais podem reativar conflitos relacionados à identidade e à autoestima.

A puberdade, o envelhecimento, as doenças e as mudanças na aparência exigem reorganizações psíquicas.

A personalidade não existe separada do corpo. A imagem corporal, as experiências de prazer e as limitações físicas participam da construção do Eu.

35. Linguagem e constituição do sujeito

A linguagem desempenha uma função fundamental na formação da personalidade.

Antes mesmo de falar, a criança é inserida em um universo de palavras, expectativas e significados.

Os cuidadores atribuem um nome à criança, interpretam suas necessidades e constroem narrativas sobre quem ela é.

Expressões repetidas, como “você é inteligente”, “você dá trabalho” ou “você precisa ser forte”, podem participar da construção da autoimagem.

Entretanto, o sujeito não é apenas resultado daquilo que disseram sobre ele. Pode reinterpretar essas mensagens e construir outras formas de definir a si mesmo.



A análise oferece um espaço para examinar as palavras e narrativas que organizaram a história pessoal.

36. Família e transmissão psíquica

A família transmite valores, crenças, expectativas e formas de relacionamento.

Essa transmissão não ocorre somente por ensinamentos diretos. Também acontece por meio de silêncios, segredos, repetições e comportamentos observados.

Uma criança pode aprender que sentimentos não devem ser demonstrados, ainda que ninguém lhe diga isso explicitamente.

Também pode receber expectativas relacionadas à profissão, religião, casamento, sucesso ou continuidade de projetos familiares.

Algumas dessas heranças oferecem pertencimento e identidade. Outras podem produzir sofrimento quando impedem escolhas próprias.

Amadurecer envolve reconhecer aquilo que foi recebido e decidir o que será preservado, transformado ou abandonado.

37. Cultura e sociedade

A personalidade não se forma isoladamente. Ela é influenciada pela cultura e pelas condições históricas.

Cada sociedade apresenta modelos de comportamento, sucesso, gênero, família, autoridade e expressão emocional.

As instituições religiosas, escolares, profissionais e políticas também participam da construção dos ideais.

As redes sociais ampliaram a exposição a modelos de aparência, consumo e desempenho. A comparação constante pode aumentar sentimentos de inadequação.

A Psicanálise precisa considerar essas influências sem reduzir o sofrimento individual apenas às condições sociais.

O sujeito é singular, mas sua singularidade é construída dentro de uma realidade histórica e cultural.

38. Religião e personalidade



A experiência religiosa pode participar intensamente da formação da identidade, dos valores e do sentido atribuído à existência.

Ela pode oferecer pertencimento, esperança, princípios éticos e recursos para enfrentar perdas.

Também pode contribuir para vínculos comunitários e experiências de solidariedade.

Entretanto, quando associada a interpretações excessivamente punitivas, pode fortalecer culpa, medo e autocondenação.

O analista não deve impor nem desqualificar crenças religiosas. Precisa compreender o significado que elas possuem para cada sujeito.

A mesma prática religiosa pode representar liberdade e amadurecimento para uma pessoa e funcionar como defesa rígida para outra.

39. Adolescência e reorganização da personalidade

A adolescência constitui um período de profundas transformações corporais, afetivas e sociais.

O adolescente precisa elaborar a perda do corpo infantil, questionar identificações anteriores e construir maior autonomia.

As figuras parentais deixam de ser vistas apenas como modelos idealizados. O jovem reconhece suas limitações e contradições.

Novas identificações são estabelecidas com amigos, professores, artistas, líderes e grupos sociais.

As oscilações de humor, as mudanças de interesses e a experimentação de diferentes estilos podem fazer parte da busca por identidade.

A personalidade ainda está em reorganização. Por isso, deve-se evitar transformar manifestações transitórias em diagnósticos rígidos.

40. Personalidade na vida adulta

A personalidade continua sofrendo transformações durante a vida adulta.

Relacionamentos, trabalho, parentalidade, perdas, mudanças de cidade, doenças e envelhecimento exigem novas formas de adaptação.

Alguns traços tornam-se mais estáveis, mas isso não significa imutabilidade.



Uma pessoa pode desenvolver maior tolerância à frustração, modificar padrões afetivos e construir maneiras diferentes de enfrentar conflitos.

A psicoterapia, os vínculos significativos e as experiências de cuidado podem favorecer essas mudanças.

O desenvolvimento psíquico não termina com a infância. Cada etapa da vida apresenta possibilidades de elaboração.

41. Personalidade e escolhas amorosas

Os primeiros vínculos influenciam as expectativas construídas sobre amor, intimidade e separação.

O sujeito pode buscar relações que confirmem modelos conhecidos, mesmo quando esses modelos produzem sofrimento.

Algumas pessoas escolhem parceiros indisponíveis e repetem a busca por reconhecimento. Outras evitam a intimidade porque associam dependência a perigo.

As escolhas amorosas envolvem:

- desejos conscientes;
- fantasias inconscientes;
- identificações;
- modelos familiares;
- necessidade de reparação;
- medo de abandono;
- busca de segurança;
- repetição de conflitos.

A influência da infância não significa destino inevitável. Novas experiências podem modificar os modelos internos de relacionamento.

42. Personalidade e trabalho

O trabalho também expressa aspectos da personalidade.

A escolha profissional pode relacionar-se a identificações, ideais, desejos de reconhecimento e expectativas familiares.

Uma pessoa pode procurar uma profissão que permita cuidar, ensinar, liderar, criar ou investigar.



O ambiente profissional pode atualizar conflitos relacionados à autoridade, competição, aprovação e fracasso.

O trabalho pode oferecer realização e sentido, mas também funcionar como fuga de conflitos afetivos.

A análise procura compreender a função singular que o trabalho ocupa na vida do sujeito.

43. Personalidade e transferência

Na relação analítica, o paciente atualiza padrões afetivos construídos em relações anteriores.

Pode perceber o analista como cuidador, autoridade, rival, juiz ou pessoa que poderá abandoná-lo.

Essas experiências transferenciais revelam aspectos importantes da personalidade.

Uma pessoa habituada a agradar pode concordar com todas as falas do analista. Outra pode interpretar cada intervenção como crítica.

O analista observa essas manifestações sem reduzi-las a defeitos pessoais.

A transferência permite que padrões antigos sejam vivenciados em um espaço no qual podem ser reconhecidos e elaborados.

44. Estrutura, traços e sintomas

É importante diferenciar estrutura de personalidade, traços e sintomas.

A estrutura corresponde à organização relativamente estável do funcionamento psíquico.

Os traços são características recorrentes, como timidez, impulsividade, cautela ou perfeccionismo.

Os sintomas são manifestações que produzem sofrimento ou conflito, como crises de ansiedade, compulsões ou dificuldades persistentes de relacionamento.

Uma pessoa pode apresentar determinado traço sem possuir um transtorno.

A avaliação clínica precisa considerar intensidade, duração, flexibilidade, contexto e prejuízos causados pelas manifestações.



45. Saúde psíquica e flexibilidade

A saúde psíquica não corresponde à ausência completa de conflitos, ansiedade ou tristeza.

Uma personalidade saudável apresenta maior flexibilidade para reconhecer sentimentos, adaptar-se às mudanças e construir vínculos.

Entre os recursos relacionados à saúde psíquica estão:

- capacidade de amar;
- possibilidade de trabalhar e criar;
- reconhecimento dos próprios limites;
- tolerância à frustração;
- capacidade de pedir ajuda;
- respeito à autonomia do outro;
- possibilidade de sentir culpa e reparar;
- capacidade de elaborar perdas;
- equilíbrio entre dependência e autonomia;
- utilização flexível das defesas.

O sofrimento torna-se mais intenso quando a personalidade responde de maneira rígida a situações diferentes.

Resumo do capítulo

A personalidade corresponde à organização dinâmica de características, desejos, conflitos, defesas, valores, identificações e formas de relacionamento.

Na perspectiva psicanalítica, ela não pode ser compreendida somente pelos comportamentos conscientes. Processos inconscientes também influenciam escolhas, sintomas e relações.

Freud apresentou a primeira tópica, formada por Consciente, Pré-consciente e Inconsciente, e a segunda tópica, constituída por Id, Ego e Superego.

O Id busca satisfação pulsional; o Ego considera a realidade e procura mediar os conflitos; o Superego representa proibições, ideais e exigências morais.

As experiências infantis, os primeiros vínculos, o ambiente, as identificações, a linguagem, a cultura e as condições sociais participam da formação da personalidade.

Winnicott destacou a importância do ambiente suficientemente bom, do holding e do desenvolvimento do verdadeiro Self.



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS
— CURSOS LIVRES —



A personalidade apresenta alguma estabilidade, mas pode sofrer transformações ao longo de toda a vida. A saúde psíquica está relacionada à flexibilidade, à capacidade de amar, trabalhar, elaborar perdas e construir respostas adequadas diante dos conflitos.



Glossário

Personalidade: organização dinâmica de características psíquicas, afetivas e comportamentais.

Singularidade: modo particular pelo qual cada sujeito organiza e atribui significado às próprias experiências.

Id: instância psíquica relacionada às pulsões e à busca de satisfação.

Ego: instância que medeia as exigências do Id, do Superego e da realidade.

Superego: instância ligada às proibições, aos valores morais e aos ideais.

Princípio do prazer: tendência de buscar satisfação e reduzir tensões.

Princípio da realidade: capacidade de adiar ou modificar a satisfação considerando as condições externas.

Ideal do Ego: conjunto de modelos e expectativas sobre aquilo que o sujeito acredita que deveria ser.

Identificação: assimilação e transformação de características pertencentes a outras pessoas.

Narcisismo: investimento de energia psíquica no próprio Eu.

Autoestima: avaliação afetiva que a pessoa constrói sobre si mesma.

Holding: sustentação física e emocional oferecida pelo ambiente cuidador.

Verdadeiro Self: dimensão relacionada à espontaneidade, criatividade e autenticidade.

Falso Self: organização defensiva baseada na adaptação excessiva às expectativas externas.

Caráter: conjunto relativamente estável de modos de agir e enfrentar conflitos.

Compulsão à repetição: tendência de repetir conflitos e experiências não elaboradas.

Mecanismos de defesa: operações utilizadas pelo Ego para reduzir a ansiedade e administrar conflitos.



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS
— CURSOS LIVRES —



Transferência: atualização de padrões afetivos anteriores na relação com o analista.



Atividades de aprendizagem

1. Defina personalidade na perspectiva psicanalítica.
2. Por que pessoas criadas no mesmo ambiente podem formar personalidades diferentes?
3. Explique a importância do Inconsciente para a compreensão da personalidade.
4. Quais sistemas constituem a primeira tópica freudiana?
5. Quais instâncias constituem a segunda tópica?
6. Apresente as principais características do Id.
7. Explique o princípio do prazer.
8. Quais são as principais funções do Ego?
9. Explique o princípio da realidade.
10. Quais são as funções do Superego?
11. Diferencie consciência moral e Ideal do Ego.
12. Quais consequências podem resultar de um Superego excessivamente rígido?
13. Como os conflitos entre Id, Ego e Superego podem produzir ansiedade?
14. Por que as experiências infantis são importantes para a formação da personalidade?
15. Explique o conceito de mãe suficientemente boa.
16. O que Winnicott denominou holding?
17. Diferencie verdadeiro Self e falso Self.
18. Qual é a importância das identificações?
19. Explique a identificação com o agressor.
20. Como o Complexo de Édipo participa da formação da personalidade?
21. Qual é a importância do narcisismo para a autoestima?
22. Como a frustração pode contribuir para o amadurecimento?
23. Diferencie temperamento, caráter e personalidade.
24. De que maneira a linguagem participa da constituição do sujeito?
25. Como a família transmite valores e padrões de relacionamento?
26. Qual é a influência da cultura sobre a personalidade?
27. Por que a adolescência representa uma reorganização da personalidade?
28. Como os primeiros vínculos podem influenciar escolhas amorosas?
29. De que maneira aspectos da personalidade aparecem na transferência?
30. Por que a flexibilidade é importante para a saúde psíquica?



Questões para reflexão

1. Uma pessoa pode modificar traços de sua personalidade ao longo da vida? Justifique.
2. Qual é a diferença entre estabelecer limites e reprimir completamente os desejos?
3. Como as expectativas familiares podem favorecer ou dificultar a autonomia?
4. De que maneira a busca constante por perfeição pode estar relacionada ao Superego?
5. É possível adaptar-se às exigências sociais sem perder a autenticidade?
6. Como as redes sociais influenciam a autoestima e os ideais contemporâneos?
7. Por que o conhecimento da infância não oferece uma explicação automática para todos os conflitos adultos?
8. Como a capacidade de reconhecer as próprias limitações pode contribuir para o amadurecimento?



Proposta de estudo de caso

Mariana, de 34 anos, trabalha como coordenadora administrativa. É considerada eficiente, responsável e extremamente organizada. Apesar do reconhecimento profissional, sente que nunca realiza suas tarefas de maneira suficientemente boa.

Quando comete um pequeno erro, passa vários dias pensando no ocorrido e teme que as pessoas descubram que ela é incompetente. Mariana raramente descansa e sente culpa quando realiza atividades apenas por prazer.

Em seus relacionamentos, procura adaptar-se às expectativas do parceiro. Evita manifestar discordâncias e acredita que será abandonada se demonstrar raiva ou insatisfação.

Durante a análise, Mariana pede desculpas constantemente e procura descobrir quais respostas o analista espera que ela apresente.

Com base no conteúdo estudado, responda:

1. Quais elementos indicam a presença de um Superego rígido?
2. Como o Ideal do Ego aparece na vida profissional de Mariana?
3. Quais características podem estar relacionadas à organização de um falso Self?
4. Como o medo de abandono influencia seus relacionamentos?
5. De que maneira a busca por aprovação aparece na transferência?
6. Quais mecanismos de defesa podem estar presentes?
7. Por que a eficiência profissional não significa necessariamente ausência de sofrimento?
8. Que aspectos de sua história familiar poderiam ser investigados?
9. Como Mariana poderia desenvolver uma relação mais flexível com seus erros?
10. Por que o analista deve evitar oferecer respostas prontas sobre a personalidade da paciente?

Proposta de atividade em grupo

Divida a turma em cinco grupos:

- Grupo 1 — Id, Ego e Superego;
- Grupo 2 — Experiências infantis e primeiros vínculos;
- Grupo 3 — Identificação e formação da identidade;
- Grupo 4 — Winnicott: ambiente, holding e Self;



- Grupo 5 — Cultura, família e formação da personalidade.

Cada grupo deverá apresentar:

1. definição dos conceitos principais;
2. exemplo de aplicação;
3. situação cotidiana relacionada ao tema;
4. erro comum de interpretação;
5. relação com a prática psicanalítica;
6. pergunta para debate.



Atividade de análise conceitual

Analise as afirmações e explique se estão corretas ou incorretas.

1. A personalidade nasce pronta e permanece imutável durante toda a vida.
2. O Id funciona principalmente de acordo com o princípio do prazer.
3. O Ego tem como função eliminar completamente os desejos do Id.
4. O Superego está relacionado às proibições e aos ideais.
5. Um Superego rígido é sempre sinal de maturidade moral.
6. A identificação corresponde à cópia perfeita de outra pessoa.
7. O falso Self pode funcionar como proteção diante de um ambiente que não acolhe a espontaneidade.
8. Toda frustração é prejudicial ao desenvolvimento infantil.
9. Os mecanismos de defesa são utilizados apenas por pessoas com transtornos psicológicos.
10. A personalidade pode sofrer transformações ao longo da vida.
11. A cultura participa da construção dos ideais e dos valores individuais.
12. A saúde psíquica significa não sentir conflitos, tristeza ou ansiedade.
13. A transferência pode revelar padrões importantes da personalidade.
14. Um traço de personalidade não corresponde necessariamente a um transtorno.
15. A Psicanálise deve considerar a história singular do sujeito antes de formular interpretações.



Leitura complementar sugerida

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id.*

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo.*

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer.*

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia.*

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização.*

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação.*

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade.*

KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação.*

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise.*

BERGERET, Jean. *A personalidade normal e patológica.*

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. *Teorias da personalidade.*



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS

— CURSOS LIVRES —



MÓDULO III — DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

VOLUME III — FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

CAPÍTULO 4 — MECANISMOS DE DEFESA



1. Introdução

Os mecanismos de defesa constituem recursos psíquicos utilizados pelo Ego para administrar conflitos, reduzir a ansiedade e proteger o sujeito de experiências emocionais consideradas ameaçadoras.

Esses mecanismos atuam, em grande parte, de maneira inconsciente. Isso significa que a pessoa geralmente não percebe que está modificando, afastando ou reorganizando determinado conteúdo psíquico.

As defesas podem ser mobilizadas diante de:

- desejos incompatíveis com os valores pessoais;
- impulsos considerados proibidos;
- lembranças dolorosas;
- sentimentos de culpa;
- ameaças externas;
- medo de abandono;
- conflitos entre o Id e o Superego;
- exigências excessivas da realidade;
- perdas;
- frustrações;
- experiências traumáticas;
- sentimentos de vergonha ou inadequação.

Todas as pessoas utilizam mecanismos de defesa. Portanto, sua presença não indica necessariamente uma doença ou um transtorno psíquico.

O aspecto mais importante é observar a intensidade, a frequência e a rigidez com que determinada defesa é empregada.

Quando as defesas são flexíveis, ajudam o sujeito a preservar temporariamente seu equilíbrio e a continuar enfrentando a realidade. Quando se tornam rígidas ou excessivas, podem impedir a elaboração dos conflitos e produzir sintomas, dificuldades nos relacionamentos e sofrimento persistente.



2. O conceito de defesa em Freud

O conceito de defesa ocupa uma posição importante na obra de Sigmund Freud.

Em seus primeiros estudos sobre as neuroses, Freud percebeu que determinadas ideias, lembranças e desejos eram afastados da consciência porque produziam sofrimento.

Esses conteúdos não desapareciam completamente. Continuavam atuando no Inconsciente e retornavam sob formas indiretas, como:

- sintomas;
- sonhos;
- atos falhos;
- esquecimentos;
- fantasias;
- comportamentos repetitivos;
- manifestações corporais;
- dificuldades nos relacionamentos.

Inicialmente, Freud utilizou o conceito de defesa para descrever a tentativa do Ego de afastar representações incompatíveis com a consciência.

Posteriormente, a repressão tornou-se um dos principais exemplos desse processo. Entretanto, Freud reconheceu que a repressão não era a única maneira pela qual o Ego procurava proteger-se.

O termo “mecanismos de defesa” passou a abranger diferentes operações realizadas pelo psiquismo para enfrentar conflitos e ansiedades.

3. A contribuição de Anna Freud

Anna Freud aprofundou o estudo dos mecanismos de defesa, especialmente em sua obra *O Ego e os mecanismos de defesa*.

Ela destacou que a observação clínica não deveria concentrar-se somente nos impulsos do Id. Também seria necessário compreender as formas pelas quais o Ego procura controlar, modificar ou impedir a expressão desses impulsos.

Anna Freud demonstrou que as defesas podem ser observadas:

- no modo como a pessoa relata sua história;
- nas contradições presentes em seu discurso;



- na maneira como responde às interpretações;
- nas atitudes adotadas durante a análise;
- nas relações estabelecidas com outras pessoas;
- nos comportamentos repetitivos;
- na transferência;
- nas formas de evitar determinados assuntos.

A contribuição de Anna Freud ampliou a compreensão das funções do Ego e permitiu uma análise mais sistemática das estratégias defensivas.

4. A função dos mecanismos de defesa

A principal função dos mecanismos de defesa é proteger o Ego contra experiências que ameaçam seu equilíbrio.

Essa ameaça pode ter diferentes origens.

O perigo pode surgir do Id, quando um impulso busca satisfação e entra em conflito com os valores do sujeito.

Pode surgir do Superego, quando a pessoa teme culpa, punição ou condenação moral.

Também pode surgir da realidade externa, quando o sujeito enfrenta perdas, rejeições, doenças, violência, separações ou fracassos.

As defesas procuram diminuir a tensão provocada por essas situações.

Elas não eliminam necessariamente o conflito. Modificam a maneira como ele é percebido ou representado.

Uma pessoa pode, por exemplo, negar uma realidade dolorosa, atribuir seus sentimentos a outra pessoa ou construir uma explicação racional para esconder uma motivação emocional.

5. Defesa e ansiedade

A ansiedade funciona como um sinal de perigo para o Ego.

Ao perceber uma ameaça, o Ego mobiliza mecanismos de defesa para evitar que a tensão se torne insuportável.

Freud distinguiu três formas principais de ansiedade:

- ansiedade realística;
- ansiedade neurótica;



- ansiedade moral.

A ansiedade realística está relacionada a perigos existentes no mundo externo. Uma pessoa pode sentir medo diante de uma situação de violência, de uma doença ou de uma ameaça concreta.

A ansiedade neurótica está relacionada ao medo de que os impulsos do Id escapem ao controle e produzam consequências indesejadas.

A ansiedade moral surge quando o sujeito teme a condenação do Superego. Pode manifestar-se como culpa, vergonha ou medo de punição.

Os mecanismos de defesa procuram reduzir essas diferentes formas de ansiedade.

6. Defesas conscientes e inconscientes

Os mecanismos de defesa atuam predominantemente de maneira inconsciente.

Isso os diferencia de estratégias deliberadas utilizadas para resolver problemas.

Uma pessoa pode decidir conscientemente adiar uma conversa porque está emocionalmente alterada. Essa decisão não corresponde necessariamente a um mecanismo de defesa. Pode representar uma escolha planejada e adequada.

Entretanto, se a pessoa evita continuamente qualquer conflito e afirma que “está tudo bem”, mesmo quando demonstra intenso sofrimento, pode estar utilizando uma defesa inconsciente.

Nem todo afastamento de uma situação dolorosa é patológico. Em determinadas circunstâncias, o sujeito precisa de tempo para organizar seus sentimentos.

A avaliação depende do contexto, da flexibilidade e das consequências produzidas.

7. Repressão ou recalque

A repressão, também denominada recalque, é um dos mecanismos fundamentais da teoria psicanalítica.

Ela consiste no afastamento de representações, desejos, lembranças ou fantasias que provocariam ansiedade caso se tornassem conscientes.

O conteúdo reprimido permanece no Inconsciente.

Por isso, continua procurando formas de expressão.

Pode retornar por meio de:



- sonhos;
- sintomas;
- lapsos de linguagem;
- esquecimentos;
- atos falhos;
- fantasias;
- escolhas repetitivas;
- reações emocionais aparentemente desproporcionais.

A repressão não corresponde a uma decisão consciente de esquecer.

Quando alguém decide não pensar temporariamente em determinado assunto, ocorre uma supressão consciente. No recalque, o processo acontece sem que a pessoa reconheça claramente aquilo que está afastando.

8. O retorno do reprimido

O conteúdo reprimido não é eliminado do psiquismo.

Ele permanece ativo e pode retornar de maneira disfarçada.

Esse retorno ocorre porque os desejos e conflitos inconscientes continuam exercendo pressão sobre o aparelho psíquico.

Um sentimento hostil reprimido pode aparecer como irritação aparentemente sem motivo. Uma lembrança dolorosa pode manifestar-se por meio de sonhos repetitivos. Um desejo proibido pode surgir em atos falhos ou sintomas.

O retorno do reprimido geralmente apresenta uma forma modificada, permitindo que o conteúdo encontre alguma expressão sem ser plenamente reconhecido pela consciência.

O sintoma pode representar, simultaneamente, a expressão do desejo e a defesa contra ele.

9. Negação

A negação consiste na recusa de reconhecer uma realidade externa ou interna que produz sofrimento.

A pessoa percebe determinado acontecimento, mas age como se ele não existisse ou não tivesse importância.

A negação pode aparecer em situações como:



- perda de uma pessoa querida;
- diagnóstico de uma doença;
- término de um relacionamento;
- dependência química;
- dificuldades financeiras;
- fracasso profissional;
- envelhecimento;
- conflitos familiares.

Nos primeiros momentos de uma perda, a negação pode proteger o sujeito de uma dor excessivamente intensa.

Entretanto, quando permanece por muito tempo, pode impedir que a pessoa tome decisões, procure ajuda ou elabore a experiência.

10. Negação e elaboração da realidade

A negação pode apresentar graus diferentes.

Uma pessoa pode reconhecer intelectualmente uma realidade, mas não conseguir aceitá-la emocionalmente.

Alguém pode afirmar que compreende o fim de um relacionamento, mas continuar organizando sua vida como se o parceiro fosse retornar a qualquer momento.

Em outros casos, o sujeito rejeita completamente as evidências disponíveis.

A defesa torna-se problemática quando impede o contato necessário com a realidade.

O trabalho analítico não deve destruir bruscamente a negação. É necessário compreender a função que ela exerce e avaliar se o sujeito possui recursos para enfrentar o conteúdo doloroso.

11. Projeção

A projeção ocorre quando o sujeito atribui a outra pessoa sentimentos, desejos ou impulsos que pertencem a ele próprio.

Uma pessoa que sente intensa hostilidade pode acreditar que todos estão tentando prejudicá-la.

Alguém que experimenta ciúme pode acusar constantemente o parceiro de ser ciumento.



A projeção permite que o sujeito perceba o conflito como algo externo.

Em vez de reconhecer “eu sinto raiva”, a pessoa passa a acreditar que “o outro me odeia”.

Esse mecanismo pode reduzir temporariamente a culpa ou a ansiedade, mas dificulta o autoconhecimento e pode produzir conflitos nos relacionamentos.

12. Projeção e relações interpessoais

A projeção influencia a maneira como o sujeito interpreta as atitudes dos outros.

Uma pessoa que teme intensamente ser rejeitada pode interpretar pequenas ausências como sinais de abandono.

Alguém que não reconhece a própria competitividade pode considerar todos os colegas invejosos.

Isso não significa que toda percepção negativa sobre outra pessoa seja uma projeção.

O outro pode realmente apresentar comportamentos hostis, invejosos ou manipuladores.

A análise precisa considerar tanto a realidade externa quanto a participação das fantasias e dos conflitos internos.

13. Introjeção

A introjeção consiste na incorporação psíquica de características, valores, atitudes ou representações pertencentes a outras pessoas.

Ela participa da formação da personalidade e do Superego.

A criança interioriza proibições, modelos e formas de relacionamento apresentados pelas figuras cuidadoras.

Essa interiorização pode oferecer:

- segurança;
- identidade;
- valores;
- referências morais;
- sentimento de pertencimento;
- modelos de comportamento.



Entretanto, o sujeito também pode introjetar críticas, humilhações e exigências excessivas.

Uma pessoa que foi constantemente chamada de incapaz pode incorporar essa avaliação e continuar tratando a si mesma de maneira semelhante, mesmo após afastar-se do ambiente original.

14. Identificação

A identificação é o processo pelo qual o sujeito assimila características de outra pessoa e as integra à própria personalidade.

Ela não corresponde a uma simples imitação.

As características assimiladas são transformadas de acordo com a história e a organização psíquica do indivíduo.

A identificação pode ocorrer com:

- pais;
- cuidadores;
- irmãos;
- professores;
- líderes;
- amigos;
- personagens;
- grupos sociais;
- autoridades;
- figuras religiosas.

As identificações são fundamentais para o desenvolvimento da identidade.

Também podem funcionar defensivamente quando o sujeito se identifica com alguém para diminuir sentimentos de insegurança ou desamparo.

15. Identificação com o agressor

Na identificação com o agressor, o sujeito assimila características daquele que lhe provoca medo ou sofrimento.

Ao ocupar simbolicamente a posição do agressor, procura deixar de sentir-se fraco e ameaçado.

Uma criança submetida a um ambiente autoritário pode reproduzir o mesmo autoritarismo com colegas, irmãos menores ou brinquedos.



Uma pessoa humilhada no ambiente profissional pode humilhar subordinados quando alcança uma posição de autoridade.

Esse mecanismo ajuda a compreender por que determinadas formas de violência podem ser repetidas entre gerações.

A repetição não é inevitável. Quando o processo é reconhecido e elaborado, o sujeito pode construir outras formas de relacionamento.

16. Deslocamento

O deslocamento ocorre quando um sentimento ou impulso é transferido de seu objeto original para outro objeto considerado menos ameaçador.

Uma pessoa sente raiva do chefe, mas não consegue expressá-la por medo de perder o emprego. Ao chegar em casa, irrita-se intensamente com um familiar por causa de uma situação pequena.

Nesse caso, o afeto foi deslocado.

O objeto original representa perigo, enquanto o novo objeto parece mais seguro para a expressão do sentimento.

O deslocamento também aparece nos sonhos, nas fobias e em determinadas escolhas simbólicas.

Esse mecanismo pode proteger o sujeito de um confronto perigoso, mas também pode prejudicar pessoas que não possuem relação direta com o conflito original.

17. Formação reativa

A formação reativa consiste na transformação de um impulso ou sentimento em seu oposto.

Quando determinado desejo é considerado inaceitável, o sujeito pode apresentar uma atitude exageradamente contrária a ele.

Uma pessoa que sente hostilidade pode demonstrar gentileza excessiva.

Alguém que experimenta desejos considerados proibidos pode tornar-se extremamente rígido na condenação desses mesmos desejos nos outros.

A formação reativa caracteriza-se pela intensidade e pela rigidez.

A atitude apresentada frequentemente parece exagerada e pouco espontânea.



Essa defesa permite manter o impulso original afastado da consciência.

18. Racionalização

A racionalização ocorre quando o sujeito apresenta explicações aparentemente lógicas para comportamentos motivados por razões emocionais ou inconscientes.

A pessoa cria uma justificativa aceitável para evitar o contato com sentimentos como medo, inveja, culpa, vergonha ou frustração.

Um candidato não aprovado pode afirmar que não desejava realmente aquela vaga.

Uma pessoa rejeitada pode dizer que o relacionamento não era importante.

Alguém que evita determinado desafio pode declarar que ele não possui qualquer utilidade.

As explicações apresentadas podem conter elementos verdadeiros. Entretanto, não revelam completamente as motivações envolvidas.

A racionalização não deve ser confundida com uma análise racional legítima. O elemento defensivo encontra-se na utilização da explicação para ocultar um conflito emocional.

19. Intelectualização

A intelectualização consiste no uso excessivo de pensamentos abstratos, teorias e explicações para evitar o contato com os sentimentos.

A pessoa fala detalhadamente sobre determinada experiência, mas mantém distância emocional do que aconteceu.

Alguém pode explicar todas as etapas médicas de uma doença sem conseguir falar sobre o medo da morte.

Outro sujeito pode analisar teoricamente o término de um relacionamento sem reconhecer a tristeza, a raiva ou a sensação de abandono.

A capacidade intelectual não constitui um problema.

A defesa aparece quando o conhecimento é utilizado para impedir a experiência emocional.

Na formação psicanalítica, o estudante também pode empregar a teoria como defesa, descrevendo conceitos complexos sem relacioná-los à própria experiência ou à realidade clínica.



20. Isolamento do afeto

No isolamento do afeto, uma ideia ou lembrança é separada do sentimento que originalmente a acompanhava.

A pessoa relata uma experiência dolorosa de maneira fria, distante ou indiferente.

Pode descrever uma perda, uma violência ou uma humilhação sem demonstrar qualquer emoção.

Isso não significa necessariamente ausência de sofrimento.

O afeto pode ter sido isolado para impedir que a experiência se torne insuportável.

Em outros momentos, o sentimento pode aparecer deslocado, por exemplo, como ansiedade, irritação ou sintomas corporais.

O analista deve evitar concluir rapidamente que o paciente não se importa com aquilo que relata.

21. Anulação retroativa

A anulação retroativa ocorre quando o sujeito procura desfazer simbolicamente um pensamento, desejo ou comportamento considerado inaceitável.

Uma pessoa pode realizar um gesto excessivamente carinhoso após sentir intensa hostilidade.

Outra pode repetir palavras, rituais ou ações com a fantasia inconsciente de impedir uma consequência temida.

Esse mecanismo aparece de maneira evidente em alguns sintomas obsessivos.

O sujeito age como se uma ação posterior pudesse apagar ou neutralizar aquilo que ocorreu anteriormente.

A reparação consciente é diferente da anulação defensiva. Na reparação, a pessoa reconhece o dano e procura assumir responsabilidade. Na anulação, existe frequentemente uma tentativa mágica de eliminar a culpa.

22. Regressão

A regressão consiste no retorno a formas anteriores de funcionamento diante de uma situação de ansiedade, frustração ou insegurança.



Uma criança que já desenvolveu determinada autonomia pode voltar a apresentar comportamentos mais dependentes após o nascimento de um irmão.

Um adulto, diante de uma situação de intenso estresse, pode tornar-se excessivamente dependente, impulsivo ou incapaz de tomar decisões.

A regressão pode ser temporária e não representa necessariamente uma doença.

Em situações de adoecimento, cansaço ou perda, o sujeito pode precisar receber cuidados e diminuir temporariamente suas responsabilidades.

A defesa torna-se problemática quando impede o desenvolvimento ou transforma-se na única maneira de enfrentar dificuldades.

23. Fixação

A fixação ocorre quando parte da energia psíquica permanece ligada a uma fase, relação ou forma anterior de satisfação.

Experiências intensamente prazerosas ou excessivamente frustrantes podem contribuir para esse processo.

A fixação não significa que a pessoa permaneça integralmente em uma fase infantil.

Determinados modos de relacionamento ou satisfação podem continuar exercendo influência na vida adulta.

A fixação pode favorecer movimentos regressivos quando o sujeito enfrenta conflitos.

Uma pessoa pode retornar a formas anteriores de dependência, controle ou busca de satisfação diante de situações que ameaçam seu equilíbrio.

24. Fantasia

A fantasia pode funcionar como uma defesa quando o sujeito substitui ações ou relações reais por realizações imaginárias.

Ela oferece satisfação simbólica para desejos que não podem ser realizados diretamente.

A fantasia possui uma função importante na criatividade, na esperança e na elaboração psíquica.

Entretanto, pode tornar-se problemática quando substitui persistentemente o contato com a realidade.



Uma pessoa pode imaginar repetidamente grandes realizações sem construir os meios necessários para alcançá-las.

Outra pode manter uma relação apenas em sua imaginação, evitando os riscos e as frustrações dos vínculos reais.

O problema não está em fantasiar, mas na rigidez e no afastamento da realidade.

25. Compensação

A compensação ocorre quando o sujeito procura desenvolver determinada capacidade para enfrentar ou encobrir um sentimento de inferioridade.

Uma pessoa insegura em uma área pode investir intensamente em outra na qual consegue obter reconhecimento.

Alguém que enfrentou dificuldades escolares pode desenvolver grande habilidade artística, esportiva ou profissional.

A compensação pode contribuir positivamente para o desenvolvimento.

Contudo, quando se torna excessiva, pode aprisionar o sujeito em uma busca permanente de reconhecimento.

A pessoa sente que precisa provar continuamente seu valor para esconder sentimentos profundos de inadequação.

26. Supercompensação

Na supercompensação, o esforço para superar uma fragilidade torna-se exagerado.

Uma pessoa que se sente fraca pode adotar uma postura extremamente autoritária.

Alguém que teme parecer ignorante pode corrigir constantemente os outros.

Uma pessoa profundamente insegura pode apresentar uma imagem de superioridade e autossuficiência.

A aparência externa não revela necessariamente a organização interna.

Comportamentos grandiosos podem encobrir sentimentos de desamparo, vergonha ou inferioridade.

27. Conversão



A conversão consiste na expressão de conflitos psíquicos por meio de sintomas corporais.

O sofrimento emocional encontra uma representação no corpo, sem que exista uma explicação orgânica suficiente para a manifestação.

Podem surgir alterações relacionadas a:

- movimentos;
- sensibilidade;
- fala;
- visão;
- dores;
- equilíbrio;
- funcionamento corporal.

Isso não significa que o sintoma seja inventado.

A pessoa experimenta o sofrimento corporal de maneira real.

Antes de considerar uma explicação psíquica, é indispensável realizar uma avaliação médica adequada.

A Psicanálise procura compreender o significado simbólico que o sintoma pode apresentar na história do sujeito.

28. Somatização

A somatização corresponde à manifestação corporal de sofrimentos emocionais.

Ansiedade, estresse e conflitos podem contribuir para dores, alterações gastrointestinais, tensão muscular e outros sintomas físicos.

A somatização não deve ser interpretada como fingimento.

Corpo e psiquismo mantêm relações constantes.

Também não se deve atribuir automaticamente qualquer sintoma físico a causas emocionais.

A investigação médica é necessária para excluir ou tratar condições orgânicas.

O cuidado pode exigir a participação conjunta de profissionais de diferentes áreas.

29. Acting out ou atuação



O acting out ocorre quando um conflito é expresso por meio de ações em vez de ser recordado, pensado ou comunicado verbalmente.

A pessoa atua aquilo que não consegue representar em palavras.

Durante uma análise, um paciente pode faltar repetidamente após sentir-se contrariado, sem reconhecer a relação entre sua ausência e o que ocorreu na sessão.

Em outros contextos, conflitos podem aparecer por meio de comportamentos impulsivos, rupturas súbitas ou exposição a riscos.

A atuação comunica alguma coisa, ainda que o sujeito não reconheça conscientemente sua mensagem.

O trabalho clínico procura transformar a ação repetitiva em experiência que possa ser pensada e elaborada.

30. Passagem ao ato

A passagem ao ato caracteriza-se pela descarga direta e impulsiva de uma tensão psíquica.

O sujeito abandona temporariamente o campo da reflexão e realiza uma ação.

Ela pode aparecer em comportamentos agressivos, fugas, rupturas abruptas ou outras ações de risco.

É importante diferenciar passagem ao ato de uma decisão consciente e planejada.

Na passagem ao ato, existe uma dificuldade significativa de simbolizar e suportar a tensão.

Situações que envolvam risco à integridade da pessoa ou de terceiros exigem avaliação profissional imediata e medidas de proteção.

31. Clivagem

A clivagem consiste na separação de aspectos contraditórios de uma pessoa, de um objeto ou de si mesmo.

O sujeito apresenta dificuldade para integrar qualidades e defeitos, amor e ódio, satisfação e frustração.

Uma pessoa pode ser percebida como totalmente boa em determinado momento e completamente má em outro.



A mudança ocorre quando ela frustra ou contraria uma expectativa.

A clivagem aparece de maneira importante nos primeiros períodos do desenvolvimento, quando a criança ainda não consegue compreender que o cuidador que satisfaz também é aquele que frustra.

Com o amadurecimento, espera-se uma maior integração dos aspectos positivos e negativos.

32. Idealização

A idealização ocorre quando o sujeito atribui qualidades exageradamente positivas a si mesmo ou a outra pessoa.

O objeto idealizado é percebido como perfeito, poderoso ou incapaz de falhar.

A idealização pode oferecer segurança diante de sentimentos de fragilidade.

Uma criança pequena pode precisar imaginar os cuidadores como extremamente poderosos.

Na vida adulta, a idealização pode aparecer em relações amorosas, religiosas, profissionais ou terapêuticas.

O problema surge quando qualquer falha provoca uma desvalorização completa.

A pessoa anteriormente considerada perfeita passa a ser vista como totalmente incapaz ou mal-intencionada.

33. Desvalorização

A desvalorização consiste em diminuir excessivamente a importância ou o valor de uma pessoa, experiência ou conquista.

Ela pode surgir após a frustração de uma idealização.

Uma pessoa pode admirar intensamente alguém enquanto suas expectativas são atendidas. Após uma discordância, passa a afirmar que essa pessoa nunca teve qualquer qualidade.

A desvalorização também pode ser dirigida ao próprio Eu.

O sujeito ignora suas conquistas, minimiza suas capacidades e concentra-se exclusivamente nas falhas.



Essa defesa pode proteger contra a dependência, a inveja ou a dor de uma decepção.

34. Onipotência

A onipotência corresponde à fantasia de possuir controle absoluto sobre si, sobre os outros ou sobre os acontecimentos.

Nos primeiros períodos do desenvolvimento, o bebê pode experimentar a ilusão de que seus desejos produzem diretamente a satisfação.

Com o amadurecimento, o sujeito reconhece progressivamente a existência de limites e a autonomia das outras pessoas.

Na vida adulta, manifestações de onipotência podem aparecer quando alguém acredita que:

- nunca precisará de ajuda;
- pode controlar completamente os outros;
- não está sujeito a erros;
- conseguirá evitar todas as perdas;
- suas decisões não produzirão consequências;
- possui sempre a resposta correta.

A onipotência protege contra sentimentos de dependência, impotência e vulnerabilidade.

35. Controle onipotente

O controle onipotente consiste na tentativa de controlar excessivamente pessoas, situações e sentimentos.

O sujeito acredita que somente estará seguro se conseguir prever e organizar tudo.

Pode apresentar dificuldade para:

- delegar responsabilidades;
- confiar nos outros;
- aceitar imprevistos;
- reconhecer limites;
- lidar com mudanças;
- admitir dependência;
- tolerar decisões diferentes das suas.



O controle reduz temporariamente a ansiedade, mas pode produzir exaustão e conflitos.

A realidade sempre apresenta elementos que não podem ser completamente controlados.

36. Dissociação

A dissociação envolve uma separação entre experiências, sentimentos, pensamentos ou aspectos da identidade que normalmente permaneceriam integrados.

Em situações traumáticas, a dissociação pode proteger o sujeito de uma experiência emocional insuportável.

A pessoa pode sentir-se distante do próprio corpo, perceber o ambiente como irreal ou apresentar dificuldade para recordar partes de determinado acontecimento.

Existem diferentes graus de dissociação.

Experiências leves podem ocorrer em situações cotidianas, como quando alguém realiza uma atividade automaticamente e percebe que não prestou atenção a parte do percurso.

Formas intensas e persistentes exigem avaliação clínica especializada.

37. Humor

O humor pode funcionar como um mecanismo de defesa relativamente maduro.

Por meio dele, o sujeito reconhece aspectos dolorosos da realidade sem ser completamente dominado por eles.

O humor permite criar alguma distância e encontrar novos significados.

Entretanto, nem toda brincadeira representa uma defesa saudável.

O humor pode ser utilizado para:

- evitar conversas sérias;
- esconder tristeza;
- humilhar outras pessoas;
- impedir demonstrações de vulnerabilidade;
- negar a gravidade de determinada situação.



A diferença encontra-se na flexibilidade e na possibilidade de também reconhecer os sentimentos envolvidos.

38. Altruísmo

O altruísmo pode representar uma defesa madura quando o sujeito encontra satisfação ao ajudar outras pessoas.

Desejos e conflitos pessoais são transformados em ações socialmente construtivas.

Uma pessoa que conhece o sofrimento provocado pela solidão pode dedicar-se a acolher pessoas isoladas.

Entretanto, o cuidado com os outros pode tornar-se defensivo quando o sujeito ignora completamente suas próprias necessidades.

Algumas pessoas somente se sentem valiosas quando estão resolvendo os problemas alheios.

O altruísmo saudável preserva a capacidade de cuidar do outro sem eliminar o cuidado de si.

39. Antecipação

A antecipação consiste na capacidade de prever possíveis dificuldades e preparar-se emocionalmente para enfrentá-las.

Diante de uma mudança, perda ou procedimento médico, a pessoa considera aquilo que poderá acontecer e organiza recursos.

Essa defesa é considerada madura porque mantém o contato com a realidade.

Entretanto, antecipação não deve ser confundida com preocupação excessiva.

Quando o sujeito imagina constantemente resultados catastróficos e não consegue agir, a preparação transforma-se em fonte de sofrimento.

A antecipação saudável permite planejar sem acreditar que todos os acontecimentos podem ser controlados.

40. Supressão

A supressão é o adiamento consciente da atenção dirigida a determinado sentimento ou problema.



A pessoa reconhece o conflito, mas decide enfrentá-lo em um momento mais adequado.

Um profissional pode perceber sua tristeza durante o trabalho e decidir refletir sobre ela quando estiver em um ambiente seguro.

Diferentemente da repressão, a supressão envolve algum grau de consciência.

Ela pode ser uma estratégia adaptativa, desde que o conteúdo não seja permanentemente evitado.

Adiar não significa abandonar a elaboração.

41. Sublimação

A sublimação é considerada um dos mecanismos de defesa mais maduros.

Ela consiste no direcionamento da energia pulsional para atividades socialmente valorizadas e psiquicamente construtivas.

Impulsos agressivos podem encontrar expressão em atividades esportivas, debates, pesquisas ou lutas por transformação social.

Desejos e fantasias podem contribuir para produções artísticas, intelectuais, religiosas ou profissionais.

A sublimação não elimina a pulsão. Ela oferece outro destino para sua energia.

Entre suas possíveis manifestações encontram-se:

- arte;
- literatura;
- música;
- ensino;
- pesquisa;
- trabalho;
- esporte;
- cuidado;
- participação social;
- produção cultural.

42. Sublimação e criatividade

A criatividade permite transformar conflitos e experiências em produções dotadas de significado.



Um escritor pode elaborar perdas por meio da literatura.

Um músico pode transformar angústias em composições.

Um professor pode direcionar sua curiosidade e seu desejo de transmissão para o trabalho educativo.

A atividade sublimatória não precisa produzir uma obra reconhecida publicamente.

Ela pode aparecer em tarefas cotidianas que ofereçam expressão, sentido e transformação.

Entretanto, nem todo trabalho intenso representa sublimação. Em alguns casos, o excesso de trabalho funciona como fuga de sentimentos ou relações.

43. Defesas primitivas e defesas maduras

Algumas classificações organizam os mecanismos de defesa de acordo com o grau de desenvolvimento e o contato preservado com a realidade.

Entre as defesas consideradas mais primitivas encontram-se:

- negação intensa;
- clivagem;
- idealização primitiva;
- desvalorização;
- projeção;
- onipotência;
- controle onipotente;
- identificação projetiva.

Entre as defesas consideradas neuróticas encontram-se:

- repressão;
- deslocamento;
- formação reativa;
- racionalização;
- isolamento do afeto;
- anulação retroativa;
- regressão.

Entre as defesas consideradas maduras encontram-se:

- sublimação;
- humor;
- antecipação;



- altruísmo;
- supressão.

Essa classificação não deve ser utilizada para rotular pessoas.

O mesmo indivíduo pode utilizar diferentes defesas em situações distintas.

44. Identificação projetiva

A identificação projetiva é um conceito desenvolvido especialmente por Melanie Klein.

Nesse processo, aspectos do próprio sujeito são projetados em outra pessoa, que passa a ser vivenciada como portadora desses conteúdos.

Além de atribuir o sentimento ao outro, o sujeito pode relacionar-se de maneira a pressioná-lo inconscientemente a sentir ou agir de acordo com aquilo que foi projetado.

Uma pessoa que teme ser rejeitada pode comportar-se com tamanha desconfiança e hostilidade que o outro termina por afastar-se.

O afastamento parece confirmar a expectativa inicial: “Eu sabia que seria abandonado”.

A identificação projetiva possui grande importância na compreensão das relações e da transferência.

45. Mecanismos de defesa e desenvolvimento infantil

As defesas aparecem desde os primeiros períodos da vida e acompanham o desenvolvimento psíquico.

A criança pequena possui poucos recursos para reconhecer sentimentos contraditórios.

Por isso, pode dividir as experiências entre completamente boas e completamente más.

Com o amadurecimento, desenvolve maior capacidade para integrar sentimentos diferentes e compreender que pode amar e sentir raiva da mesma pessoa.

O ambiente participa desse processo ao ajudar a criança a:

- nomear sentimentos;
- suportar frustrações;



- reconhecer limites;
- reparar danos;
- diferenciar fantasia e realidade;
- tolerar ambivalências;
- expressar necessidades;
- construir formas de simbolização.

O desenvolvimento saudável não elimina as defesas, mas amplia sua flexibilidade.

46. Mecanismos de defesa na adolescência

A adolescência envolve transformações corporais, questionamentos identitários e busca de autonomia.

Nesse período, podem aparecer:

- idealização de grupos;
- desvalorização das figuras parentais;
- negação da vulnerabilidade;
- atuações impulsivas;
- identificação com líderes ou personagens;
- racionalização;
- isolamento;
- projeção;
- humor;
- sublimação.

Essas manifestações devem ser compreendidas dentro do processo de reorganização da personalidade.

Isso não significa ignorar comportamentos de risco.

A avaliação precisa considerar a intensidade, a duração, os prejuízos e a capacidade do adolescente de reconhecer consequências.

47. Mecanismos de defesa na vida adulta

Na vida adulta, as defesas aparecem nos relacionamentos, no trabalho, na família e nas escolhas pessoais.

Uma pessoa pode racionalizar uma decisão profissional tomada por medo.

Outra pode projetar a própria insegurança no parceiro.



Alguém pode utilizar o trabalho como sublimação ou como fuga das relações afetivas.

Os acontecimentos da vida podem modificar o funcionamento defensivo.

Perdas, doenças, mudanças e crises podem levar o sujeito a utilizar temporariamente defesas mais primitivas.

A maturidade não significa utilizar somente defesas consideradas superiores. Significa possuir maior variedade de recursos e recuperar a flexibilidade após situações difíceis.

48. Mecanismos de defesa nos relacionamentos

Os vínculos afetivos mobilizam desejos, medos e experiências anteriores.

Por isso, constituem um espaço privilegiado para a manifestação das defesas.

Podem aparecer:

- projeções;
- idealizações;
- desvalorizações;
- negação de problemas;
- controle excessivo;
- formação reativa;
- isolamento dos afetos;
- dependência regressiva;
- identificação com o agressor.

Uma pessoa pode acreditar que está apenas reagindo ao comportamento do parceiro, sem reconhecer a participação de suas próprias expectativas e fantasias.

A compreensão das defesas não deve ser utilizada para invalidar denúncias ou negar fatos concretos.

É necessário considerar simultaneamente a realidade da relação e a organização psíquica de cada sujeito.

49. Mecanismos de defesa e família

As famílias desenvolvem modos coletivos de enfrentar conflitos.

Algumas negam problemas e mantêm a aparência de harmonia.

Outras elegem um integrante para receber as projeções dos conflitos familiares.



Determinados assuntos podem ser evitados por gerações, como:

- perdas;
- separações;
- violência;
- adoecimento;
- dependência;
- dificuldades financeiras;
- conflitos religiosos;
- segredos familiares.

As defesas familiares podem preservar temporariamente a unidade do grupo.

Entretanto, também podem impedir que os problemas sejam reconhecidos e tratados.

50. Mecanismos de defesa e religião

A experiência religiosa pode contribuir para a elaboração do sofrimento, a construção de sentido e o fortalecimento de vínculos.

Também pode participar de processos sublimatórios, altruístas e reparadores.

Entretanto, conceitos religiosos podem ser utilizados defensivamente.

Uma pessoa pode empregar explicações espirituais para evitar reconhecer sentimentos, conflitos familiares ou necessidades de tratamento.

Também pode utilizar a religião para intensificar a repressão, a culpa ou a condenação de aspectos da própria personalidade.

A Psicanálise não deve decidir se uma crença é verdadeira ou falsa.

Sua tarefa é compreender a função psíquica que aquela crença exerce na vida do sujeito.

51. Mecanismos de defesa e trabalho

O ambiente profissional mobiliza questões relacionadas à autoridade, reconhecimento, competição e autoestima.

Uma pessoa pode:

- projetar inseguranças nos colegas;
- idealizar superiores;
- desvalorizar subordinados;



- racionalizar fracassos;
- negar sinais de esgotamento;
- compensar sentimentos de inferioridade com desempenho excessivo;
- sublimar impulsos por meio da produção profissional;
- utilizar humor para enfrentar tensões.

O trabalho pode favorecer a criatividade e a realização.

Também pode funcionar como uma defesa contra a intimidade, o descanso ou o contato com sentimentos dolorosos.

52. Resistência

A resistência corresponde às forças que dificultam o acesso aos conteúdos inconscientes e a transformação dos padrões de funcionamento.

Ela pode manifestar-se por meio de:

- silêncios;
- esquecimentos;
- atrasos;
- faltas;
- mudanças de assunto;
- racionalizações;
- concordância excessiva;
- rejeição automática das interpretações;
- interrupção do tratamento;
- relatos sem envolvimento emocional.

A resistência não deve ser tratada como simples falta de colaboração.

Ela indica que o trabalho analítico está aproximando-se de conteúdos que mobilizam ansiedade.

Compreender a resistência é parte essencial do processo terapêutico.

53. Defesas na transferência

Na transferência, o paciente atualiza na relação com o analista padrões desenvolvidos em vínculos anteriores.

As defesas podem aparecer diretamente nessa relação.

O paciente pode idealizar o analista e considerá-lo incapaz de errar.



Pode projetar nele sentimentos de crítica, rejeição ou hostilidade.

Pode racionalizar suas faltas, negar sua dependência ou utilizar o humor para evitar assuntos dolorosos.

O analista observa essas manifestações e procura compreender sua função.

A interpretação precisa respeitar o tempo e a capacidade de elaboração do paciente.

54. Contratransferência e defesas

A contratransferência corresponde ao conjunto de reações emocionais despertadas no analista pela relação com o paciente.

Essas reações podem oferecer informações importantes sobre a dinâmica transferencial.

Um paciente que projeta sentimentos de incapacidade pode fazer o analista sentir-se confuso ou incompetente.

Outro pode provocar intensa necessidade de proteção.

O analista precisa examinar suas reações para evitar atuações e interpretações precipitadas.

A supervisão e a análise pessoal são fundamentais para que ele reconheça suas próprias defesas.

55. Defesas e sintomas

Os sintomas podem representar soluções defensivas construídas diante de conflitos.

Eles procuram reduzir a ansiedade e impedir o contato direto com determinados conteúdos.

Entretanto, produzem sofrimento e limitações.

Um sintoma pode envolver simultaneamente:

- satisfação inconsciente;
- punição;
- proteção;
- expressão de um desejo;
- defesa contra esse desejo;



- comunicação de sofrimento;
- repetição de uma experiência.

Por isso, a Psicanálise não considera o sintoma apenas um comportamento a ser eliminado.

Procura compreender sua função e os conflitos que ele representa.

56. Rigidez defensiva

Uma defesa torna-se problemática quando é utilizada de maneira rígida em diferentes situações.

A pessoa perde a capacidade de avaliar o contexto e responde sempre do mesmo modo.

Alguém que utiliza constantemente a negação não consegue reconhecer dificuldades.

Quem recorre excessivamente à projeção atribui todos os conflitos aos outros.

Uma pessoa que intelectualiza todas as experiências pode conhecer muitos conceitos, mas permanecer afastada dos próprios sentimentos.

A saúde psíquica está relacionada à possibilidade de utilizar diferentes recursos e abandonar uma defesa quando ela deixa de ser necessária.

57. Defesas e sofrimento psíquico

As defesas procuram evitar o sofrimento, mas também podem contribuir para sua manutenção.

A projeção constante produz conflitos.

A negação impede decisões necessárias.

A repressão excessiva favorece o retorno do conteúdo por meio de sintomas.

A clivagem dificulta relações estáveis.

O controle onipotente produz exaustão.

A racionalização impede o reconhecimento das motivações emocionais.

A defesa oferece proteção e, ao mesmo tempo, apresenta custos.

O trabalho clínico procura compreender essa dupla função.



58. Defesas adaptativas

Uma defesa é considerada mais adaptativa quando:

- preserva o contato com a realidade;
- não prejudica gravemente os relacionamentos;
- permite alguma satisfação;
- favorece a elaboração;
- pode ser abandonada quando necessário;
- amplia as possibilidades de ação;
- respeita os limites do sujeito e dos outros;
- contribui para a criatividade;
- reduz a ansiedade sem distorcer excessivamente os fatos.

Sublimação, humor, antecipação e supressão são frequentemente consideradas defesas maduras.

Entretanto, qualquer recurso pode tornar-se inadequado quando empregado de maneira rígida ou excessiva.

59. A interpretação das defesas

A interpretação de uma defesa exige cuidado.

Não basta identificar e nomear o mecanismo utilizado.

É necessário compreender:

- contra qual ansiedade a defesa protege;
- qual conflito está sendo evitado;
- quando ela se desenvolveu;
- que função apresenta atualmente;
- quais consequências produz;
- quais sentimentos poderiam surgir sem sua presença;
- quais recursos o sujeito possui para enfrentar esses sentimentos.

Uma interpretação correta apresentada no momento inadequado pode aumentar a ansiedade e fortalecer a resistência.

A técnica analítica exige sensibilidade para avaliar o tempo do paciente.

60. O fortalecimento do Ego

O objetivo da análise não é eliminar todas as defesas.



Sem elas, o sujeito poderia ficar exposto a níveis insuportáveis de ansiedade.

O trabalho procura fortalecer o Ego para que a pessoa possa:

- reconhecer seus sentimentos;
- tolerar ambivalências;
- diferenciar fantasia e realidade;
- admitir limitações;
- suportar frustrações;
- assumir responsabilidade;
- elaborar perdas;
- construir formas mais flexíveis de proteção;
- substituir atuações por palavras;
- transformar impulsos por meio da sublimação.

Um Ego fortalecido utiliza defesas de maneira mais flexível e preserva melhor o contato com a realidade.

61. Da repetição à elaboração

Enquanto o conflito permanece inconsciente, o sujeito tende a repeti-lo.

As defesas participam dessa repetição ao impedir que determinados conteúdos sejam reconhecidos.

Na análise, padrões defensivos aparecem na transferência e podem ser observados no presente.

A elaboração ocorre quando a pessoa consegue:

- reconhecer o padrão;
- compreender sua origem;
- experimentar os sentimentos relacionados;
- identificar suas consequências;
- construir novas formas de resposta;
- repetir menos automaticamente;
- tolerar escolhas diferentes.

A transformação não acontece apenas pela explicação intelectual.

Ela exige tempo, vínculo, experiência emocional e repetido trabalho de elaboração.



Resumo do capítulo

Os mecanismos de defesa são operações utilizadas pelo Ego para reduzir a ansiedade e administrar conflitos internos ou externos.

Todas as pessoas utilizam defesas. Sua presença não significa necessariamente doença. O problema aparece quando elas se tornam rígidas, excessivas ou provocam intenso afastamento da realidade.

Freud introduziu o conceito de defesa ao estudar o afastamento de conteúdos incompatíveis com a consciência. Anna Freud sistematizou o estudo dos mecanismos empregados pelo Ego.

Entre as principais defesas encontram-se repressão, negação, projeção, deslocamento, racionalização, intelectualização, formação reativa, regressão, isolamento do afeto, anulação retroativa, clivagem, idealização, desvalorização, identificação, sublimação e humor.

As defesas procuram proteger o sujeito, mas também podem contribuir para a manutenção dos sintomas e dos conflitos.

A saúde psíquica está relacionada à flexibilidade defensiva. O objetivo da Psicanálise não é eliminar todas as defesas, mas ampliar a capacidade de reconhecer sentimentos, elaborar conflitos e construir formas mais adequadas de enfrentar a realidade.



Glossário

Mecanismos de defesa: operações psíquicas utilizadas pelo Ego para reduzir a ansiedade e administrar conflitos.

Repressão ou recalque: afastamento inconsciente de conteúdos considerados ameaçadores.

Retorno do reprimido: reaparecimento indireto dos conteúdos reprimidos por meio de sintomas, sonhos ou atos falhos.

Negação: recusa de reconhecer uma realidade interna ou externa dolorosa.

Projeção: atribuição a outra pessoa de sentimentos ou impulsos pertencentes ao próprio sujeito.

Introjeção: incorporação psíquica de características, valores ou representações de outras pessoas.

Identificação: assimilação e transformação de características de outra pessoa.

Deslocamento: transferência de um sentimento de seu objeto original para outro menos ameaçador.

Formação reativa: transformação de um impulso em uma atitude exageradamente oposta.

Racionalização: elaboração de justificativas lógicas para motivações predominantemente emocionais.

Intellectualização: utilização excessiva de explicações abstratas para evitar sentimentos.

Isolamento do afeto: separação entre uma ideia ou lembrança e o sentimento relacionado a ela.

Anulação retroativa: tentativa simbólica de desfazer pensamentos, desejos ou ações.

Regressão: retorno temporário a formas anteriores de funcionamento.

Clivagem: separação dos aspectos positivos e negativos de si ou dos outros.

Idealização: atribuição exagerada de qualidades positivas.



Desvalorização: diminuição excessiva do valor de si, do outro ou de uma experiência.

Dissociação: separação entre experiências, pensamentos, sentimentos ou aspectos da identidade.

Acting out: expressão de conflitos por meio de ações em lugar da elaboração verbal.

Sublimação: direcionamento da energia pulsional para atividades criativas e socialmente construtivas.

Supressão: adiamento consciente da atenção dirigida a um sentimento ou problema.

Resistência: forças que dificultam o acesso aos conteúdos inconscientes e a transformação dos padrões psíquicos.



Atividades de aprendizagem

1. Defina mecanismos de defesa.
2. Por que a presença de mecanismos de defesa não significa necessariamente uma doença?
3. Qual é a relação entre ansiedade e defesa?
4. Explique a contribuição de Anna Freud para o estudo das defesas.
5. Diferencie repressão e supressão.
6. O que significa retorno do reprimido?
7. Explique o mecanismo de negação.
8. Em quais situações a negação pode apresentar uma função temporariamente protetora?
9. Defina projeção e apresente um exemplo.
10. Diferencie projeção e introjeção.
11. Explique a identificação com o agressor.
12. O que caracteriza o deslocamento?
13. Explique a formação reativa.
14. Diferencie racionalização e intelectualização.
15. O que ocorre no isolamento do afeto?
16. Explique a anulação retroativa.
17. Em que consiste a regressão?
18. Como a fantasia pode funcionar defensivamente?
19. Explique os mecanismos de compensação e supercompensação.
20. Qual é a diferença entre conversão e simulação consciente?
21. O que caracteriza o acting out?
22. Explique a clivagem.
23. Qual é a relação entre idealização e desvalorização?
24. Como a onipotência protege contra sentimentos de vulnerabilidade?
25. Explique o conceito de identificação projetiva.
26. Por que o humor pode ser considerado uma defesa madura?
27. Em quais condições o altruísmo pode tornar-se defensivo?
28. Explique a sublimação.
29. Como as defesas aparecem na transferência?
30. Por que o objetivo da análise não é eliminar todas as defesas?



Questões para reflexão

1. Uma defesa pode ser saudável em determinada situação e prejudicial em outra? Justifique.
2. Como diferenciar uma explicação racional legítima de uma racionalização defensiva?
3. Por que algumas pessoas atribuem constantemente aos outros sentimentos que não reconhecem em si mesmas?
4. Em quais situações o humor aproxima a pessoa de seus sentimentos e em quais situações a afasta?
5. Como as famílias podem compartilhar mecanismos de negação?
6. De que maneira o trabalho pode funcionar simultaneamente como sublimação e fuga?
7. Por que a idealização pode transformar-se rapidamente em desvalorização?
8. Como a religião pode favorecer a elaboração e também ser utilizada defensivamente?
9. Por que uma interpretação precipitada pode fortalecer as defesas?
10. Qual é a relação entre flexibilidade defensiva e saúde psíquica?



Proposta de estudo de caso

Carlos, de 41 anos, ocupa uma função de liderança em uma empresa. Considera-se uma pessoa racional e afirma que “sentimentos atrapalham as decisões”.

Quando recebe críticas, apresenta longas explicações para demonstrar que seus erros foram provocados por outras pessoas. Costuma afirmar que os colegas sentem inveja de sua competência.

Em casa, mantém uma postura aparentemente tranquila diante dos familiares. Entretanto, após situações de conflito no trabalho, irrita-se intensamente com pequenos acontecimentos domésticos.

Carlos exige organização e sente grande ansiedade quando alguma situação foge de seu planejamento. Raramente pede ajuda e acredita que demonstrar fragilidade significa perder autoridade.

Durante as sessões, descreve acontecimentos dolorosos de sua infância sem demonstrar emoção. Quando o analista pergunta sobre seus sentimentos, responde apresentando teorias e explicações gerais.

Com base no conteúdo estudado, responda:

1. Quais manifestações podem indicar racionalização?
2. Como a projeção aparece no relacionamento com os colegas?
3. Qual exemplo de deslocamento pode ser identificado?
4. De que maneira o controle onipotente aparece em sua rotina?
5. Quais elementos indicam isolamento do afeto?
6. Como a intelectualização aparece durante as sessões?
7. Que sentimentos podem estar sendo protegidos por essas defesas?
8. Por que a postura de autossuficiência não significa necessariamente segurança emocional?
9. Como essas defesas podem prejudicar os relacionamentos familiares e profissionais?
10. Como o analista poderia abordar essas defesas sem aumentar excessivamente a resistência?



Proposta de atividade em grupo

Divida a turma em seis grupos:

- Grupo 1 — Repressão, negação e supressão;
- Grupo 2 — Projeção, introjeção e identificação;
- Grupo 3 — Deslocamento, formação reativa e racionalização;
- Grupo 4 — Regressão, clivagem e idealização;
- Grupo 5 — Acting out, dissociação e isolamento do afeto;
- Grupo 6 — Sublimação, humor, antecipação e altruísmo.

Cada grupo deverá apresentar:

1. a definição dos mecanismos estudados;
2. um exemplo cotidiano de cada defesa;
3. uma situação clínica hipotética;
4. possíveis funções protetoras;
5. consequências do uso excessivo;
6. diferenças entre os mecanismos do grupo;
7. relação com a formação da personalidade;
8. uma pergunta para debate.



Atividade de análise conceitual

Analise as afirmações e explique se estão corretas ou incorretas.

1. Os mecanismos de defesa são utilizados somente por pessoas com transtornos psíquicos.
2. As defesas atuam predominantemente de maneira inconsciente.
3. A repressão elimina definitivamente os conteúdos afastados da consciência.
4. A negação pode oferecer proteção temporária diante de uma experiência dolorosa.
5. Na projeção, o sujeito atribui ao outro sentimentos que não reconhece em si mesmo.
6. A racionalização corresponde a qualquer explicação baseada na razão.
7. A intelectualização pode afastar o sujeito do contato com seus sentimentos.
8. O isolamento do afeto significa que a pessoa não sofreu com a experiência relatada.
9. A regressão é sempre um sinal de doença grave.
10. A clivagem dificulta a integração de qualidades e defeitos em uma mesma pessoa.
11. A idealização pode ser seguida por desvalorização.
12. O humor sempre representa uma defesa madura e saudável.
13. A sublimação transforma a energia pulsional em atividades construtivas.
14. A resistência deve ser tratada como falta de colaboração do paciente.
15. O objetivo da análise é eliminar completamente os mecanismos de defesa.
16. Uma mesma pessoa pode utilizar defesas diferentes em situações distintas.
17. A flexibilidade defensiva está relacionada à saúde psíquica.
18. Os sintomas podem apresentar uma função defensiva.
19. As defesas também aparecem na transferência.
20. A interpretação deve considerar a função que a defesa exerce para o sujeito.



Leitura complementar sugerida

FREUD, Sigmund. *As neuropsicoses de defesa.*

FREUD, Sigmund. *A repressão.*

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia.*

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id.*

FREUD, Anna. *O Ego e os mecanismos de defesa.*

KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros trabalhos.*

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação.*

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise.*

MCWILLIAMS, Nancy. *Diagnóstico psicanalítico.*

BERGERET, Jean. *A personalidade normal e patológica.*



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS
— CURSOS LIVRES —



MÓDULO III — DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

VOLUME III — FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

CAPÍTULO 5 – Integração do Desenvolvimento Psíquico

Fases do desenvolvimento, Complexo de Édipo, personalidade e mecanismos de defesa



Objetivos do capítulo

Ao final deste capítulo, espera-se que o estudante seja capaz de:

- compreender o desenvolvimento psíquico como um processo contínuo;
- relacionar as fases do desenvolvimento à formação da personalidade;
- reconhecer a importância das primeiras relações afetivas;
- compreender a participação do Complexo de Édipo na constituição psíquica;
- identificar a função dos mecanismos de defesa;
- analisar a influência das experiências infantis na vida adulta;
- evitar interpretações deterministas e simplificadoras;
- integrar os principais conceitos estudados no Módulo III;
- aplicar os conceitos em situações clínicas hipotéticas;
- reconhecer a singularidade da história de cada sujeito.



1. O desenvolvimento psíquico como processo

O desenvolvimento psíquico não acontece de maneira instantânea. Ele constitui um processo contínuo, iniciado nos primeiros momentos da vida e prolongado ao longo da existência.

O bebê humano nasce em uma condição de intensa dependência. Ele necessita de outras pessoas para alimentação, proteção, cuidado e regulação de suas experiências emocionais.

As primeiras relações não atendem apenas às necessidades biológicas. Elas também participam da organização do psiquismo.

Por meio dos cuidados recebidos, a criança começa a construir experiências relacionadas a:

- satisfação;
- frustração;
- segurança;
- confiança;
- espera;
- ausência;
- presença;
- prazer;
- desprazer;
- limites;
- reconhecimento;
- separação.

O desenvolvimento psíquico envolve a transformação dessas experiências em representações, sentimentos, fantasias e formas de relacionamento.

Cada nova etapa não elimina completamente as anteriores. Aspectos das fases infantis continuam presentes na personalidade adulta.

Por isso, a Psicanálise compreende o desenvolvimento como um processo no qual continuidade e transformação permanecem relacionadas.

2. A constituição do sujeito

Na perspectiva psicanalítica, o sujeito não nasce com uma personalidade completamente formada.



Ele possui disposições biológicas, mas necessita das relações para desenvolver sua organização psíquica.

O outro participa da constituição do sujeito ao oferecer:

- cuidados corporais;
- palavras;
- interpretações;
- afetos;
- limites;
- identificações;
- valores;
- expectativas;
- proteção;
- reconhecimento.

Antes mesmo de compreender as palavras, o bebê é inserido em uma rede de significados.

Ele recebe um nome, ocupa um lugar na família e torna-se objeto de desejos, fantasias e expectativas.

A constituição psíquica acontece no encontro entre as disposições do indivíduo e o ambiente no qual ele se desenvolve.

Desse modo, não é possível compreender uma pessoa considerando apenas sua herança biológica ou somente as influências sociais.

O sujeito constitui-se por meio da interação entre corpo, pulsão, relações, linguagem, cultura e história.

3. Desenvolvimento não significa simples crescimento

Crescimento e desenvolvimento não são conceitos idênticos.

O crescimento está relacionado principalmente às transformações corporais e biológicas.

O desenvolvimento psíquico envolve mudanças na maneira como a pessoa percebe a si mesma, relaciona-se com os outros e enfrenta a realidade.

Uma pessoa pode apresentar desenvolvimento físico esperado para sua idade e, ao mesmo tempo, demonstrar dificuldades emocionais significativas.

Também pode possuir grande capacidade intelectual, mas apresentar pouca tolerância às frustrações.



O amadurecimento psíquico envolve a capacidade de:

- reconhecer limites;
- tolerar esperas;
- diferenciar desejo e realidade;
- construir vínculos;
- suportar sentimentos contraditórios;
- elaborar perdas;
- reconhecer responsabilidades;
- expressar sentimentos;
- aceitar a dependência sem perder a autonomia;
- utilizar defesas de maneira flexível.

O desenvolvimento não acontece de forma uniforme. Uma mesma pessoa pode apresentar maturidade em determinada área e dificuldades em outra.

4. A importância das primeiras experiências

As primeiras experiências deixam marcas importantes na organização do psiquismo.

Isso não significa que os acontecimentos iniciais determinem de maneira absoluta toda a vida do sujeito.

As experiências posteriores podem produzir transformações, reparações e novas formas de relacionamento.

Entretanto, os primeiros vínculos oferecem modelos para a compreensão de si, dos outros e da realidade.

Quando o bebê recebe cuidados suficientemente constantes, pode desenvolver uma expectativa básica de que suas necessidades serão reconhecidas.

Quando os cuidados são intensamente imprevisíveis, violentos ou ausentes, podem surgir dificuldades relacionadas à confiança e à segurança.

A qualidade do cuidado não depende de perfeição.

Nenhum cuidador consegue compreender e satisfazer todas as necessidades da criança.

Pequenas falhas e frustrações também são importantes, pois ajudam a criança a reconhecer que o outro não está completamente submetido aos seus desejos.

O desenvolvimento saudável não exige ausência de frustração. Exige que as frustrações sejam proporcionais à capacidade da criança de suportá-las.



5. Continuidade e descontinuidade

O desenvolvimento apresenta momentos de continuidade e de descontinuidade.

A continuidade aparece na permanência de características, modos de sentir e padrões de relacionamento.

A descontinuidade ocorre quando novas experiências produzem reorganizações significativas.

Uma criança dependente pode tornar-se um adulto autônomo.

Uma pessoa criada em um ambiente rígido pode desenvolver formas mais flexíveis de relacionamento.

Um sujeito marcado por experiências de abandono pode construir vínculos seguros por meio de relações posteriores.

Essas transformações demonstram que o psiquismo possui plasticidade.

Entretanto, mudanças profundas geralmente exigem tempo, novas experiências e elaboração.

Os padrões antigos não desaparecem simplesmente porque a pessoa compreendeu intelectualmente sua origem.

Eles precisam ser reconhecidos na experiência e transformados progressivamente.

6. As fases do desenvolvimento psicosssexual

Freud descreveu o desenvolvimento psicosssexual por meio das fases oral, anal, fálica, período de latência e fase genital.

Cada fase apresenta uma forma predominante de organização da satisfação pulsional.

Na fase oral, a boca ocupa um lugar central nas experiências de satisfação e relação com o mundo.

Na fase anal, ganham importância as experiências relacionadas ao controle, à retenção, à expulsão e à autonomia.

Na fase fálica, a criança demonstra maior interesse pelas diferenças corporais, pelas questões de origem e pelas relações triangulares.

O período de latência caracteriza-se por uma relativa diminuição das manifestações sexuais infantis e por maior investimento nas aprendizagens e relações sociais.



Na fase genital, ocorre uma reorganização da sexualidade sob a influência da puberdade e da adolescência.

Essas fases não devem ser compreendidas como compartimentos completamente separados.

Características de uma fase podem continuar presentes nas etapas seguintes.

7. Fixação e permanência de experiências anteriores

A fixação ocorre quando parte da energia psíquica permanece ligada a determinada fase ou forma de satisfação.

Experiências excessivamente prazerosas ou frustrantes podem contribuir para uma fixação.

Na vida adulta, isso pode aparecer em formas específicas de dependência, controle, organização e busca de satisfação.

Entretanto, não se deve estabelecer relações automáticas entre um comportamento adulto e uma fase infantil.

Uma pessoa organizada não possui necessariamente uma “fixação anal”.

Alguém que aprecia comer ou conversar não apresenta obrigatoriamente uma “personalidade oral”.

A interpretação psicanalítica precisa considerar o conjunto da história do sujeito.

O conceito de fixação é uma ferramenta para compreender possíveis relações entre experiências anteriores e formas atuais de funcionamento.

Não deve ser utilizado como rótulo.

8. Regressão e situações de crise

Em momentos de crise, o sujeito pode retornar temporariamente a modos anteriores de funcionamento.

Esse processo recebe o nome de regressão.

Uma pessoa que normalmente apresenta autonomia pode tornar-se mais dependente durante uma doença.

Um adulto submetido a intensa pressão pode reagir de maneira impulsiva, buscando proteção ou evitando responsabilidades.



A regressão não significa necessariamente um transtorno.

Em determinadas situações, ela permite que a pessoa receba cuidados e reorganize seus recursos.

O problema aparece quando a regressão se torna persistente ou impede o enfrentamento da realidade.

A capacidade de recuperar o funcionamento anterior após uma crise é um importante sinal de flexibilidade psíquica.

9. A relação entre satisfação e frustração

O desenvolvimento acontece por meio da relação entre satisfação e frustração.

A satisfação oferece segurança, prazer e confiança.

A frustração introduz limites e contribui para o reconhecimento da realidade.

Quando a criança experimenta somente frustrações excessivas, pode desenvolver sentimentos de desamparo e insegurança.

Quando não encontra limites, pode apresentar dificuldades para reconhecer que os outros possuem necessidades e desejos próprios.

A criança precisa aprender progressivamente que:

- nem todos os desejos podem ser satisfeitos;
- a satisfação nem sempre ocorre imediatamente;
- o outro não existe apenas para atendê-la;
- algumas perdas são inevitáveis;
- os sentimentos podem ser suportados;
- os limites não significam necessariamente abandono;
- a espera pode ser tolerada;
- existem formas simbólicas de satisfação.

O equilíbrio não significa oferecer a mesma quantidade de satisfação e frustração.

Significa proporcionar experiências adequadas às necessidades e às possibilidades de elaboração da criança.

10. Do princípio do prazer ao princípio da realidade

Freud descreveu o funcionamento psíquico a partir da relação entre princípio do prazer e princípio da realidade.



O princípio do prazer busca reduzir tensões e obter satisfação imediata.

O princípio da realidade considera as condições externas, os limites e as consequências.

O bebê inicialmente possui pouca capacidade para adiar a satisfação.

Com o desenvolvimento, aprende progressivamente a esperar, planejar e encontrar formas possíveis de realizar seus desejos.

O princípio da realidade não elimina o princípio do prazer.

Ele modifica os caminhos utilizados para alcançar a satisfação.

O sujeito passa a compreender que determinadas satisfações precisam ser adiadas ou transformadas.

Essa capacidade participa do desenvolvimento do Ego.

11. A formação do Ego

O Ego desenvolve-se como uma organização responsável pela mediação entre as exigências pulsionais, as proibições e a realidade.

Ele desempenha funções relacionadas a:

- percepção;
- pensamento;
- memória;
- planejamento;
- controle da ação;
- julgamento;
- regulação dos afetos;
- utilização das defesas;
- adaptação à realidade;
- construção da identidade.

O Ego não é inteiramente consciente.

Parte de seu funcionamento ocorre de maneira inconsciente.

Um Ego fortalecido não é aquele que elimina os conflitos, mas aquele que consegue administrá-los sem perder excessivamente o contato com a realidade.

A força do Ego pode ser observada na capacidade de tolerar ansiedade, frustração, ambivalência e incerteza.



12. A relação entre Id, Ego e Superego

Na segunda tópica, Freud organizou o aparelho psíquico em Id, Ego e Superego.

O Id representa o campo das pulsões e busca satisfação.

O Ego procura conciliar as exigências do Id, do Superego e da realidade.

O Superego reúne proibições, ideais e exigências morais interiorizadas.

Essas instâncias não são partes físicas do cérebro. São modelos teóricos utilizados para compreender o funcionamento psíquico.

O conflito pode surgir quando o Id exige determinada satisfação, o Superego a condena e a realidade impede sua realização.

O Ego procura construir uma solução.

Essa solução pode envolver:

- adiamento;
- transformação;
- renúncia;
- compromisso;
- defesa;
- sublimação;
- produção de sintomas.

A saúde psíquica depende da possibilidade de negociação entre essas exigências.

13. O Complexo de Édipo na organização psíquica

O Complexo de Édipo ocupa uma posição importante na teoria freudiana.

Ele representa a entrada da criança em uma estrutura relacional triangular.

A criança percebe que o cuidador não existe exclusivamente para ela.

Existe uma terceira pessoa, uma relação, uma atividade ou uma realidade que limita sua pretensão de exclusividade.

A experiência edípica envolve desejos, rivalidades, identificações, proibições e reconhecimento de limites.

Sua elaboração contribui para:

- formação do Superego;



- construção das identificações;
- reconhecimento das diferenças;
- aceitação da impossibilidade de possuir completamente o outro;
- ingresso em relações sociais mais amplas;
- organização dos desejos;
- reconhecimento das normas culturais.

O Complexo de Édipo não deve ser reduzido a uma narrativa literal de desejo amoroso por um dos pais e ódio pelo outro.

Ele representa uma estrutura mais ampla de desejo, limite, alteridade e identificação.

14. A função do terceiro

A função do terceiro introduz uma separação na relação entre a criança e seu cuidador principal.

Essa função não precisa ser exercida exclusivamente pelo pai biológico.

Pode ser representada por pessoas, vínculos, atividades, normas e instituições que demonstram que o cuidador possui outros interesses e relações.

A função do terceiro ajuda a criança a compreender que:

- não ocupa todos os lugares;
- o outro possui desejos próprios;
- existem regras anteriores à sua vontade;
- as relações não são completamente exclusivas;
- a separação pode ser suportada;
- é possível investir em novos vínculos;
- o amor não exige posse absoluta.

A presença dessa função contribui para o desenvolvimento da autonomia e da socialização.

15. Renúncia e elaboração

O desenvolvimento exige renúncias.

A criança precisa abandonar a fantasia de possuir exclusivamente as figuras de cuidado.

Precisa reconhecer limites corporais, familiares e sociais.

A renúncia não significa ausência de desejo.



Ela permite que a energia ligada ao desejo encontre novos destinos.

A criança pode investir em:

- amizades;
- aprendizagem;
- brincadeiras;
- atividades artísticas;
- esportes;
- projetos;
- relações sociais;
- conhecimentos;
- ideais.

A elaboração das renúncias participa da capacidade futura de enfrentar perdas e frustrações.

Quando a pessoa não consegue renunciar a determinadas fantasias, pode permanecer presa a expectativas impossíveis.

16. Identificação e formação da personalidade

A identificação é um processo central na formação da personalidade.

Por meio dela, o sujeito assimila características de pessoas significativas.

A criança pode identificar-se com:

- pais;
- responsáveis;
- irmãos;
- professores;
- líderes;
- personagens;
- grupos;
- figuras religiosas;
- referências culturais.

A identificação não é uma simples imitação.

O sujeito transforma aquilo que recebe e integra determinadas características à sua própria organização.

As identificações podem ser conscientes ou inconscientes.



Podem envolver qualidades admiradas, comportamentos rejeitados ou aspectos relacionados a vínculos ambivalentes.

A personalidade forma-se por meio de múltiplas identificações.

17. A ambivalência nas relações

Ambivalência é a presença simultânea de sentimentos diferentes ou opostos em relação à mesma pessoa.

É possível amar alguém e sentir raiva.

É possível admirar uma pessoa e também invejá-la.

É possível desejar proximidade e, ao mesmo tempo, temer a dependência.

A criança pequena apresenta dificuldade para integrar sentimentos contraditórios.

Pode perceber o cuidador que satisfaz como bom e o cuidador que frustra como mau.

Com o amadurecimento, desenvolve a capacidade de compreender que se trata da mesma pessoa.

A tolerância à ambivalência representa uma importante conquista psíquica.

Ela permite relações mais realistas, nas quais as pessoas não precisam ser consideradas completamente boas ou completamente más.

18. Integração da personalidade

A integração da personalidade envolve a possibilidade de reconhecer diferentes aspectos de si mesmo.

O sujeito integrado consegue admitir que possui qualidades e limitações.

Também reconhece impulsos, desejos e sentimentos contraditórios.

Isso não significa que todos os conflitos tenham sido resolvidos.

Significa que eles podem ser reconhecidos sem provocar uma fragmentação intensa.

A integração permite que a pessoa diga:

- “Posso amar e sentir raiva”;
- “Posso acertar e cometer erros”;



- “Posso ser forte e precisar de ajuda”;
- “Posso discordar de alguém sem destruí-lo”;
- “Posso sentir medo e ainda assim agir”;
- “Posso reconhecer limites sem perder meu valor”.

Quanto maior a integração, menor a necessidade de utilizar defesas que dividam radicalmente as experiências.

19. Personalidade e singularidade

A personalidade corresponde a uma organização relativamente estável de sentimentos, pensamentos, comportamentos e formas de relacionamento.

Entretanto, estabilidade não significa imobilidade.

A personalidade pode ser transformada por experiências, vínculos, crises, perdas, aprendizagens e processos terapêuticos.

Cada pessoa organiza de maneira singular:

- suas pulsões;
- suas identificações;
- seus conflitos;
- suas defesas;
- suas fantasias;
- seus valores;
- sua relação com o corpo;
- seus vínculos;
- sua história.

Duas pessoas que vivem experiências semelhantes podem desenvolver personalidades diferentes.

Isso ocorre porque cada acontecimento é interpretado e integrado de maneira singular.

20. Temperamento, caráter e personalidade

Embora sejam relacionados, temperamento, caráter e personalidade não possuem exatamente o mesmo significado.

O temperamento está ligado às disposições emocionais e comportamentais que aparecem desde os primeiros períodos da vida.

O caráter corresponde a formas mais estáveis de agir, relacionar-se e responder às exigências.



A personalidade constitui uma organização mais ampla, incluindo temperamento, caráter, identidade, defesas, valores, afetos e relações.

Esses conceitos não devem ser utilizados de forma rígida.

A Psicanálise procura compreender como essas dimensões se organizaram na história do sujeito.

21. O papel dos mecanismos de defesa

Os mecanismos de defesa protegem o sujeito contra níveis excessivos de ansiedade.

Eles aparecem quando o Ego enfrenta conflitos internos ou externos.

As defesas podem afastar pensamentos, transformar sentimentos, modificar percepções ou direcionar impulsos para outros objetos.

Entre os principais mecanismos encontram-se:

- repressão;
- negação;
- projeção;
- deslocamento;
- racionalização;
- formação reativa;
- regressão;
- isolamento do afeto;
- clivagem;
- idealização;
- sublimação;
- humor.

As defesas não são necessariamente patológicas.

Todas as pessoas as utilizam.

O problema aparece quando se tornam rígidas, excessivas ou provocam grande distorção da realidade.

22. Defesas e fases do desenvolvimento

Os mecanismos de defesa também estão relacionados ao desenvolvimento.

Nos primeiros períodos da vida, a criança utiliza formas mais simples de proteção psíquica.



Ela pode dividir as experiências entre totalmente boas e totalmente más.

Pode negar aquilo que não consegue suportar ou atribuir ao outro sentimentos que pertencem a si.

Com o amadurecimento, espera-se o desenvolvimento de defesas mais flexíveis.

O sujeito passa a apresentar maior capacidade para:

- reconhecer sentimentos;
- suportar contradições;
- transformar impulsos;
- adiar reações;
- aceitar limites;
- elaborar conflitos;
- utilizar palavras em lugar de ações impulsivas.

Defesas consideradas primitivas não desaparecem completamente. Elas podem reaparecer em situações de crise.

23. Ansiedade e organização defensiva

A ansiedade funciona como um sinal de perigo para o Ego.

O perigo pode estar relacionado a:

- perda do amor;
- abandono;
- punição;
- desaprovação;
- desintegração;
- fracasso;
- exposição;
- culpa;
- vergonha;
- perda de controle;
- retorno de experiências traumáticas.

Diante desse perigo, o Ego utiliza mecanismos de defesa.

Uma pessoa que teme a rejeição pode negar sua necessidade de afeto.

Outra pode projetar no parceiro o próprio desejo de afastamento.

Alguém que sente hostilidade pode demonstrar gentileza exagerada.



Compreender uma defesa exige identificar a ansiedade contra a qual ela procura proteger o sujeito.

24. Conflito psíquico

O conflito psíquico ocorre quando desejos, proibições, valores e exigências da realidade entram em oposição.

Uma pessoa pode desejar independência e, ao mesmo tempo, temer o abandono.

Pode desejar reconhecimento, mas sentir culpa ao se destacar.

Pode querer proximidade e temer ser controlada.

Pode desejar expressar raiva e acreditar que isso destruirá a relação.

O conflito não representa necessariamente uma doença.

Ele faz parte da condição humana.

O sofrimento aumenta quando o sujeito não consegue reconhecer o conflito ou quando utiliza soluções defensivas muito rígidas.

O trabalho analítico procura tornar esses conflitos mais compreensíveis e elaboráveis.

25. O sintoma como formação de compromisso

Na Psicanálise, o sintoma pode ser compreendido como uma formação de compromisso.

Ele procura conciliar forças psíquicas em conflito.

Ao mesmo tempo que expressa um desejo, também oferece proteção contra ele.

Um sintoma pode proporcionar:

- satisfação inconsciente;
- proteção;
- punição;
- comunicação;
- redução da ansiedade;
- repetição de uma experiência;
- manutenção de um vínculo;
- afastamento de determinada situação.

Isso não significa que o sujeito escolha conscientemente produzir o sintoma.



Sua formação ocorre predominantemente de maneira inconsciente.

A compreensão de sua função é importante para o trabalho clínico.

26. Repetição de padrões

Experiências anteriores podem ser repetidas em relações atuais.

Uma pessoa que viveu vínculos marcados pela instabilidade pode escolher repetidamente relações semelhantes.

Outra pode interpretar qualquer afastamento como abandono.

Alguém que precisou cuidar dos familiares desde cedo pode tornar-se incapaz de receber cuidados.

A repetição não é uma decisão completamente consciente.

O sujeito recria situações conhecidas na tentativa de dominá-las, confirmá-las ou encontrar uma solução diferente.

Entretanto, sem elaboração, a repetição tende a reproduzir o sofrimento.

27. Compulsão à repetição

Freud utilizou o conceito de compulsão à repetição para descrever a tendência de reviver experiências e conflitos que não foram elaborados.

A repetição pode aparecer em:

- escolhas amorosas;
- conflitos profissionais;
- relações familiares;
- comportamentos autodestrutivos;
- formas de abandono;
- fracassos recorrentes;
- padrões transferenciais.

A pessoa pode afirmar que deseja uma mudança, mas continuar repetindo as mesmas formas de relacionamento.

Isso não significa falta de vontade.

Demonstra a força de processos inconscientes.

A análise procura transformar repetição em recordação, compreensão e elaboração.



28. Desenvolvimento e trauma

O trauma ocorre quando uma experiência ultrapassa a capacidade do sujeito de compreendê-la e elaborá-la.

O efeito traumático não depende apenas do acontecimento externo.

Também está relacionado:

- à idade;
- ao desenvolvimento emocional;
- à intensidade da experiência;
- à duração;
- à existência de proteção;
- à possibilidade de falar;
- às respostas das pessoas próximas;
- às experiências anteriores;
- aos recursos psíquicos disponíveis.

Uma mesma situação pode produzir efeitos diferentes em pessoas distintas.

O trauma pode interferir na confiança, na percepção de segurança e na capacidade de estabelecer vínculos.

Entretanto, uma experiência traumática não determina necessariamente toda a vida futura.

Relações seguras e tratamentos adequados podem favorecer a elaboração.

29. O papel do ambiente

O ambiente participa ativamente do desenvolvimento psíquico.

Um ambiente suficientemente cuidador oferece proteção sem impedir completamente a autonomia.

Também oferece limites sem transformar toda frustração em ameaça.

Entre as funções importantes do ambiente encontram-se:

- atender necessidades básicas;
- oferecer estabilidade;
- reconhecer sentimentos;
- proteger contra situações perigosas;
- estabelecer limites;
- permitir experiências de autonomia;



- reparar falhas;
- favorecer a simbolização;
- respeitar a singularidade;
- permitir separações progressivas.

O ambiente não precisa ser perfeito.

Ele precisa possuir capacidade suficiente para reconhecer necessidades e reparar falhas inevitáveis.

30. Falhas ambientais e possibilidades de reparação

As falhas ambientais fazem parte de todas as relações.

Um cuidador pode não compreender determinada necessidade.

Pode reagir de maneira inadequada ou estar temporariamente indisponível.

O efeito da falha depende de sua intensidade, frequência e duração.

Também depende da possibilidade de reparação.

A reparação acontece quando o adulto reconhece o problema, retoma o vínculo e oferece à criança uma nova experiência.

Isso ensina que as relações podem sobreviver aos conflitos.

A ausência total de falhas não prepararia a criança para a realidade.

Por outro lado, falhas intensas e repetidas podem comprometer a segurança emocional.

31. Desenvolvimento psíquico e linguagem

A linguagem permite transformar experiências em representações.

Antes de conseguir falar, a criança comunica-se por meio do corpo, do choro, dos gestos e das ações.

Progressivamente, aprende a nomear:

- desejos;
- medos;
- dores;
- necessidades;
- sentimentos;
- pessoas;



- acontecimentos.

Quando uma experiência pode ser nomeada, ela se torna mais passível de elaboração.

A linguagem não elimina o sofrimento, mas oferece recursos para organizá-lo.

Na análise, a palavra ocupa um lugar fundamental porque permite transformar ações, sintomas e repetições em experiências que podem ser pensadas.

32. Do ato à palavra

Durante o desenvolvimento, espera-se que a criança amplie sua capacidade de substituir ações impulsivas por palavras.

Uma criança pequena pode bater quando sente raiva porque ainda não consegue representar completamente o sentimento.

Com o amadurecimento, aprende a dizer que está frustrada, com ciúme ou com medo.

Esse processo depende da ajuda dos adultos.

O cuidador contribui quando:

- reconhece o sentimento;
- estabelece limites para a ação;
- oferece palavras;
- não humilha a criança;
- demonstra que o afeto pode ser suportado;
- ensina formas possíveis de expressão.

Na vida adulta, dificuldades de simbolização podem aparecer por meio de atuações, sintomas corporais e comportamentos impulsivos.

33. Desenvolvimento da autonomia

Autonomia não significa ausência de vínculos ou necessidades.

Uma pessoa autônoma consegue fazer escolhas e assumir responsabilidades, mas também reconhece quando precisa de ajuda.

A autonomia desenvolve-se gradualmente.

A criança necessita experimentar pequenas separações e conquistas.

Precisa receber oportunidades para:



- escolher;
- tentar;
- errar;
- reparar;
- explorar;
- assumir responsabilidades compatíveis com sua idade;
- expressar opiniões;
- enfrentar pequenas frustrações.

O excesso de controle pode dificultar a autonomia.

A ausência de orientação também pode produzir insegurança.

O desenvolvimento exige proteção e liberdade em proporções adequadas.

34. Dependência e interdependência

O desenvolvimento não conduz a uma independência absoluta.

Os seres humanos permanecem dependentes de vínculos, relações e estruturas sociais.

A maturidade envolve a passagem de uma dependência absoluta para formas relativas de dependência e interdependência.

Na interdependência, a pessoa consegue:

- cuidar e receber cuidados;
- pedir ajuda;
- oferecer apoio;
- manter vínculos sem perder completamente sua individualidade;
- aceitar separações;
- reconhecer necessidades próprias e alheias;
- estabelecer limites.

A fantasia de não precisar de ninguém pode representar uma defesa contra experiências de abandono ou decepção.

35. Desenvolvimento da identidade

A identidade corresponde à experiência de continuidade e reconhecimento de si.

Ela envolve a percepção de que a pessoa permanece sendo ela mesma apesar das mudanças.

A identidade é construída por meio de:



- experiências corporais;
- relações;
- identificações;
- lembranças;
- valores;
- escolhas;
- pertencimentos;
- narrativas pessoais;
- reconhecimento social;
- projetos futuros.

A identidade não é completamente fixa.

Ela pode ser reorganizada ao longo da vida.

A adolescência representa um período especialmente importante para a revisão das identificações infantis e a construção de novos projetos.

36. Adolescência e reorganização psíquica

A adolescência envolve transformações corporais, sexuais, sociais e emocionais.

O adolescente precisa elaborar a perda do corpo infantil e construir uma nova relação com os pais, com os grupos e consigo mesmo.

Nesse período, podem aparecer:

- questionamentos;
- idealizações;
- conflitos com autoridades;
- busca de pertencimento;
- insegurança;
- necessidade de reconhecimento;
- comportamentos impulsivos;
- oscilações emocionais;
- construção de projetos;
- revisão de valores.

Essas manifestações não devem ser automaticamente consideradas patológicas.

É necessário avaliar sua intensidade, duração e consequências.

A adolescência representa uma reorganização da personalidade.

37. Desenvolvimento psíquico na vida adulta



O desenvolvimento não termina na infância ou na adolescência.

A vida adulta apresenta novas tarefas psíquicas.

Entre elas encontram-se:

- estabelecimento de vínculos afetivos;
- trabalho;
- responsabilidade;
- parentalidade;
- perdas;
- envelhecimento;
- mudanças profissionais;
- cuidado com outras pessoas;
- revisão de projetos;
- reconhecimento de limites.

Cada etapa pode reativar conflitos anteriores.

O nascimento de um filho pode mobilizar lembranças da própria infância.

Uma perda pode reativar sentimentos antigos de abandono.

Uma promoção profissional pode despertar conflitos relacionados ao sucesso, à culpa e à autoridade.

O desenvolvimento permanece aberto a novas reorganizações.

38. Desenvolvimento psíquico e envelhecimento

O envelhecimento envolve mudanças corporais, sociais e afetivas.

A pessoa pode precisar elaborar perdas relacionadas à saúde, ao trabalho, aos vínculos e aos projetos.

Ao mesmo tempo, o envelhecimento pode favorecer integração, criatividade e transmissão de experiências.

A maneira como cada sujeito enfrenta essa etapa depende de sua história e de seus recursos psíquicos.

Podem ser mobilizadas questões relacionadas a:

- dependência;
- finitude;
- memória;



- legado;
- solidão;
- reconhecimento;
- autonomia;
- sentido da vida.

O envelhecimento não deve ser compreendido somente como declínio.

Ele também pode representar uma etapa de elaboração e reorganização.

39. Desenvolvimento e cultura

O desenvolvimento psíquico acontece dentro de uma cultura.

Cada sociedade apresenta valores, normas e expectativas relacionadas à infância, à família, à sexualidade e aos papéis sociais.

A cultura influencia:

- formas de cuidado;
- modos de expressão emocional;
- ideais;
- proibições;
- relações de autoridade;
- expectativas de gênero;
- experiências religiosas;
- organização familiar;
- possibilidades de identificação.

A teoria psicanalítica precisa dialogar criticamente com os diferentes contextos históricos e culturais.

Conceitos desenvolvidos em determinado período não devem ser aplicados de maneira automática a todas as sociedades.

40. A influência da família

A família constitui um dos primeiros espaços de desenvolvimento psíquico.

Entretanto, não existe apenas um modelo legítimo de família.

As funções de cuidado, proteção, limite e reconhecimento podem ser exercidas em diferentes configurações familiares.

O mais importante é compreender como os vínculos estão organizados.



A análise considera:

- qualidade dos cuidados;
- estabilidade;
- comunicação;
- limites;
- formas de expressão dos afetos;
- resolução de conflitos;
- segredos;
- expectativas;
- lugares atribuídos a cada integrante;
- possibilidades de autonomia.

A família pode oferecer proteção, mas também pode transmitir conflitos não elaborados.

41. Transmissão psíquica entre gerações

As famílias transmitem valores, histórias, identificações e modos de relacionamento.

Também podem transmitir silêncios, medos, culpas e conflitos.

Determinadas experiências não elaboradas por uma geração podem influenciar as seguintes.

Isso pode acontecer por meio de:

- segredos;
- repetições;
- expectativas;
- proibições;
- identificações;
- narrativas familiares;
- lugares atribuídos aos filhos;
- formas de lidar com perdas.

A transmissão não é inevitável.

Quando os conflitos são reconhecidos e elaborados, novas formas de relacionamento podem ser construídas.

42. Saúde psíquica

A saúde psíquica não corresponde à ausência completa de conflitos, ansiedade ou sofrimento.



Uma pessoa psicologicamente saudável também experimenta tristeza, medo, raiva, culpa e frustração.

A saúde está relacionada à capacidade de:

- reconhecer a realidade;
- construir vínculos;
- trabalhar e criar;
- tolerar ambivalências;
- elaborar perdas;
- utilizar defesas flexíveis;
- assumir responsabilidades;
- pedir ajuda;
- transformar experiências;
- encontrar formas possíveis de satisfação.

A saúde não constitui um estado permanente.

Ela envolve movimentos de equilíbrio e reorganização.

43. Sinais de maior integração psíquica

Entre os sinais de maior integração psíquica encontram-se:

- percepção realista de si e dos outros;
- capacidade de reconhecer qualidades e limitações;
- tolerância às frustrações;
- possibilidade de reparar danos;
- flexibilidade defensiva;
- capacidade de amar sem exigir posse absoluta;
- autonomia relativa;
- reconhecimento das próprias necessidades;
- responsabilidade pelas escolhas;
- capacidade de aprender com experiências;
- utilização da criatividade;
- preservação do contato com a realidade.

Esses aspectos devem ser compreendidos como referências, e não como critérios rígidos de normalidade.



44. Sinais de sofrimento no desenvolvimento

Algumas manifestações podem indicar sofrimento e necessidade de avaliação.

Entre elas encontram-se:

- prejuízo persistente nas relações;
- incapacidade de reconhecer a realidade;
- comportamentos repetitivos de risco;
- ansiedade intensa;
- isolamento extremo;
- agressividade frequente;
- dependência incapacitante;
- sintomas corporais persistentes sem elaboração emocional;
- rigidez defensiva;
- sentimentos contínuos de vazio;
- dificuldade intensa de identidade;
- impossibilidade de realizar atividades cotidianas.

Nenhum sinal isolado permite estabelecer um diagnóstico.

A avaliação deve considerar a história, o contexto, a duração e a intensidade das manifestações.

45. O perigo do determinismo

A utilização inadequada da teoria pode produzir interpretações deterministas.

O determinismo aparece quando se afirma que determinada experiência infantil produzirá inevitavelmente um comportamento adulto.

O desenvolvimento humano é mais complexo.

Uma experiência pode apresentar diferentes efeitos conforme:

- a personalidade;
- a idade;
- o ambiente;
- os vínculos posteriores;
- os recursos psíquicos;
- a possibilidade de elaboração;
- o contexto cultural;
- a repetição ou interrupção do acontecimento.

A Psicanálise investiga relações possíveis, não destinos inevitáveis.



46. O perigo dos rótulos

Conceitos como fixação, regressão, projeção e Complexo de Édipo não devem ser utilizados para rotular pessoas.

Dizer que alguém “é oral”, “é anal” ou “não resolveu o Édipo” simplifica excessivamente sua organização psíquica.

Os conceitos precisam contribuir para a compreensão, e não para julgamentos.

Um comportamento pode possuir diferentes significados em pessoas distintas.

A interpretação exige escuta, contexto e conhecimento da história individual.

O uso de conceitos fora de uma investigação cuidadosa pode produzir preconceitos e conclusões equivocadas.

47. A escuta da singularidade

A escuta psicanalítica procura compreender o significado singular das experiências.

Duas pessoas podem apresentar o mesmo comportamento por motivos diferentes.

O silêncio pode representar:

- medo;
- resistência;
- reflexão;
- raiva;
- vergonha;
- proteção;
- dificuldade de simbolização;
- necessidade de tempo.

Da mesma maneira, o excesso de fala pode representar entusiasmo, ansiedade, defesa ou tentativa de controlar a relação.

A escuta não se limita ao comportamento visível.

Ela procura compreender os sentidos, os afetos e os conflitos envolvidos.

48. Desenvolvimento e transferência

Na análise, experiências anteriores são atualizadas na relação com o analista.

Esse processo recebe o nome de transferência.



O paciente pode vivenciar o analista como:

- cuidador;
- autoridade;
- rival;
- figura crítica;
- protetor;
- pessoa que poderá abandoná-lo;
- alguém que precisa ser agradado;
- alguém que deve ser controlado.

Essas experiências não são simples reproduções do passado.

Elas constituem reorganizações que acontecem na relação presente.

A transferência permite observar os padrões de relacionamento em funcionamento.

49. A função da interpretação

A interpretação procura ampliar a compreensão do sujeito sobre seus conflitos e padrões.

Ela pode estabelecer relações entre:

- sentimentos;
- pensamentos;
- comportamentos;
- experiências anteriores;
- defesas;
- sintomas;
- transferência;
- repetições.

Entretanto, interpretar não significa revelar rapidamente uma verdade escondida.

A interpretação precisa considerar:

- o momento;
- a capacidade de elaboração;
- o vínculo;
- o nível de ansiedade;
- a função da defesa;
- a linguagem do paciente.

Uma interpretação precipitada pode fortalecer a resistência.



50. Elaboração

A elaboração é um processo pelo qual o sujeito trabalha repetidamente seus conflitos e experiências.

Compreender intelectualmente uma situação não é suficiente para transformá-la.

A pessoa pode saber que teme o abandono e continuar reagindo intensamente a qualquer separação.

A elaboração envolve:

- reconhecer o padrão;
- experimentar os sentimentos;
- compreender a origem;
- observar as repetições;
- construir novas respostas;
- tolerar mudanças;
- aceitar limites;
- integrar novos significados.

Esse processo exige tempo.

A transformação psíquica não ocorre de maneira imediata.

51. Desenvolvimento e possibilidade de mudança

A existência de experiências infantis marcantes não significa que o sujeito esteja condenado a repeti-las.

O psiquismo pode construir novas formas de funcionamento.

As mudanças podem ser favorecidas por:

- vínculos seguros;
- educação;
- autoconhecimento;
- experiências reparadoras;
- análise;
- grupos de apoio;
- participação social;
- atividades criativas;
- reconhecimento dos conflitos;
- novas escolhas.

A mudança não apaga a história.



Ela permite estabelecer outra relação com aquilo que foi vivido.

52. Integração dos quatro capítulos anteriores

Os conteúdos do Módulo III podem ser integrados da seguinte forma:

As fases do desenvolvimento apresentam diferentes modos de organização da satisfação e da relação com o mundo.

O Complexo de Édipo introduz questões relacionadas ao desejo, à triangulação, aos limites e às identificações.

A personalidade forma-se pela articulação entre disposições, experiências, identificações, conflitos e vínculos.

Os mecanismos de defesa protegem o Ego contra ansiedades produzidas durante esse processo.

Esses elementos não atuam separadamente.

Eles constituem diferentes perspectivas para a compreensão do desenvolvimento psíquico.

53. Aplicação clínica integrada

Na prática clínica, o analista não observa apenas um mecanismo isolado.

Ele procura compreender o conjunto do funcionamento.

Ao escutar um paciente, pode considerar:

- experiências iniciais;
- qualidade dos vínculos;
- fases do desenvolvimento;
- identificações;
- conflitos edípicos;
- formação do Superego;
- relação com limites;
- mecanismos de defesa;
- padrões de repetição;
- organização da personalidade;
- realidade atual.

A compreensão clínica é construída progressivamente.

Nenhum conceito isolado explica completamente uma pessoa.



54. Exemplo de compreensão integrada

Considere uma pessoa que demonstra grande necessidade de controle.

Uma interpretação simplificada afirmaria que ela apresenta apenas características relacionadas à fase anal.

Uma compreensão integrada investigaria:

- quando a necessidade de controle apareceu;
- quais experiências de imprevisibilidade viveu;
- como os cuidadores reagem às suas necessidades;
- quais sentimentos aparecem diante de imprevistos;
- quais perdas teme;
- como enfrenta a dependência;
- quais defesas utiliza;
- como se relaciona com autoridades;
- quais benefícios e prejuízos o controle produz.

O comportamento visível constitui apenas o ponto inicial da investigação.

55. Ética na utilização dos conceitos

Os conceitos psicanalíticos precisam ser empregados com responsabilidade.

O estudante deve evitar:

- diagnosticar familiares;
- rotular colegas;
- interpretar pessoas sem autorização;
- explicar todo comportamento pela infância;
- ignorar fatores sociais e culturais;
- atribuir sintomas físicos exclusivamente a causas psíquicas;
- utilizar a teoria para desqualificar sentimentos;
- apresentar hipóteses como verdades absolutas.

O conhecimento psicanalítico deve ampliar a escuta e o respeito pela complexidade humana.

56. Desenvolvimento psíquico e responsabilidade

Compreender a influência da história não significa eliminar a responsabilidade do sujeito.

A pessoa não escolheu muitas das experiências que viveu.



Entretanto, na vida adulta, pode assumir responsabilidade pela maneira como responde a elas.

Responsabilidade não significa culpa absoluta.

Significa reconhecer a participação do sujeito em suas escolhas e relações.

A análise procura ampliar a liberdade possível.

Quanto mais o sujeito reconhece seus padrões inconscientes, maior pode ser sua capacidade de construir respostas diferentes.

57. Liberdade e determinação

O sujeito é influenciado por sua história, mas não é inteiramente determinado por ela.

A liberdade humana não é absoluta.

Ela acontece dentro de condições corporais, sociais, históricas e psíquicas.

A Psicanálise amplia a liberdade ao tornar reconhecíveis algumas forças inconscientes.

Quando um padrão permanece inconsciente, tende a ser repetido como se fosse inevitável.

Quando pode ser pensado, surgem novas possibilidades.

A análise não promete liberdade completa, mas pode ampliar a capacidade de escolha.

58. A finalidade do estudo do desenvolvimento psíquico

Estudar o desenvolvimento psíquico permite compreender como se constituem:

- desejos;
- medos;
- vínculos;
- defesas;
- sintomas;
- identidades;
- escolhas;
- formas de satisfação;
- relações com limites;
- maneiras de enfrentar perdas.



Esse conhecimento oferece uma base para o estudo posterior das organizações psicopatológicas e da técnica clínica.

Entretanto, a teoria não substitui a escuta.

Sua função é orientar perguntas e ampliar possibilidades de compreensão.

59. Síntese integradora

O desenvolvimento psíquico resulta da articulação entre corpo, pulsão, relações, linguagem, cultura e história.

As fases do desenvolvimento descrevem formas predominantes de organização da satisfação.

O Complexo de Édipo participa da estruturação dos desejos, das identificações e dos limites.

A personalidade forma-se por meio de experiências, vínculos e conflitos.

Os mecanismos de defesa permitem ao Ego enfrentar ansiedades, embora possam produzir sofrimento quando utilizados de maneira rígida.

A maturidade não significa ausência de conflitos.

Ela corresponde à possibilidade de reconhecê-los, elaborá-los e enfrentá-los com maior flexibilidade.

60. Considerações finais

O estudo do desenvolvimento psíquico demonstra que o ser humano está em permanente processo de constituição.

A infância possui importância fundamental, mas não representa um destino imutável.

As experiências posteriores podem confirmar, modificar ou reparar marcas anteriores.

O desenvolvimento envolve satisfação e frustração, dependência e autonomia, desejo e limite, continuidade e transformação.

Compreender esse processo exige evitar explicações simplificadoras.

Cada sujeito apresenta uma história singular.



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS
— CURSOS LIVRES —



A Psicanálise procura escutar essa singularidade e compreender como o passado permanece vivo no presente, sem retirar do sujeito a possibilidade de construir novos caminhos.



Resumo do capítulo

O desenvolvimento psíquico é um processo contínuo que começa nas primeiras relações e permanece aberto a transformações durante toda a vida.

As fases do desenvolvimento psicosssexual descrevem diferentes formas de organização da satisfação. O Complexo de Édipo introduz questões relacionadas à triangulação, às identificações e ao reconhecimento dos limites.

A personalidade forma-se pela articulação entre disposições individuais, experiências, vínculos, fantasias e conflitos.

Os mecanismos de defesa protegem o Ego contra a ansiedade. Sua utilização não representa necessariamente doença, mas a rigidez defensiva pode produzir sofrimento.

As experiências infantis exercem influência, mas não determinam completamente a vida adulta. Novos vínculos e processos de elaboração podem transformar padrões anteriores.

A saúde psíquica está relacionada à integração, à flexibilidade, à capacidade de estabelecer vínculos e à possibilidade de reconhecer sentimentos contraditórios.



Glossário

Desenvolvimento psíquico: processo de constituição e transformação do funcionamento emocional, relacional e simbólico.

Integração psíquica: capacidade de reconhecer e reunir diferentes aspectos de si e dos outros.

Ambivalência: presença simultânea de sentimentos diferentes ou opostos em relação à mesma pessoa.

Fixação: permanência de parte da energia psíquica ligada a uma fase ou forma anterior de satisfação.

Regressão: retorno temporário a formas anteriores de funcionamento.

Identificação: processo de assimilação e transformação de características de outra pessoa.

Triangulação: reconhecimento de uma relação que inclui uma terceira pessoa ou função.

Função do terceiro: elemento que introduz separação, limites e alteridade na relação inicial entre criança e cuidador.

Formação de compromisso: solução psíquica que procura atender simultaneamente a forças em conflito.

Compulsão à repetição: tendência inconsciente de repetir experiências, vínculos ou conflitos não elaborados.

Simbolização: capacidade de representar experiências por meio de palavras, imagens, pensamentos ou produções culturais.

Elaboração: processo contínuo de reconhecimento, experiência e transformação dos conflitos psíquicos.

Flexibilidade defensiva: capacidade de utilizar diferentes defesas e abandoná-las quando deixam de ser necessárias.

Interdependência: forma madura de relação na qual autonomia e necessidade de vínculos são reconhecidas.



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS

— CURSOS LIVRES —



Singularidade: maneira própria pela qual cada sujeito organiza e atribui significado às suas experiências.



Atividades de aprendizagem

1. Defina desenvolvimento psíquico.
2. Por que o desenvolvimento não termina na infância?
3. Diferencie crescimento físico e desenvolvimento psíquico.
4. Explique a importância das primeiras relações afetivas.
5. Qual é a função da satisfação no desenvolvimento?
6. Por que a frustração também é necessária?
7. Explique a relação entre princípio do prazer e princípio da realidade.
8. Quais são as principais funções do Ego?
9. Como Id, Ego e Superego participam do conflito psíquico?
10. Explique a função do Complexo de Édipo.
11. O que significa função do terceiro?
12. Qual é a relação entre identificação e personalidade?
13. Explique o conceito de ambivalência.
14. Por que a capacidade de tolerar ambivalências representa amadurecimento?
15. Diferencie temperamento, caráter e personalidade.
16. Qual é a função dos mecanismos de defesa?
17. Por que as defesas não são necessariamente patológicas?
18. Como as defesas se modificam durante o desenvolvimento?
19. Explique a relação entre ansiedade e defesa.
20. O que significa compreender o sintoma como formação de compromisso?
21. Explique a compulsão à repetição.
22. Por que experiências traumáticas produzem efeitos diferentes em cada pessoa?
23. Qual é o papel do ambiente no desenvolvimento?
24. Explique a importância da reparação das falhas ambientais.
25. Qual é a relação entre linguagem e elaboração?
26. Diferencie autonomia e independência absoluta.
27. Como a identidade é construída?
28. Por que a adolescência representa uma reorganização psíquica?
29. Quais tarefas psíquicas aparecem na vida adulta?
30. Por que os conceitos psicanalíticos não devem ser utilizados como rótulos?



Questões para reflexão

1. As experiências infantis determinam completamente a personalidade adulta? Justifique.
2. Como uma frustração pode contribuir para o amadurecimento?
3. Por que a ausência de limites pode prejudicar o desenvolvimento?
4. É possível amar e sentir raiva da mesma pessoa?
5. Como as experiências familiares influenciam as escolhas adultas?
6. Uma defesa considerada madura pode tornar-se prejudicial?
7. De que maneira o ambiente pode reparar experiências anteriores?
8. Como a cultura interfere na formação da personalidade?
9. Por que compreender um comportamento exige conhecer sua função?
10. De que maneira o autoconhecimento pode ampliar a liberdade?



Estudo de caso

Mariana, de 36 anos, procura análise após o término de um relacionamento. Afirma que sempre escolhe parceiros emocionalmente indisponíveis.

Durante a infância, sua mãe enfrentava períodos de tristeza e permanecia afastada. O pai viajava frequentemente e evitava conversas sobre sentimentos.

Mariana aprendeu a cuidar dos irmãos e tornou-se uma criança considerada muito responsável. Na vida adulta, sente dificuldade para pedir ajuda e acredita que precisa resolver tudo sozinha.

No início dos relacionamentos, idealiza os parceiros e considera que finalmente encontrou alguém perfeito. Quando percebe alguma falha, sente-se intensamente decepcionada e passa a desvalorizar a pessoa.

Afirma desejar proximidade, mas sente-se sufocada quando o parceiro demonstra maior dependência. Quando teme ser abandonada, afasta-se primeiro.

No trabalho, é reconhecida por sua competência, mas apresenta grande dificuldade para delegar tarefas. Quando comete um erro, apresenta longas justificativas e sente intensa vergonha.

Com base no conteúdo estudado, responda:

1. Como as experiências infantis podem ter influenciado sua necessidade de autossuficiência?
2. Qual é a relação entre o afastamento dos cuidadores e suas escolhas amorosas?
3. Quais manifestações indicam idealização?
4. Como a desvalorização aparece nos relacionamentos?
5. Que defesa pode estar presente em sua dificuldade para pedir ajuda?
6. Como a repetição aparece em suas escolhas amorosas?
7. Por que Mariana se afasta quando teme ser abandonada?
8. Qual conflito existe entre seu desejo de proximidade e seu medo de dependência?
9. Como a necessidade de controle aparece no trabalho?
10. Que sentimentos podem estar sendo protegidos pelas justificativas apresentadas após os erros?
11. Como a análise poderia ajudá-la a reconhecer esses padrões?
12. Por que reconhecer a influência da infância não significa retirar sua responsabilidade atual?



Atividade integradora do Módulo III

Divida a turma em quatro grupos:

- Grupo 1 — Fases do desenvolvimento;
- Grupo 2 — Complexo de Édipo;
- Grupo 3 — Formação da personalidade;
- Grupo 4 — Mecanismos de defesa.

Cada grupo deverá preparar uma apresentação contendo:

1. os principais conceitos do tema;
2. a contribuição de Freud;
3. contribuições de outros autores psicanalíticos;
4. exemplos do desenvolvimento infantil;
5. possíveis manifestações na vida adulta;
6. relações com os demais capítulos;
7. cuidados contra interpretações deterministas;
8. uma situação clínica hipotética;
9. uma pergunta para debate;
10. uma síntese escrita.

Ao final, os grupos deverão construir coletivamente um quadro explicando como as fases do desenvolvimento, o Complexo de Édipo, a personalidade e os mecanismos de defesa participam da constituição do sujeito.



Proposta de Trabalho 2

Tema

A constituição do sujeito na perspectiva psicanalítica

Orientações

O estudante deverá produzir um trabalho escrito relacionando os quatro conteúdos centrais do Módulo III:

- fases do desenvolvimento;
- Complexo de Édipo;
- formação da personalidade;
- mecanismos de defesa.

O texto deverá apresentar:

1. introdução ao desenvolvimento psíquico;
2. explicação das fases do desenvolvimento;
3. análise da função do Complexo de Édipo;
4. relação entre identificações e personalidade;
5. explicação da função dos mecanismos de defesa;
6. integração entre os quatro temas;
7. um estudo de caso hipotético;
8. considerações finais;
9. referências utilizadas.

Critérios de avaliação

- compreensão dos conceitos: 2,0 pontos;
- integração dos conteúdos: 2,0 pontos;
- fundamentação teórica: 2,0 pontos;
- aplicação no estudo de caso: 1,5 ponto;
- organização e coerência: 1,0 ponto;
- linguagem acadêmica: 1,0 ponto;
- referências e apresentação: 0,5 ponto.

Valor total: 10,0 pontos.



Leitura complementar sugerida

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*.

FREUD, Sigmund. *A dissolução do Complexo de Édipo*.

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia*.

FREUD, Anna. *O Ego e os mecanismos de defesa*.

KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação*.

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação*.

ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*.

MCWILLIAMS, Nancy. *Diagnóstico psicanalítico*.